

Ulysses Paulino de Albuquerque
editor

TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS

diferentes pessoas, diferentes jornadas

Ulysses Paulino de Albuquerque (editor)

TRAJETÓRIAS ACADÊMICAS

diferentes pessoas, diferentes jornadas



Recife – Pernambuco – Brasil

Primeira edição publicada em 2022 por NUPEEA
www.nupeea.com

Copyright© Autores
Publicado no Brasil

Revisão
Autores

Editor
Prof. Dr. Ulysses Paulino de Albuquerque

Publicação comemorativa aos 20 anos do Laboratório de Ecologia e Evolução de Sistemas Socioecológicos (LEA), da Universidade Federal de Pernambuco.

Coedição

canal6 editora



Este é um e-book distribuído sob os termos da Creative Commons Attribution License (CC BY). O uso, distribuição ou reprodução em outros fóruns é permitido, desde que o(s) autor(es) original(is) e o(s) proprietário(s) dos direitos autorais sejam creditados e que a publicação original seja citada, de acordo com a prática acadêmica aceita. Não é permitido nenhum uso, distribuição ou reprodução que não esteja em conformidade com estes termos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Benitez Catalogação Assessoria Editorial)

T688 Trajetórias acadêmicas : diferentes pessoas, diferentes jornadas / [editor]
1.ed. Ulysses Paulino de Albuquerque. – 1.ed. – Recife, PE : Nupeea : Bauru, SP
 : Canal 6, 2022.
 132 p.; 16 x 23 cm.

ISBN 978-85-7917-567-1 (impresso)
ISBN 978-85-7917-570-1(e-book)

1. Acadêmicos - Histórias de vida. 2. Jornada acadêmica.
3. Laboratório de Ecologia e Evolução de Sistemas Socioecológicos (LEA)
da Universidade Federal de Pernambuco. 4. Pós-graduação. I. Albuquerque,
Ulysses Paulino de.

04-2022/34

CDD 928

Índice para catálogo sistemático:

1. Acadêmicos : Histórias de vida 928

Bibliotecária responsável: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Sumário

Apresentação	7
Prefácio	9
Sapere aude	11
<i>Ulysses Paulino de Albuquerque</i>	
Construindo conhecimento coletivamente: Lições de quase 20 anos de trajetória acadêmica	21
<i>Washington Soares Ferreira Júnior</i>	
É possível ser feliz na academia? As dores e as delícias da minha trajetória profissional	27
<i>Juliana Loureiro de Almeida Campos</i>	
A Política pela Alimentação	34
<i>Michelle Cristine Medeiros Jacob</i>	
Você não controla quase nada nessa vida	43
<i>André Sobral</i>	
Uma jornada de escolhas possíveis	50
<i>Rafael Ricardo Vasconcelos da Silva</i>	

Em uma trajetória de desencontros, o (re)encontro com a ciência 58

Henrique Fernandes de Magalhães

PESSOAS, COISAS E LUGARES que me fizeram escolher e seguir a
carreira acadêmica 66

Taline Cristina da Silva

É preciso enxergar e abandonar aquilo que não te leva para frente:
os caminhos trilhados em minha trajetória acadêmica 75

Marcelo Alves Ramos

Uma breve história de determinação na formação acadêmica 86

Alissandra Trajano Nunes

Sobre recordações acadêmicas e experiências disruptivas 92

Patrícia Muniz de Medeiros

Do sétimo andar posso te dizer: vá sem medo 102

José Ribamar de Sousa Júnior

Um sonho, uma caminhada, uma conquista: minha trajetória 110

Leticia Zenóbia de Oliveira Campos

A feminina voz do etnobotânico 117

Gustavo Taboada Soldati

Foi caminhando que eu fiz o caminho da minha trajetória 123

Gilney Charll Santos

Apresentação

Como surgiu a ideia deste livro? Ela surgiu do desejo de que o(a) leitor(a) conheça a jornada de distintas pessoas que optaram pela pós-graduação e, por conseguinte, pela vida acadêmica. Existe uma grande incompreensão da jornada acadêmica: alguns romantizam o processo, outros o demonizam como algo sofrido e um desafio sobre-humano. Ao narrar variadas trajetórias, este livro permite acompanhar breves retratos do percurso de pessoas com diferentes desafios, narrativas e perspectivas de sua própria experiência.

É preciso avisar que o livro tem um forte viés, já que conheço todos os autores. Na verdade, nossas vidas acadêmicas se cruzaram, de modo a produzir experiências para todas as partes. Acompanhei os caminhos traçados, definidos e redefinidos por essas pessoas enquanto se construíam como profissionais e como seres humanos. Na condição de expectador, pude presenciar algumas de suas lutas e vitórias a partir da experiência, vivência e interpretação que eu tinha de cada uma dessas pessoas. Ao ler os seus relatos, sou transportado para um momento em que esses pensamentos, neste momento explicitados, não eram acessíveis para mim. Trata-se de pensamentos constituídos de uma matéria rica de desafios integrantes de uma história que agora se torna palpável pela narrativa dessas pessoas – amadurecidas e distanciadas temporalmente dos acontecimentos que descrevem.

Sinto a falta de, pelo menos, uma dessas histórias: a que poderia ser contada pela Dra. Ivanilda Soares Feitosa, que nos deixou tão precocemente no início do mês de setembro de 2020. Este livro nasce também inspirado em sua trajetória acadêmica, repleta de obstáculos e superações.

Ela partiu no auge de suas reflexões sobre a sua trajetória, marcada pela sua vontade, que não a abandonava, de superar suas próprias limitações e de fazer as pazes com seu passado, com as pessoas e com os lugares que cruzaram o seu caminho. Este livro é a ela dedicado.

Prof. Ulysses Paulino de Albuquerque
Universidade Federal de Pernambuco
Recife, Pernambuco, março de 2022.

Prefácio

Nós, cientistas, somos mensageiros. Somos seres que contam histórias. Temos, neste sentido, algo em comum com os anjos, que são mensageiros por excelência. Mas... de quantas maneiras se pode contar uma história? Quão grande é a nossa diversidade? Uma primeira leitura pode nos fazer pensar que este livro “**Trajétórias acadêmicas: diferentes pessoas, diferentes jornadas**” é apenas uma representação dessas diferenças. De fato, o conjunto desta obra que você tem em mãos (ou em tela) mostra aquilo que não se encontra em “materiais e métodos”, nem tampouco em “resultados e discussão”. Mas, desta vez, a caixa-preta a ser aberta não é um sistema computacional nem um ecossistema. É a própria identidade do cientista em construção que se escancara, aqui e agora. Isso é muito oportuno nesta época em que vivemos, quando tentamos, por meio de nossas obras científicas, ressaltar o valor que a diversidade biocultural tem. Está de parabéns o Professor Paulino de Albuquerque por esta iniciativa.

Mas, como se não bastasse, podemos ir mais além, se buscarmos as relações que entretecem a diversidade humana retratada neste livro. Afinal, **as diferenças é que são relacionantes**, como já disse Eduardo Viveiros de Castro. Quando olho em conjunto (e de modo relacional) os diferentes depoimentos contidos neste livro, o primeiro sentimento que me vem é de gratidão pelo trabalho dessas pessoas que fazem da busca pelo saber o seu ofício. Imaginem como seria o mundo se não houvesse pessoas assim... A partir disso, situo-me no mundo em comunhão com essas pessoas e com o sofrimento e a angústia envolvidos nessa busca incessante do saber. Sofrimentos estes que estão tão bem representados neste livro. Sinto-me no dever de honrar essa busca e os percalços que parecem ser inerentes a ela.

Pode, entretanto, surgir daí uma nova visão, inclusive para mim, por ser eu mesmo um cientista: uma visão segundo a qual essa busca pelo saber, da qual se ocupam os cientistas, representa também um gozo, um regozijo, um deleite, enfim, um prazer. **Prazer em conhecer!** Somos pessoas em busca desse e de outros prazeres!

Aquelas pessoas que frequentam os laboratórios e escritórios acadêmicos, tendo a ciência (ou melhor as ciências, no plural) como profissão, são *as mesmas* que descansam em casa, tomam cerveja, ouvem música, vão a cultos religiosos, aos cinemas e às praias. Esses outros prazeres não surgem **depois** daquele prazer envolvido na busca (profissional) pelo saber científico, e sim o contrário. Até porque **nós não nascemos cientistas**; nós nos tornamos cientistas algum tempo depois de nascer. Este livro nos proporciona, com sucesso, o acesso a essa multidimensionalidade da vida das pessoas, sejam elas consideradas (pelos outros) como cientistas ou não.

E com esta visão em mente, sabendo que os cientistas são capazes, inclusive, de gerar obras como este livro, através das quais podemos ter acesso a algumas das suas (nossas) próprias idiossincrasias, contradições, frustrações, desejos e sonhos, tenho ainda mais respeito e gosto pelo seu (nosso) ofício. Um ofício que tenta trazer ao mundo visões cada vez mais lúcidas e críticas sobre os seres vivos, os ecossistemas, as sociedades, as galáxias, as epidemias e até mesmo (quem diria?) sobre os sonhos dos próprios cientistas.

Portanto, eu gostaria que você leitora ou leitor tomasse ciência de que, salvo engano meu, o conteúdo deste livro é, em si mesmo, científico. Tome ciência!

Prof. Ângelo Giuseppe Chaves Alves
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Departamento de Biologia
Recife, Pernambuco, março de 2022.

Sapere aude

ULYSSES PAULINO DE ALBUQUERQUE

*Todo começo
Também é um fim
E todo fim
É um recomeço*

*Eu tenho medo
Do atirar
Da baladeira
Da corredeira
Do passar
Do tempo em mim*

*Do estopim
Do findar
Da derradeira
Da quebradeira
Do chegar
Do tempo ao fim*

*Do tempo do pai pro filho
O mesmo desassossego
O tempo que volta e meia
É a prece primeira*

*O tempo de andar ligeiro
O mesmo tropeço
A pedra que rasga o vento
Na forquilha da baladeira*

Todo começo...

*Eu tenho medo
Do fechar
Do firmamento
Do movimento
Do andar
Do tempo assim*

*Do que em mim
Do ficar
Do desalento
Do sofrimento
Do faltar
Do tempo enfim*

Do tempo do pai pro filho...

Todo começo...

*Eu tenho medo
Do findar
Do movimento
Do desalento
Do passar
Do tempo ao fim*

*Do estopim
Do fechar
Da derradeira
Da baladeira
Do faltar
Do tempo em mim*

Do tempo do pai pro filho...

Todo começo...

*Onde é que teu medo dói?
Se engana quem pensa
Que a vida é lagoa*

Onde é que teu medo dói?
Quem conhece o tombo
Não anda na proa
Baladeira, de Alessandra Leão

Quando me deparei com a possibilidade de concorrer à promoção para Professor Titular, surgiram dois sentimentos: uma inusitada expectativa, associada à sensação de retorno ao princípio de minha carreira, quando prestei os primeiros concursos acompanhado de toda a angústia e ansiedade que esses eventos trazem consigo; e a incerteza acerca do que significa escrever um memorial. Apesar da clareza que a palavra carrega consigo, preparar um memorial não era uma tarefa óbvia para mim ou para os colegas a quem recorri a fim de tirar dúvidas. Certamente, um memorial não pode se assemelhar ao curriculum vitae, pois este é um material que, embora apresente experiências vividas e seja cronologicamente definido, carece do cenário, ou seja, do pano de fundo em que os “fatos” ocorreram.

Encontrei, então, em Pasqualotti (2018)¹ uma descrição interessante sobre a tarefa que me aguardava: elaborar um memorial é “reconstituir a própria existência”. Sem dúvida, não se trata de uma reconstrução impessoal e fria, mas de uma narrativa cronologicamente circunstanciada, pessoalmente descrita e emocionalmente situada. A ideia de perseguir objetividade e impessoalidade ao descrever a própria jornada me parece um abuso do modelo “politicamente correto” de redigir um trabalho acadêmico. Por essa razão, resolvi adotar a proposta de Santos (2005)², que explicitamente declara que o memorial é

[...] muito mais relevante quando se trata de se ter uma percepção mais qualitativa do significado dessa vida, não só por terceiros, responsáveis por alguma avaliação e escolha, mas, sobretudo pelo próprio autor do significado dessa vida.

1 Pasqualotti, A. 2018. Memorial descritivo. Acessado em 24 de setembro de 2018. Disponível em: <http://usuarios.upf.br/~pasqualotti/memorial.htm>

2 Santos, G.C. 2005. Roteiro para elaboração de Memorial. Campinas, Graf. FE.

Talvez a parte mais difícil de elaborar tal documento seja justamente avaliar a própria jornada, as escolhas, as certezas e as incertezas, as conquistas e as derrotas, as aventuras e os arrependimentos. Quando pensei sobre isso, logo me veio à mente um fragmento da memorável autobiografia do francês François Jacob (1988)³, Prêmio Nobel de Medicina:

Trago em mim, esculpida desde a infância, uma espécie de estátua interior que dá continuidade à minha vida e constitui a parte mais íntima e o mais sólido núcleo do meu caráter. Modelei essa estátua ao longo de toda a minha existência. Retoquei-a, afinei-a e poli-a sem cessar. A goiva e o cinzel, neste caso, têm sido os encontros e as combinações. Os ritmos que se entrecrocaram, todas as inquietações e todos os constrangimentos, as marcas deixadas por uns e por outros, pela vida e pelo sonho.

Na primeira vez que li o texto de Jacob, ainda como estudante de graduação, fui marcado pela narrativa poderosa, repleta de sentimentos suscitados pelos altos e baixos da vida de um grande cientista que deixou seu nome gravado nos Anais da História da Ciência. Mais marcante, pelo menos na minha leitura, é a verdade indelével de suas palavras: somos fruto de nossas experiências, das inquietações, dos constrangimentos e das marcas deixadas pelos afetos e desafetos (conquistados e gratuitos).

Ao pensar em escrever uma breve narrativa para a proposta deste livro, o seguinte questionamento veio à tona: que aspecto da minha jornada (ou de minhas memórias) poderia interessar a outros? A minha trajetória foi marcada por muitos movimentos, um vai e vem constante de dúvidas, certezas, pessoas, lugares e paisagens. E, ao voltar no tempo para reconstruir esses momentos, à luz de minha memória, percebo a felicidade do encontro com pessoas que cruzaram meu caminho, deixando marcas inesquecíveis que moldaram meus sonhos e me ensinaram as diferenças entre ser e ter.

Um dos maiores desafios que vivenciei foi quando, chegado o momento de cursar o segundo grau (Ensino Médio), meu pai fez questão de me matricular em uma escola particular, o Colégio e Curso Bairro Novo, em Olinda, cujo diretor era seu amigo de longa data. Me senti

3 Jacob, F. 1988. A estátua interior. Trad. de Regina Loura. Lisboa, Dom Quixote.

despreparado para enfrentar aquele universo: tímido e com baixa autoestima, logo me vi tendo de lutar como um leão para sobreviver à adolescência e às deficiências de uma formação não muito boa em disciplinas da área de exatas. Eu me sentia deslocado, e o ambiente escolar só fez agravar essa sensação. Creio que muito dos sentimentos de inferioridade que me acompanharam até parte da vida adulta surgiram nessa época.

Apesar de os professores me considerarem um bom aluno, eu travava uma luta constante para entender Física e Matemática. Não ajudava muito o fato de me sentir um completo inapto, e foi com muita dificuldade que consegui completar meus estudos, tanto pelas deficiências de que já falei quanto pelas dificuldades financeiras que minha família passava. O ano de 1988, em especial, foi o mais difícil de todos: era o ano em que prestaria vestibular. Além do peso que isso representa para um adolescente, havia o grande investimento e esforço que minha mãe fazia para me manter em uma escola particular (na ocasião, meu pai já estava separado de minha mãe há algum tempo e não pagava mais a mensalidade escolar).

No dia 1º de junho desse mesmo ano – dia de seu aniversário –, meu pai faleceu, assassinado, na madrugada de um sábado, às vésperas de um simulado de Biologia que eu teria no colégio (eu era muito bom em Biologia). Não foi fácil para mim nem para meus dois irmãos. Naquele fatídico sábado, eu levaria meus irmãos para visitar meu pai, que já se encontrava divorciado de minha mãe há pelo menos sete anos. Para mim, a dor foi aguda, pois fazia dois meses que não falava com meu pai. Uma briga boba, fruto de minha imaturidade e incapacidade de compreender o outro, trouxe uma dor que arrastei por mais de 20 anos e que me afetou em diferentes aspectos. Com o tempo, consegui me perdoar – entendi que naquele período eu não poderia ter tomado outra atitude, posto que não havia essa opção – e me reconciliei comigo e com a figura de meu pai. Comemorei esse reencontro publicando, em 2011, um livro chamado *Sobre Pessoas e Coisas*, que reúne poesias de meu pai e contos de minha autoria.

Meus pais foram os primeiros grandes amores e a primeira grande inspiração de minha vida. Nessa época, eu procurava me recordar de meu pai lendo as poesias que ele escrevera nas noites de Olinda ou da Praia do Janga (lugar em que faleceu), algumas dedicadas a mim e aos meus irmãos. Havia uma em particular, que redescobri logo após o seu falecimento, enquanto olhava seus pertences, que me pareceu profética:

*Vou
Neste momento ao encontro da última quimera.
Fim.*

*Vaguei
Num silêncio de livros.
Vou
E sinto já estar aqui.*

*Agiganta-se a mim tamanho cálice
Moldado nesta derradeira loucura.*

*Longe,
Consonâncias de vozes
Choram ou sorriem?*

*Foram-se a tristeza e a dor,
Nada mais me atormenta...
Nada?!*

*Há algo de horrenda miséria,
São milhões que de meu corpo
Se alimentam.*

Foi um ano difícil. Resolvi prestar vestibular para Biologia. Fred, meu professor de Biologia de então, não gostou muito da ideia e me aconselhou a concorrer para o curso de Medicina com o argumento de que este era muito mais completo que o de Ciências Biológicas. Aceitei aquela argumentação com a maturidade de um adolescente de 17 anos e prestei vestibular em 1988 para ingresso no ano seguinte, tendo como primeira opção Medicina e como segunda opção Ciências Biológicas. Apesar de todas as promessas de novos caminhos, o falecimento do professor Paulino (meu pai), como o chamavam seus alunos, foi um baque. Como filho mais velho, precisei me tornar mais forte do que eu era, pois não poderia me dar ao luxo de não ser aprovado no vestibular. Estavam em jogo o esforço pessoal e a dedicação de toda uma vida de minha mãe, que também era professora – ela lecionava Língua Portuguesa.

Minha mãe passou por muitas dificuldades para poder estudar, tendo de usar papel de embrulho como caderno quando criança e ficado com as

mãos calejadas por passar horas copiando os livros que não podia comprar. Não! Reprovar não era uma opção. Em janeiro de 1989, na segunda fase do vestibular, um pouco mais de seis meses depois do falecimento de meu pai, meu avô, Antonio Alves de Lima, o acompanhou pela jornada oculta e misteriosa da morte. Fui, então, fazer a prova de redação do vestibular quase como um robô, ausente de tudo e cansado... Senti, em determinado momento, o prédio da Universidade Católica de Pernambuco, local em que eu realizava as provas, girar tal qual uma roda gigante de sentimentos conflitantes e angustiantes.

Confesso que não tinha certeza de que Ciências Biológicas era a melhor opção para meu espírito inquieto. As incertezas cresceram quando, na matrícula, os cursos da área de saúde, exceto Medicina, eram denominados de paramédicos. Mesmo com toda a minha imaturidade, achei aquilo um insulto, humilhante e irritante: “Ciências Biológicas não é um curso paramédico. é Ciências Biológicas e ponto”. O primeiro semestre do curso foi simplesmente atordoante; pensei em desistir de tudo. Não conseguia acompanhar o ritmo alucinado e frenético das disciplinas do então chamado ciclo básico. Cada semana havia um professor diferente, com um assunto diferente e uma didática também diferente. Às vezes, tinha a sensação de que eu deveria ficar em casa e estudar para as provas – parecia muito mais proveitoso. Não sei se os outros sentiam o mesmo que eu, mas minha turma, que começou com 30 alunos, foi aos poucos diminuindo, a tal ponto que, no final do primeiro ano, eu era o único sobrevivente, acompanhado do desejo de que o ano seguinte, com as disciplinas do ciclo profissional, trouxesse novas esperanças e motivações.

Um fator decisivo para minha permanência no curso foram as aulas da disciplina de Estudo dos Problemas Brasileiros, ministrada pelo professor Oswaldo Lira, do Departamento de Botânica da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professor Oswaldo nos apresentou a antiga hierarquia universitária, com seus mestrados e doutorados, e expôs um tema interessante: plantas medicinais e fitoterapia. Falei para mim mesmo que era isso que queria fazer da vida: ser doutor e trabalhar com plantas medicinais! Mas, ao mesmo tempo, quando percebi toda a trajetória que teria de percorrer, me senti, mais uma vez, envolvido pelo meu velho e antigo sentimento de incapacidade.

Durante o ano de 1990, iniciei um estágio que constituiu minha primeira experiência de iniciação científica. Anteriormente, eu havia passado rapidamente pelo Departamento de Micologia, que, na época, orientava os futuros estagiários a conhecerem a pesquisa de diferentes professores antes de uma vinculação. Na iniciação científica, eu experienciei os primeiros grandes desafios que aos poucos foram me transformando em um estudante mais confiante e mais interessado pela ciência. Eu trabalhava com Ecologia Marinha e achava o tema fascinante, mas o fato de não me sentir completo fazendo o que eu fazia me inquietava. Sempre fui fascinado pelas descobertas, carregando, em meu âmago, a convicção de que poderia trabalhar com qualquer temática, desde que eu fosse constantemente desafiado a saber e a descobrir mais e mais. Eu já havia feito todos os planos para o mestrado e o doutorado na área de Biologia Marinha, bem como direcionado meus esforços e escassos investimentos para isso.

Em 1992, eu já estava concluindo o curso e ainda não havia tido muitas oportunidades de participar de eventos científicos em função do rígido controle das finanças familiares, mesmo sendo bolsista da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) desde 1990. Para abalar ainda mais a situação, a relação pessoal com a minha então orientadora foi se degenerando aos poucos, de forma que, após alguns traumáticos eventos, tive de abandonar meus planos. Na época, não conseguia entender o que poderia levar uma das pessoas que mais admirava a me chamar de burro e a dizer que meu futuro já estava escrito: *“no máximo, você será a pessoa que esvazia as lixeiras da universidade”*. Foi desesperador. A pouca autoconfiança que eu havia conquistado estava se diluindo rapidamente em lágrimas e autopiedade. Pensei, inclusive, em abandonar o curso e só não o fiz pelo apoio de meus colegas, entre os quais estavam Samira Azevedo e Rauquírio André, e professores, como Maria José Lopes (do Departamento de Genética) e Laise de Holanda Cavalcanti Andrade (do Departamento de Botânica). A professora Laise foi um dos grandes presentes que a vida me ofertou. Fui seu aluno no mestrado e no doutorado e com ela aprendi que existiam outros estilos de orientação e de relacionamento interpessoal.

Passado o desespero, parti em busca de alternativas para concluir a graduação, e duas pessoas foram muito importantes nesse momento: a professora Rosângela Spirópulos Piccolo (do Departamento de Fisiologia e Farmacologia), que havia sido minha professora de Fisiologia Animal

Comparada, e a professora Galba Takaki, que na época coordenava o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e que generosamente se empenhou para que eu tivesse uma bolsa de iniciação científica. Com a professora Rosângela, eu iniciaria uma pesquisa sobre o metabolismo do peixe teleósteo *Synbranchus marmoratus*. Fiquei poucos meses trabalhando com o tema, tanto por dificuldades pessoais quanto pelo desafio de obter material para o trabalho.

Fui, então, conversar com a professora Laise de Holanda Cavalcanti Andrade, que havia ministrado, juntamente com a professora Alda de Andrade Chiappeta, a disciplina de Sistemática de Fanerógamas. Durante essa disciplina, as professoras usaram como critério de avaliação a elaboração de uma monografia, em que o aluno deveria demonstrar as habilidades adquiridas no decorrer do semestre. Entre os vários temas que a professora Laise sugeriu aos alunos, um me chamou de imediato a atenção: o uso de plantas nos cultos afro-brasileiros. Me empenhei na execução do trabalho que me rendeu uma boa nota e levou a professora Laise a sugerir que eu transformasse o que havia feito da disciplina, na minha monografia de conclusão de curso um ano mais tarde. Aceitei, então, a sugestão e fui conversar com a professora Alda para ser minha orientadora, visto que a professora Laise estaria entrando em merecidas férias na época. Acho curiosas as voltas que a vida dá: anos antes eu proclamava pelos corredores do Centro de Ciências Biológicas (hoje Centro de Biociências) da UFPE que odiava Botânica e que, se “alguém um dia me visse fazendo Botânica, eu estaria louco de jogar pedras”.

A orientação da professora Alda foi forte, determinada, serena e comprometida. Aprendi muito sobre Botânica Sistemática, mas muito mais ainda sobre a qualidade dos relacionamentos humanos. Pude desenvolver, em seis meses, uma monografia com a calma e a tranquilidade que já não tinha há pelo menos dois anos no meu estágio anterior. Algum tempo antes, eu havia conhecido o médico e antropólogo Fernando Antonio Domingos Lins, que não só me ajudou a dar forma a essa monografia como também me influenciou intelectualmente. No primeiro semestre de 1993, defendi publicamente a monografia intitulada “Aspectos taxonômicos e etnobotânicos de plantas empregadas para fins litúrgicos e medicinais nos cultos afro-brasileiros em Recife-PE” e, no segundo semestre, ao concluir as disciplinas da área de Educação, recebi também o grau de licenciado em

Ciências Biológicas. Essa monografia, anos depois, foi publicada como livro pela editora universitária da UFPE, ocasião em que tive o privilégio de ser prefaciado por Roberto Mota, do Departamento de Antropologia da mesma instituição, professor e grande estudioso das religiões afro-brasileiras.

Essa experiência, que de certa forma definiu toda a minha graduação, me influenciou na forma de olhar o mundo e as pessoas ao meu redor. Caminhamos na vida, muitas vezes, achando que as pessoas são cópias de nós mesmos ou de nossas experiências, mas cada um é um cadinho de vivências, moldadas pelos choques com os outros e os acontecimentos e pela forma como assimilamos cada um desses choques e os incorporamos no modo como entendemos o nosso mundo e o mundo dos outros. Aprendi que a pessoa que nos provoca dor também carrega a sua própria dor e que somos responsáveis não pelo o que o outro nos faz, mas pelo que fazemos com o que o outro nos faz. Apesar da dor da experiência da humilhação, entendi, com o suporte de pessoas queridas na minha vida, que em toda estrada iremos encontrar todo tipo de paisagem e de experiências. Sapere aude! (“Ouse ser sábio!”).

Sou orgulhoso de ostentar o título de biólogo. Começaria tudo de novo, só que, se fosse agora, um pouquinho mais sábio! De verdade, me emociono com a ciência e com o potencial que ela tem para melhorar a vida no planeta. Claro que nem sempre, nós cientistas, acertamos a forma como fazer isso. Nessa empreitada eu tento entender muitos aspectos que dizem respeito à ecologia do ser humano e às suas interações no planeta. Por isso, minha abordagem de pesquisa é interdisciplinar. Gosto de me definir como um biólogo que, com lentes interdisciplinares, procura compreender alguns aspectos da humanidade. Demorei um pouco para chegar a essa compreensão de mim mesmo como pesquisador. Por influência de meus pais, sou um apaixonado por livros e pela literatura. Às vezes me aventuro escrevendo contos – até já publiquei dois livros – com histórias do cotidiano recheadas de fantasia. Dá, então, para intuir que amo tudo na esfera da ficção e da fantasia: filmes, séries, livros e tudo relacionado a esse universo. Se eu não fosse cientista, acho que tentaria me envolver em alguma coisa do âmbito literário (talvez eu até faça isso ao me aposentar). Gosto de uma música que tem um significado muito especial para mim e que me lembra de que a vida é feita de altos e baixos, sucessos e insucessos: *Como la Cigarra*, de Mercedes Sosa. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/94996679629>

Construindo conhecimento coletivamente: Lições de quase 20 anos de trajetória acadêmica

WASHINGTON SOARES FERREIRA JÚNIOR

*Sonho que se sonha só
É só um sonho que se sonha só
Mas sonho que se sonha junto é realidade*
Raul Seixas, *Prelúdio*. 1974.

Realizei o curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas, de 2005 a 2008, em Maceió. Nesse período, sempre aspirei ser um cientista, tomando como base alguns professores que tive contato na graduação. Alguns deles me inspiraram bastante, de tal forma que eu imaginava fazendo as atividades que eles realizavam, como ter um laboratório de pesquisa, com estudantes de graduação e profissionais em pós-graduação, e realizar atividades de ensino, dando aulas e debatendo ideias na graduação e na pós-graduação. Na graduação, eu tinha ideia de que a trajetória para chegar ao que eu sonhava seria longa e eu já tinha que tomar uma decisão difícil naquela época: qual área de pesquisa eu gostaria de seguir? Eu gostava de várias áreas, tais como biologia vegetal, ecologia, evolução, psicologia, apenas para dar alguns exemplos. No entanto, nos últimos semestres da graduação, recebi a informação de que o Prof. Dr. José Geraldo Marques ofertaria algumas aulas sobre Etnoecologia em um curso de especialização. O tema da Etnoecologia não era novo para mim, pois tive a oportunidade de ler sobre a área em alguns poucos livros e teses presentes nas bibliotecas da UFAL e do Museu de

História Natural, onde estagiava no período. Infelizmente, muito pouco em meu curso foi trabalhado dentro do tema da Etnobiologia ou Etnoecologia, então não tinha muita informação sobre esses campos de pesquisa ao longo da graduação. Mas, ao assistir as aulas do Prof. José Geraldo, eu realmente percebi que a área fazia todo o sentido para mim. Buscar compreender as diversas dimensões ligadas às relações entre pessoas e natureza, entendendo que as pessoas são parte da natureza, integrando conhecimentos de forma interdisciplinar, acabou sendo um grande objetivo para tentar uma pós-graduação nessa área. Infelizmente, essa linha de pesquisa não existia em 2008 em Maceió. Prestei, então, seleção de mestrado para Recife, o que iniciou uma nova etapa em minha vida, a qual influenciou toda minha trajetória acadêmica e me mudou muito enquanto pessoa.

Em Recife, a partir de 2009 e com 20 anos, realizei o mestrado em Biologia Vegetal (UFPE) e minha pesquisa no Laboratório de Ecologia e Evolução de Sistemas Socioecológicos (LEA-UFPE atualmente, mas na época era chamado de Laboratório de Etnobotânica Aplicada e estava localizado na UFRPE). Ora, nesse período, longe de Maceió e da família, existiam vários desafios. O primeiro era construir um projeto de pesquisa que exigia muito teoricamente por trabalhar um conceito relativamente novo na área, o de redundância utilitária. A ideia do projeto era muito interessante, mas também muito desafiadora para mim. No fim do mestrado, tudo foi muito bom e percebi o quanto aprendi durante o processo, mas este foi bastante intenso.

O Prof. Ulysses Albuquerque, coordenador do LEA, sempre nos desafiou a pensar além do que estávamos discutindo nos artigos e em nossos trabalhos, ou seja, pensar “fora da caixa”. No mestrado, em 2009, cheguei em um laboratório muito estruturado, com estudantes de graduação e pós-graduação, e com um esquema de debates teórico-metodológicos que me ajudaram a entender a Etnobiologia com mais complexidade, algo que não tinha visto durante a graduação. Eu não entendia muito a complexidade dos debates nesse período inicial, o que acabou representando um mundo completamente novo de debate de ideias e de construção de projetos. Esse desafio diário de estudo ajudou a ambientar a construção do projeto de mestrado. A construção sempre foi um processo coletivo no Laboratório, em que apresentávamos uma versão do projeto e discutíamos as críticas para melhorar a proposta. Com esta empolgação na ideia do projeto,

apresentei a proposta ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal da UFPE, mas o debate que ocorreu com a banca de avaliação do projeto não foi muito convidativo. O primeiro membro foi bastante grosseiro ao afirmar que o projeto não tinha relevância, por entender que a pesquisa envolvia uma pergunta que era “óbvia” e ainda criticou o conceito e o modelo de redundância utilitária, atacando claramente o nosso grupo de pesquisa. Embora na época eu não entendesse o que estava acontecendo, interpretei que o projeto não estava bom e que eu não era um bom aluno. Logo, como consequência do nervosismo, não consegui defender bem as críticas dos avaliadores e não fui aprovado na etapa de avaliação do projeto. Depois desse dia, ainda passei um bom tempo pensando se eu tinha mesmo perfil para fazer uma pós-graduação e me tornar um cientista. Aos poucos, junto com o grupo do Laboratório, fui observando que as críticas grosseiras não ajudavam em nada no desenvolvimento do projeto e outras críticas acabaram sendo muito pertinentes para melhorar a proposta. O projeto foi executado ao longo dos dois anos no mestrado, rendendo uma premiação em congresso internacional e dois artigos publicados em revistas internacionais.

Esse processo do mestrado me ensinou muita coisa. Algumas lições são muito importantes: (1) um grupo de pesquisa coeso é essencial para a formação de um cientista e para a construção de bons projetos de pesquisa; (2) não se faz ciência sozinho, mas sim no debate saudável e nas críticas construtivas que os colegas fazem às nossas próprias ideias; (3) ser uma pessoa crítica, ler absurdamente e sempre pensar fora da caixa, de modo a se desafiar a pensar em novas ideias para projetos futuros; (4) cuidar de suas emoções e ter amigas/os, inclusive dentro do grupo de pesquisa e da academia. Sobre o item 4, pode existir ainda uma ideia de que a ciência sempre é feita por grupos de pessoas trancadas em seus laboratórios de pesquisa, as quais não possuem interação social. Ainda bem que, ao entrar no LEA, cada vez mais fui fazendo amizades e quebrando um pouco essa ideia para substituir para a seguinte: é certo que trabalhamos bastante, mas que isso não pode passar por cima ou substituir nossa vida pessoal. Ou seja, crescimento profissional alinhado com crescimento pessoal seria um ponto importante para a formação. Essas reflexões só foram possíveis por fazer parte de um grupo que tinha preocupação com as diferentes esferas (profissionais e pessoais) dos integrantes.

Em 2011, com o início do doutorado no LEA e na Pós-Graduação em Botânica (UFRPE), tive oportunidade de aprimorar temas de pesquisa ligados a cenários evolutivos que influenciaram no desenvolvimento do projeto de tese. Um desafio do doutorado, para pensar novamente “fora da caixa”, envolvia aplicar cenários teóricos evolutivos nos padrões de conhecimento e uso de plantas medicinais. Foi um processo maravilhoso, pois eu já estava empolgado com essas ideias desde o fim do mestrado. Além disso, aprendi bastante com os colegas e amigas/os que estavam fazendo pós-graduação comigo no Laboratório, por colaborar com suas pesquisas, ajudar na coleta e nas análises de dados e na construção de alguns manuscritos. Esses colegas, junto com o comitê de orientação da tese, me ajudaram bastante na construção do meu projeto de pesquisa. Nesse espírito colaborativo, realizamos muitas coisas, as quais dão frutos até hoje, como propostas e linhas de pesquisa que influenciaram diferentes projetos de mestrado e doutorado no grupo ao longo dos últimos anos. Isso ajudou a definir o programa de pesquisa que atualmente estou realizando, em conjunto com outras/os colegas e amigas/os, e que afeta a construção de projetos de novos estudantes que estou orientando. Os quatro anos do doutorado reforçaram muitas das lições do mestrado, além de contribuir com memórias que estão comigo até hoje, particularmente do nosso dia a dia em laboratório: (1) chegar cedo no LEA e fazer um café, abrindo o computador para começar a trabalhar e esperar o pessoal chegar para o café coletivo matinal; (2) as maravilhosas discussões teóricas das sextas-feiras a tarde, principalmente nas sextas que chamávamos de “café filosófico”. Era certo, após uma tarde inteira de discussão, trocarmos ideias e falarmos da vida em um jantar fora da Universidade, com um vinho, no mínimo; (3) organizar eventos na área convidando pesquisadores de diversas regiões; (4) escrever artigos e livros em colaboração em uma semana de forma intensiva.

Desde 2016, sou professor da Universidade de Pernambuco, em Petrolina. Desde agosto de 2016 coordeno um laboratório de pesquisa na área e tenho contribuído na formação de estudantes de graduação e de pós-graduação. Algumas coisas mudaram desde então. Uma coisa é ser estudante vinculado a um laboratório de pesquisa, mas outra bem diferente é ser coordenador de um laboratório. Sempre percebi o quanto era desafiador fazer ciência, observando o trabalho dos professores e pesquisadores em meu processo de formação. Mas, só percebi o grau do desafio

e da responsabilidade quando me tornei docente de uma Universidade e coordenador de um laboratório. Participar de muitas reuniões, inúmeras questões burocráticas para resolver, preparar e ministrar aulas na graduação e pós-graduação, batalhar por recursos para financiar pesquisas do grupo, entre outros pontos. Ou seja, o trabalho para manter o trabalho científico de qualidade é absurdamente grande, principalmente na época em que estamos hoje. A parte boa é continuar discutindo ideias, executando projetos de pesquisa e formando novos pesquisadores, o que é algo extremamente gratificante, embora também não esteja livre de dificuldades. Para dar um exemplo básico, ser responsável pela formação de outra pessoa é algo muito desafiador. De certa forma, é preciso ter atenção com quem estamos orientando, dialogar com clareza, ouvir os pontos de vista e sugerir caminhos. As vezes a parceria com um dado estudante vai dar muito certo, mas com outro talvez não dê tanto certo e isso faz parte. Se juntarmos todas as demandas, sobra muito pouco tempo, às vezes, até para descansar. Fico imaginando todos os professores que me inspiraram desde muito tempo na graduação e pós-graduação, o quanto eles trabalharam e já investiram na formação de vários profissionais.

Mesmo depois desses seis anos atuando na Universidade como docente e pesquisador, fazendo o que eu sempre quis desde a graduação, me pego pensando na longa trajetória para chegar até aqui e o quanto ela tem sido difícil e prazerosa ao mesmo tempo. Sou muito feliz pela trajetória que tomei, pelas pessoas que conheci e pelas diversas oportunidades de aprendizado e parceria ao longo do tempo. Desde o mestrado, tenho muito próximo hoje amigas/os que são parceiras/os de pesquisa que estão em diferentes instituições, tais como UFPE, UFRPE, UNIVASF, UFAL, UNEAL, UFMA, entre outras. Se você está iniciando a sua trajetória, na graduação ou na pós-graduação, é preciso ter em mente que os desafios nunca vão diminuir. Sempre haverá algo novo, um desafio maior e mais complexo a cada caminhada nessa trajetória. No entanto, todos eles podem ensinar algo importante. Com certeza, não destaquei no texto muitos outros desafios que é seguir a trajetória científica. Se sua paixão for pelo conhecimento científico e pelo processo de discutir e construir novas ideias em uma ou mais linhas de pesquisa científica, a trajetória é difícil e longa (além de infelizmente não ter uma valorização adequada como carreira), mas também prazerosa e gratificante. Se eu tivesse a chance de

conversar com aquele Washington ansioso de 20 anos de idade, eu (hoje um pouco menos ansioso) diria para aproveitar a trajetória e não ter tanto medo das coisas darem errado no futuro. No entanto, tentaria deixar claro que o caminho é longo e que haverá muitos altos e baixos.

Atualmente, coordeno o Laboratório de Investigações Bioculturais no Semiárido (LIB – UPE) e sou coordenador do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco *Campus* Petrolina. Além disso, sou docente do Programa de Pós-Graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza (PPGEtno – UFRPE) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia Ambiental (PPCTA – UPE). Sou apaixonado por música e pelo carnaval. Em período de carnaval, ao visitar Recife-Olinda, não conseguia sair de Olinda com facilidade nos quatro dias de festa. Até montamos um bloco com as amigadas, chamado Bloco BASTA, ativo desde 2012 nas ladeiras de Olinda. Por isso, acredito que se eu não fosse pesquisador eu seria músico. Adoro a música brasileira, em vários períodos e vertentes. Mas, se eu pudesse escolher uma trilha sonora de vida, escolho uma que não é brasileira, mas de um grupo que me encanta desde a infância: The Beatles, *Across the Universe*, 1970. Além disso, gosto bastante de cinema, aprecio trocar uma ideia de leve com cerveja, ideias mais profundas com um vinho e café todo o dia para a vida acontecer. Meu dia perfeito é uma sexta-feira, que começa trabalhando na Universidade fervilhando ideias com parceiras/os e estudantes e, no fim do expediente, terminar com o pessoal em uma mesa de bar falando sobre a vida e o universo. Um filme que me marcou foi *Donnie Darko* (Richard Kelly, 2001), pois movimentou debates interessantes até hoje. Link para CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2110300250648022>

É possível ser feliz na academia? As dores e as delícias da minha trajetória profissional

JULIANA LOUREIRO DE ALMEIDA CAMPOS

*Quando ela roda a vila inteirinha
seiva toda alfazema no ar
a saia dança e minh'alma quietinha
brinca broto hortelã de mascar
pois arruda até que protege paixão vai salvar
um coração cativo no princípio ativo do amar*

*camomila nenhuma lhe acalma nem maracujá
quando vejo canela me acende
mas sem me acordar
quando quero sonhar*

*beladona devolve minha voz
catuaba já quer me agitar
pariparoba pra tanta pressão
sangue forte jurubeba
amor de homem eu tenho pra dar
à sua flor de cabeça casar
sempre viva na ação de avivar
erva doce canção te entoar*

*a vida ávida vai te afagar
mangue vermelho vai cicatrizar
algodoeiro macio cascas vão
exceção fazer regra sarar*

*caju pro tanto do tanto de andar
do mato laranjinha e avena sativa
pra seu apetite ativar*
Quando ela roda, de Sérgio Cassiano

Nasci no dia 12 de fevereiro de 1985, em uma ensolarada terça feira de carnaval, na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Minha mãe, como boa astróloga que é, conta que na época já imaginava que eu, aquariana com lua em sagitário, sairia de casa logo cedo em busca dos meus sonhos e ideais. Meu pai era engenheiro mecânico e sempre convidado a morar em diferentes cidades. Aos nove anos de idade, fui morar na Serra dos Carajás, estado do Pará. Essa experiência foi uma das mais incríveis da minha vida! Viver praticamente dentro da floresta me fez sentir a natureza dentro de mim. Alguns anos mais tarde, permeada pelas minhas lembranças de infância, não tive dúvidas: faria vestibular para Ciências Biológicas e não seria em Belo Horizonte. Queria estudar em outra cidade, sair da casa dos meus pais, e o que minha mãe imaginara lá em 1985 realmente aconteceu: fui aprovada no vestibular da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e saí da casa dos meus pais aos 19 anos de idade recém completos em busca do meu sonho de ser Bióloga, no início de 2004.

Na graduação, passei pelas mais diversas vivências pessoais e profissionais. Participar do movimento estudantil da biologia me abriu os olhos para questões sociais que até então eu não percebia muito, permitindo que eu tivesse a compreensão de que a biodiversidade é uma condição material para a existência e não é acessada igualmente por todas as classes sociais. Eu fazia estágio em um laboratório de ecologia quantitativa e, provavelmente por influência da minha inserção nos movimentos sociais, senti que aquele trabalho não me contemplava totalmente. Fui despertada pela vontade de trabalhar com uma área que permitisse um diálogo explícito entre os conhecimentos biológicos e as dinâmicas dos sistemas sociais. Realizei então estágios com educação ambiental e ensino de ciências, fui professora do cursinho popular do Diretório Central dos Estudantes e voluntária em um projeto de extensão que trabalhava a agroecologia a educação popular com estudantes de ensino fundamental de uma Escola Família Agrícola localizada na zona da mata mineira. Encantei-me com os saberes

tradicionais dos agricultores familiares e observei que aprendia muito mais do que ensinava.

Ao final da minha graduação, tive contato com o recém-criado *Etnoikos*, grupo formado por estudantes de Ciências Biológicas da UFV e que organizava debates envolvendo a temática das etnociências. Esses foram meus primeiros estudos envolvendo a Etnobotânica e que me fizeram suspeitar de que esse seria meu caminho a ser seguido, junto com a carreira docente.

Meu primeiro emprego foi um cargo de professora substituta no Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais, no início de 2009. Esse trabalho foi bastante desafiador, eu era uma jovem no meio de professores e professoras já doutores e doutoras e com anos de experiência. Eu me cobrava muito, queria dar o meu melhor. Fui professora de cursos técnicos, superiores e lecionei na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foram momentos muito especiais e as horas em sala de aula eram prazerosas. Os estudantes me incentivavam a criar métodos de ensino que conectavam o conhecimento científico aos saberes tradicionais destes que, em sua grande maioria, saíam cedo de suas roças para assistirem as minhas aulas. De todas as disciplinas que lecionei, a mais especial foi Etnobotânica. Via-me debruçada em livros, artigos e textos, estudando a teoria e a prática desta ciência que havia descoberto ao final da graduação e que muito me motivava a aprender e ensinar. Discutia os textos juntos com os estudantes em sala de aula, simulávamos métodos de coleta de dados, fizemos trabalhos que resultaram em resumos para congressos.

Estava apaixonada pela docência, pela pesquisa e pela extensão universitária. Mas, para isso, seria fundamental cursar o mestrado e doutorado. Ter vivido esta experiência docente permitiu que eu ingressasse na carreira acadêmica de forma mais madura e segura. Ao final do meu contrato como professora substituta, me inscrevi e fui aprovada na seleção de mestrado em Ecologia na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Era pré-carnaval de 2011 quando eu fui morar em Recife e trabalhar com Etnobiologia, campo de pesquisa que eu havia me aprofundado ainda mais ao ministrar a disciplina de Etnobotânica no Instituto Federal.

Escolhi essa Universidade por dois motivos. O primeiro deles foi pela vontade de fazer parte de um grupo de pesquisa específico em Etnobotânica que à época era referência nacional: o Laboratório de

Etnobotânica Aplicada (LEA) e atual Laboratório de Ecologia e Evolução de Sistemas Socioecológicos, coordenado pelo Professor Doutor Ulysses Paulino de Albuquerque. Hoje, sem falsa modéstia, os esforços desse grupo tornaram-no referência mundial. O segundo motivo foi o desejo de conhecer a fundo o nordeste do Brasil e principalmente o Recife, sua história, sua riqueza, desfrutar os prazeres de estar perto do mar e, ao mesmo tempo, adentrar e vivenciar os sertões.

Conheci o Recife no carnaval de 2008 e na ocasião eu tive a sensação de que viveria lá por alguns anos. Quando cheguei para morar, parecia que eu já conhecia a cidade, não tive dificuldades em me localizar por lá e em poucos meses eu já tinha feito amizades que estão comigo até hoje! Viver no Recife me fez compreender de fato o grande músico e um dos meus artistas favoritos, Chico Science, quando compôs a música “Antene-se”:

*“Recife, cidade do mangue, incrustada na lama dos manguezais,
Onde estão os homens-caranguejos,
Minha corda costuma sair de andada, no meio da rua, em cima das pontes”.*

Da mesma forma, me localizava na cidade com a música “Rios, Pontes e Overdrives”, também de autoria de Chico junto com Fred Zero Quatro:

*“É macaxeira, Imbiribeira, Bom pastor, é o Ibura, Ipsep, Torreão, Casa Amarela
Boa Viagem, Genipapo, Bonifácio, Santo Amaro, Madalena, Boa Vista
Dois Irmãos, é o Cais do porto, é Caxangá, é Brasilit, Beberibe, CDU
Capibaribe, é o Centrão, eu falei”.*

Dediquei-me muito ao mestrado e confesso que não tive grandes dificuldades em concluir minha dissertação. Meu trabalho de campo era no sul do Ceará, bem distante de casa, mas o acolhimento da comunidade que trabalhei e o apoio dos colegas do laboratório superavam as dificuldades. Estudávamos as diversas relações entre as comunidades que vivem na Chapada do Araripe com os recursos naturais. Éramos um grupo bastante unido, aprendemos muito uns com os outros, nos ajudávamos em campo e as amizades se fortaleciam cada vez mais. O suporte do meu comitê de orientação também foi imprescindível. Havia ainda a saudade de Minas

Gerais, da família, amigos e amigas de escola. Eu ia pra Belo Horizonte a cada seis meses para matar a saudade e voltar mais revigorada.

O doutorado já era um plano. Continuei a pesquisar a relação entre pessoas e plantas, o trabalho de campo não era tão distante de Recife, mas os desafios eram maiores. Eu acredito que fazer mestrado é algo engrandecedor em qualquer profissão, pois permite aprofundar mais ainda nos conhecimentos adquiridos durante a graduação. No entanto, quando alguém me pergunta se eu acho que ela deveria fazer doutorado, eu digo que eu faria só se quisesse mesmo seguir a carreira acadêmica. Durante o doutorado eu senti uma pressão maior com relação ao meu desempenho nas disciplinas e precisava pensar em outras perguntas de pesquisa para além da minha tese. A cobrança é bem maior, tanto do comitê de orientação como uma auto cobrança (pelo menos para mim, que sou bem exigente comigo mesma).

No doutorado, que teve início em 2013, eu trabalhei em uma aldeia indígena e precisaria de muitas autorizações de pesquisa. O povo Fulni-ô tem uma dinâmica peculiar e era mais que necessário respeitar seus costumes, seus horários e suas necessidades. Aos poucos fui conquistando a confiança de algumas pessoas da aldeia que foram essenciais para o desenvolvimento da minha pesquisa. Formamos um pequeno grupo de mestrandos e doutorandos que também fizeram suas pesquisas por lá, e -volto a dizer - essa rede de apoio foi fundamental.

No último ano de doutorado eu tive que lidar com uma decepção muito grande. Meus planos eram fazer um doutorado sanduíche na Universidade de Manoa, no Havaí, instituição do meu coorientador que me ajudaria a analisar alguns de meus dados de pesquisa. Mas o ano era 2016, a crise política era enorme e nesse ano não foram abertas bolsas de doutorado sanduíche pela Capes ou CNPq. Fiquei muito chateada, me senti impotente e tive que lidar com um processo emocional doloroso logo no final do meu doutorado. Vida que segue. Terminei de escrever a tese com um dos capítulos um pouco diferente do que eu havia planejado, mas que tive muito orgulho no final.

Eu acredito que os maiores desafios que eu tive ao longo da minha trajetória acadêmica não foram sentidos durante o mestrado e o doutorado, mas após eu ter obtido o título de doutora em um péssimo momento político no Brasil, em 2017. Os concursos estavam cada vez mais escassos,

consequentemente mais concorridos. Os financiamentos para a pesquisa começaram a diminuir. Fiz uma seleção de pós-doutorado que foi suspensa devido ao corte de bolsas da Capes, em 2019. Tentei buscar alternativas fora da academia e trabalhei como consultora, tutora e professora à distância. Ao final de 2020, comecei a trabalhar como analista de campo em uma Organização Não Governamental. Fiz parte da equipe que está realizando a assessoria técnica independente às pessoas atingidas pela barragem da mineradora Vale que rompeu no município de Brumadinho, MG. Um processo complexo e bastante desafiador.

Nos últimos meses de 2021 eu já pensava em voltar a investir na minha carreira acadêmica e percebi que o trabalho na assessoria técnica não me permitia ter muito tempo para esse investimento. No início de 2022 fui selecionada para iniciar um estágio pós-doutoral na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) e me encontro atualmente nesse momento, retomando meus estudos e seguindo atrás do meu sonho de ser professora e pesquisadora junto a uma instituição pública de ensino.

Falar sobre a minha trajetória acadêmica é algo muito significativo para mim. A academia não era um sonho de vida, ela foi chegando aos poucos, abrindo portas e janelas. Eu fui seguindo o meu coração, fui procurando entender minhas vontades e meus anseios e quando dei por mim, já estava inserida nesse meio. Não é um mundo perfeito, pelo contrário, é algo bem desafiador. Tenho certeza de que ainda vou precisar saber lidar com os “nãos” e com as tentativas frustradas que envolvem essa trajetória. Mas a minha vivência para além da academia contou muito para que eu tivesse mais momentos de satisfação do que de tristeza. A minha vida pessoal, os novos amigos e amigas, um lugar diferente, toda essa vivência foi importante demais para que eu me tornasse quem eu sou agora.

Meu conselho final é que você, leitora, leitor, não desista dos seus sonhos! Desejo que você seja gentil com você mesma, com você mesmo, que não se cobre tanto, que se permita errar e que aprenda com os erros e com as portas que eventualmente estarão fechadas, pois com certeza as portas abertas lhe mostrarão os melhores caminhos.

Mineira de Belo Horizonte, torcedora do galo, apaixonada pela minha família e por acrobacia aérea, yoga, pão de queijo, pequi e Pink Floyd! Sempre gostei

de ler e tenho a estranha mania de devorar vários livros ao mesmo tempo. Quando era adolescente, meus livros preferidos eram as histórias investigativas de Agatha Christie. Adoro cinema (meu filme preferido é *Asas do Desejo*, de Win Wenders) e séries de investigações criminais! Acho até que se eu não fosse bióloga, provavelmente eu seria detetive criminal. Já morei em nove cidades brasileiras e amo viajar! Prefiro água doce a água salgada. Adoro estudar e aprender novos idiomas e no momento estou me dedicando ao estudo do idioma francês. Também gosto de andar de bicicleta, meditar e escrever sobre a vida! Tenho medo de altura, mas principalmente de baratas. Adoro cozinhar e não como carne de boi, porco e frango há quase 11 anos. Meus programas preferidos aos finais de semana são encontrar minhas amigas e amigos num boteco em BH e sair para fazer trilhas com direito a um belo banho de cachoeira no final. Meu sonho é viver em um mundo sem ganância e mais justo para todas as pessoas, um mundo onde a cooperação seja maior que a competição. Link para CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9332449677913548>

A Política pela Alimentação

MICHELLE CRISTINE MEDEIROS JACOB

*Hey you, out there on the road
Always doing what you're told
Can you help me? [...]
Hey you, don't tell me there's no hope at all
Together we stand, divided we fall.
Hey You, de Pink Floyd*

A alimentação sempre foi uma forma de me conectar com o outro. Nós, que comemos várias vezes ao dia desde que nascemos e que temos a próxima refeição assegurada, por vezes, tendemos a minimizar o poder que a alimentação tem em moldar nossa existência. Um breve passeio na nossa jornada como espécie é o suficiente para nos fazer entender que a maior parte dos eventos que nos fazem ser como somos hoje foram moldados a partir da seguinte pergunta: “o que há para comer?”. Comunicar, ficar em pé, usar ferramentas, controlar o fogo, experimentar com recursos naturais, demarcar terras, cultivar, navegar e explorar, são algumas das atividades que resumem nossa trajetória como humanos e que, certamente, tiveram como seu maior combustível a busca por alimentos. Fico pensando que se os alimentos fossem capazes de falar, eles conseguiriam narrar uma parte importante da história humana, porque parte dela foi moldada pela nossa busca obsessiva por eles. Por isso, vejo na comida um potencial de conexão entre humanos e não humanos.

E a política, que é a outra palavra que abre o título deste texto? O termo política pode assumir vários significados, mas aqui quero resgatar o sentido primeiro da palavra. A política nasceu quando duas pessoas enxergaram um ponto em comum para caminhar juntas, depois elas eram

quatro, oito.... Por isso, política é sobre conexão. Claro que quando esse grupo de pessoas chega em bilhões pode ser difícil resgatar o que seria esse ponto comum que nos motivou a caminhar em conjunto. E daí, nasce o conflito. Menos pela diversidade de ideias espalhadas na cabeça dessas bilhões de pessoas do que pela incapacidade de conseguir resgatar essa unidade. A unidade que nos fez buscar comida em grupo e, inclusive, neste percurso, povoar a terra onde vivemos. Acredito que esse anseio pela comida que partilhamos pode ser o canal para resgatar em nós e no outro a política que nos faz ser um. Essa é a mensagem que busco transmitir na minha trajetória como pessoa, como professora e como cientista. Para que não reste dúvidas, a mensagem é esta: quero com minhas ações colaborar para a construção de sistemas alimentares mais justos, livres da fome, onde todas as formas de vida e culturas sejam consideradas e cuidadas. Acredito que aqui, neste texto, eu seja capaz de destacar duas das principais barreiras que vejo como os maiores desafios que me afastaram dessa visão, o pensamento religioso e o pensamento disciplinar.

Cresci, talvez como muitos, em uma casa dividida pela religião. Isso sempre me pareceu estranho porque, mesmo quando criança, via similaridades nos discursos dos meus pais. Eles falavam sobre o mesmo Deus, partilhavam o mesmo livro sagrado e, ainda assim, não conseguiam chegar a um acordo ou a respeitar suas diferentes visões mesmo em questões banais. A unidade como casal, como crentes, como pessoas, sempre pareceu distante, a partir do meu ponto de vista como filha. A religião também promoveu minha saída precoce de casa, quando aos dezenove anos os valores religiosos da minha mãe se tornaram maiores do que os valores da maternidade e da humanidade. A religião, na minha história, não religou. Ela dissolveu. Ela fez as pessoas se tornarem menores do que eram ao princípio. Na minha trajetória, também vi esse pensamento religioso em outros ambientes. Muitas vezes, mesmo em ambientes dedicados ao debate político. Nesses meios, para parafrasear o cientista político Mark Lilla, o projeto político se metamorfoseou em um projeto de evangelização. “*A diferença é a seguinte: evangelizar é dizer verdades ao poder. Fazer política é conquistar o poder para defender a verdade*”, comenta Lilla em crítica à visão do liberalismo identitário (Lilla 2018)⁴. O pensamento religioso foi e continua sendo um dos grandes desafios

4 Lilla M. 2018. O progressista do ontem e do amanhã. São Paulo, Companhia das Letras.

da minha vida. No passado, ele me ensinou da forma mais dura e objetiva o possível sobre o valor de um teto para viver e de uma comunidade com a qual você possa contar. No presente, ele permanece como um alerta sobre as possíveis consequências de ignorarmos aquilo que nos conecta como humanos, as nossas necessidades e direitos mais básicos, como comer, e também nossos anseios por amor, respeito e liberdade.

Recém saída de casa, cheguei à universidade. Tudo o que eu tenho vivido nesse espaço, desde então, é maravilhoso e incrível. A liberdade do pensamento e a diversidade de ideias que encontramos no ambiente universitário têm um sabor mais especial quando se tem uma formação religiosa ortodoxa de fundo, limitando o que você lê, como se veste, o que faz com seu tempo, com quem você se relaciona e, até mesmo, o que você pensa. A universidade se tornou minha casa. E nela encontrei amigos que viraram minha família. No dia em que defendi minha tese de doutorado, em 01 de agosto de 2014, cerca de 150 pessoas queridas estavam ali. Fiquei muito emocionada ao ver aqueles colegas e amigos celebrando aquele momento importante da minha vida. Vibrando juntas! Essas pessoas tinham algo em comum: elas entraram na minha vida após a minha saída de casa. Nesses dez anos, estudei, formulei uma mensagem para dividir com outros, mas também cultivei e fui cultivada por essa comunidade que conheci na universidade. E foi no momento da minha defesa que percebi isso. Ao assinar aquela ata eu me sentia mais forte ao olhar para aquelas pessoas ao meu redor. O sentido estava nelas que me ajudaram nessa busca pelo resgate da política, da nossa visão comum.

Meu ingresso na universidade foi por meio da graduação em nutrição. Essa escolha talvez faça mais sentido para você no contexto deste texto do que fazia para mim quando decidi por esse curso. A sensação é a de que ao narrar uma história vamos acomodando os eventos de maneira a dar sentido a eles. Mas, honestamente, naquele momento, em 2004, escolher *o que* estudar não era exatamente uma prioridade. Sabia que queria estudar e isso era tudo. Fico feliz que tenha chegado a esse curso, que me permite, de formas diversas e intensamente, estar conectada às pessoas e à natureza não humana que me cerca.

Meus primeiros anos de formação acadêmica, como a de muitos, principalmente na área de saúde, foram hegemonicamente disciplinares. Para ser honesta, multidisciplinares. A cada nova professora ou professor,

aprendíamos sobre um fragmento da vida humana ou sobre os alimentos. Embriologia, anatomia, genética, bioquímica, tecnologia de alimentos, sociologia, contavam separadamente pedaços de uma grande narrativa da relação humanidade-alimentos. Essa é uma história fantástica, mas que se torna entediante quando não somos capazes de construir essa conexão entre as diferentes micro-histórias contadas nas disciplinas. Aprendi, a partir desse lugar de aluna, que é melhor supor que as conexões não surgirão espontaneamente. Um esforço para abrilhantar o ensino com lentes interdisciplinares pode gerar a faísca necessária para que os estudantes compreendam melhor a grande mensagem apresentada pelo curso de formação e, ainda, para que possam buscar seu propósito como profissionais a partir daí.

Acredito que fui atingida por esse lampejo pela primeira vez nas aulas de uma professora que hoje é minha colega de departamento, a Dra. Célia Márcia Medeiros. Ela, nutricionista nata, ao nos ensinar sobre as bases da nutrição na disciplina de “Nutrição humana”, sempre nos instigava com provocações práticas sobre os desafios e oportunidades de considerar as questões culturais no aconselhamento dietético. Consigo recordar diversas situações em suas aulas nas quais ela colocava em xeque a prática prescritiva da nutrição e os reducionismos científicos da epidemiologia nutricional de maneira que pudéssemos compreender a crítica naquele momento de formação usando, por exemplo, a crônica “O ovo”, de Luís Fernando Veríssimo, que lemos sobre sua recomendação ainda no primeiro semestre do curso. Ela me fez olhar para o fio que conecta a nutrição com as pessoas por meio de sua visão interdisciplinar. Uma nutrição, de fato, humana. Não é possível passar pelo período de graduação sem mencionar o nome da Dra. Vera Lucia Xavier Pinto, que foi uma das minhas principais referências durante a graduação, além de ter sido orientadora de meu trabalho de conclusão de curso. A professora Vera permanece em minha lembrança, não só pela paciência investida em todo seu procedimento comigo, mas também em razão da contradição entre a pessoa e sua obra. Professoras como essas, e como tantas outras especiais que passaram na minha vida, são portadoras da mensagem do nomadismo das ideias, em nítido contraste com o sedentarismo do pensamento disciplinar. Sou muito grata a todas as pessoas que me ajudaram a construir essa visão crítica sobre o pensamento disciplinar ainda muito cedo dentro da universidade. Ultrapassar

o modelo de ensino e aprendizagem disciplinar na universidade foi uma das minhas grandes barreiras como estudante e é um dos meus grandes desafios como professora hoje.

Na minha trajetória, a atividade de extensão vem sendo um outro grande canal para amenizar as fragilidades do pensamento disciplinar. No mundo, os problemas aparecem como são: desorganizados, mas conectados. Assim, ao nos deparar com os problemas em seu estado cru, no contexto das atividades de extensão, temos uma oportunidade de ampliar nossas lentes para além do enfoque disciplinar. Foi em um desses momentos que o rumo da minha trajetória acadêmica mudou.

Desenvolvi meus trabalhos de mestrado e doutorado na pós-graduação em Ciências Sociais. Nesse período me tornei cada vez mais consciente do problema da fragmentação do conhecimento e de suas limitações para abordagem da complexidade que nos cerca. Isso estava claro para mim. Mas ainda não sabia bem o que fazer com essa crítica. Eu queria fazer algo com essa complexidade na nutrição e não fora dela. Para mim, analisar o grande campo da alimentação, incluindo a reflexão das humanidades, mas excluindo a nutrição, era apenas mais uma face do reducionismo. Como poderia dar minha contribuição de forma objetiva? Isso nunca ficou claro para mim até 2013, ano em que fui trabalhar no semiárido nordestino, na cidade paraibana de Cuité, como professora da Universidade Federal de Campina Grande. Uma das minhas atividades era ensinar aos meus alunos a desenvolver ações de educação alimentar e nutricional junto a grupos. Fazíamos isso em um espaço da assistência social local, o “Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos”, que tinha idosos como público-alvo. Foi aí que tudo mudou.

Ao conhecer aquelas pessoas, começamos a buscar um chão comum para dialogar: Quem elas eram? Sobre o que gostavam de conversar? A maior parte dos idosos eram agricultores aposentados - em sua maioria senhoras - pessoas muito interessadas em falar sobre plantas alimentícias, sobretudo as plantas locais, e que pela sua experiência de trabalho tinham extenso conhecimento sobre o tema. Cheguei no meu limite disciplinar: não sabia falar sobre plantas, menos ainda sobre plantas da Caatinga. As plantas na nutrição não são abordadas como seres complexos, com suas trajetórias evolutivas, históricas, ecossistêmicas etc. As plantas são estudadas pela sua função e, em certa medida, até objetificadas nas categorias

de grupos de alimentos. Meu limite disciplinar estava ali. Admiti minhas limitações para o grupo. Juntos, desenhamos um projeto no qual contaríamos com a experiência deles como agricultores, com o apoio de um técnico agrícola da secretaria de agricultura local e com nossos conhecimentos sobre nutrição. Vivemos juntos quatro anos de intenso aprendizado sobre plantas, nutrição e, sobretudo, sobre como ensinar e aprender de forma significativa, efetiva e afetiva. Construímos uma horta com mais de 30 espécies de plantas. Estudamos, plantamos, colhemos e cozinhamos juntos. Essa foi uma das oportunidades de aprendizagem viva, experiencial, das mais marcantes que tive.

Essa experiência me faz lembrar ainda hoje de um livro que ganhei de minha mãe logo que aprendi a ler. Nele, há uma frase que para mim funciona como uma espécie de mantra: “As pessoas que fazem coisas têm muito o que ensinar”. Essa vivência com os agricultores ressignificou totalmente os rumos da minha carreira. Enquanto seres no mundo, interagimos: emitimos e recebemos sinais que, de forma sistêmica, têm o potencial de transformar. Construir algo em comum, descobrir nossa humanidade mais profunda na relação com o outro e com o mundo natural, pode ser o ponto de partida de toda atividade educativa que tem como finalidade a comunicação. A comunicação é dotada de uma reciprocidade que não pode ser rompida. Vivi, naquele grupo, mais uma experiência de comunicação do que de extensão, no sentido que Paulo Freire defende em sua obra “Extensão ou Comunicação?”. Não é possível pensar a educação como extensão sistemática porque não há eu, não há outro. Somos *continuums*. Essa continuidade está expressa na célebre máxima do poeta Arthur Rimbaud “Eu é um outro”, em sua obra “Correspondência” e, ainda, na frase “Eu sou parte de tudo o que encontrei”, escrita por Alfred Tennyson em seu poema “Ulysses”. Na crítica de Paulo Freire, a qual me alinho, a extensão é uma palavra que não evidencia essa continuidade entre nós e os outros. Para comunicar, a extensão deve, em outras palavras, começar pela busca dessa visão comum que nos conecta e que, por isso, possui o potencial de transformação. Penso sempre nisso: grande parte daquelas pessoas não eram alfabetizadas, pelos seus saberes como trabalhadores, foram capazes de me mostrar uma perspectiva que eu não alcançava sobre a nutrição, com todos meus anos de educação formal e sendo, já naquela época, quase doutora. Minha vida mudou a partir dali.

A partir daí compreendi que havia muito a aprender sobre a biodiversidade alimentar de plantas, animais, fungos, algas e também sobre os conhecimentos tradicionais associados a essa diversidade de vida. Era na etnobiologia que eu poderia me qualificar para trabalhar de forma apropriada com o tema da biodiversidade alimentar. Em 2018, por meio da Dra. Esther Katz, conheci o trabalho do Dr. Ulysses Paulino de Albuquerque e soube naquele momento que nossas trajetórias precisavam se cruzar. Em 2019, ingressei no “Laboratório de Ecologia e Evolução de Sistemas Socioecológicos”, o LEA/UFPE, como pesquisadora pós-doutorado sob a supervisão do Dr. Ulysses. Dentro da academia, não tenho dúvidas, que estar no LEA foi a experiência mais significativa sobre como fazer ciência na prática considerando a complexidade do mundo e, ainda, sobre como poder comunicar essa complexidade de forma clara para seguir fazendo política por meio da alimentação. O professor Ulysses também me ensina até hoje sobre valores indissociáveis da prática científica, tais como: humildade, honestidade e valorização da diversidade.

Ano 2022. Hoje trabalho na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Desde 2017 temos uma horta pedagógica pela qual passam pelo menos 100 alunos de nutrição a cada ano. Nesse espaço eles podem conhecer, tocar, cheirar, cozinhar e comer mais de 100 espécies de plantas alimentícias representativas da sociobiodiversidade brasileira. Nessa horta, que também é um espaço comunitário, pessoas de fora da universidade trazem seus saberes e nos mostram diferentes perspectivas sobre esses alimentos. Por estarmos ao lado de uma unidade de conservação da Mata Atlântica, também recebemos com certa frequência visitas de animais como timbus, saguis, iguanas, além de uma grande diversidade de abelhas nativas e pássaros, que nos comunicam diferentes perspectivas sobre os alimentos. Em 2018 nosso trabalho foi reconhecido pelas Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, a FAO, como uma referência na aplicação das *Voluntary Guidelines*, um documento que orienta ações para promoção da alimentação como direito humano.⁵ Além da nossa horta pedagógica, ajudamos a implantar outras oito hortas em escolas da rede pública de ensino na Região Metropolitana de Natal, atingindo quase 4.000

5 Mais sobre o que fazemos no LabNutrir, inclusive sobre a menção da FAO/ONU citada no texto, pode ser acessada no nosso site: www.nutrir.com.vc. Há mais informações sobre o LabNutrir também no @labnutrir, no Instagram.

estudantes. No contexto dessas hortas ensinamos a crianças e jovens sobre nutrição de forma integrada com a natureza e com a cultura. Na pesquisa, nos dedicamos fortemente a encontrar meios de incluir variáveis culturais e ambientais tais como a biodiversidade local em estudos de consumo alimentar, de forma a reduzir os vieses dessas análises e de compreender melhor o papel desses recursos para a segurança alimentar e nutricional das pessoas. Ainda assim, vez por outra, o fantasma do pensamento disciplinar bate em nossa porta, disfarçado na figura de algum colega, ou de alguma agência de fomento, com a dogmática e falida frase “isso não é nutrição”. A bagagem do rompimento com o pensamento religioso me ensinou mais essa lição importante: é infrutífero discutir dogmas.

A alimentação na minha trajetória é um pretexto para ler o mundo. Por meio dela aprendo sobre a nossa humanidade comum, no passado e no presente, e também sobre nossa relação com outras criaturas vivas e com o mundo físico. Quando digo que sou nutricionista consigo me comunicar até com pessoas que pensam o mundo de maneira completamente diferente da minha, mesmo do ponto de vista político partidário, porque até essas pessoas se preocupam com o que comer, mesmo que às vezes essa preocupação se limite a elas ou aos seus filhos. O nosso desafio é fazer com que a preocupação dessas pessoas, sobretudo daquelas que influenciam as decisões na esfera pública, se amplie aos bilhões de seres humanos que passam fome todos os dias. Só no Brasil, nesse momento, uma em cada duas pessoas no país tem dificuldade de colocar comida na mesa, muitas delas estão em situação de fome, segundo dados da Rede PENSSAN (2021)⁶. O remédio está na política, no resgate da nossa visão comum e na tradução dessa visão em estratégias objetivas para superação da fome. A segurança alimentar e nutricional no contexto de uma nação é uma porta que abre muitas outras: a da nutrição, da dignidade, do crescimento econômico, do desenvolvimento tecnológico e da conservação ambiental. Caso essa porta esteja aberta a todas as pessoas, todas as criaturas vivas da terra serão beneficiadas. Que a nossa inteligência coletiva nos permita encontrar

6 Rede PENSSAN - Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. 2021. Inquérito nacional sobre insegurança alimentar no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil. Rio de Janeiro, Rede PENSSAN, 2021. Disponível em: http://olheparaafome.com.br/VIGISAN_Inseguranca_alimentar.pdf 24 Jan. 2021 (Data do último acesso).

maneiras de que essa mensagem comum se reverta em prática. E que neste percurso, a esperança não nos abandone.

Sou Michelle e meus amigos mais queridos me chamam de Mi. Amo praticar esportes e, por isso, essa é a primeira coisa que faço todos os dias quando acordo, antes de o dia nascer. Tenho a companhia constante de dois amigos caninos, o Snowden e o Thor, opostos complementares que são o sal da minha vida. No meu tempo livre amo cozinhar com meus amigos e preparar drinks enquanto conversamos. Podemos fazer isso o dia inteiro e, até mesmo, por dias seguidos. Mas somos versáteis e, por isso, também somos capazes de debater ciência e programar em R juntos em uma sessão de Google Meet enquanto bebemos qualquer coisa. Já li em “Busca do Tempo Perdido” por completo duas vezes. Mas o livro mais bonito que já li não é literário, é uma obra sobre teoria de sistemas escrita por Donella Meadows, que é a minha cientista preferida. Acreditem ou não, mas “Thinking in Systems” é emocionante, quase poético. Gosto muito do meu trabalho, mas caso tivesse que escolher outra profissão acho que seria *designer* de interiores. Já assisti a trilogia “Poderoso Chefão” mais de dez vezes porque adoro a complexidade dos personagens. Um *pout-pourri* de “Tocando em Frente”, de Almir Sater, com “Maneiras”, de Zeca Pagodinho, certamente estaria na trilha sonora da minha vida. Não sei piscar o olho direito e acho isso muito curioso. Link para CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1788932483645882>

Você não controla quase nada nessa vida

ANDRÉ SOBRAL

Perdoem a cara amarrada

Perdoem a falta de abraço

Perdoem a falta de espaço

Os dias eram assim

Aos Nossos Filhos, de Ivan Lins e Vitor Martins

Tudo começou no longínquo ano de 1999. Sim, de certa forma meu doutorado começou no século passado! Eu ingressei na universidade para cursar Ciências Biológicas em 1999, quatro anos depois de ter concluído o Ensino Médio, período em que trabalhei como *office boy* e depois como atendente de telemarketing. Sem obter sucesso no vestibular para as universidades públicas, ingressei em uma universidade particular, cujos custos eu pagava com meu parco salário. Só sobrava troco para as cópias e para aquela iguaria da culinária popular e universitária: o combo de salgado e refresco a um real. Logo no primeiro período de curso, depois de ter tido aulas com docentes inspiradores, decidi que seguiria a carreira de professor universitário e pesquisador. Nessa época, percebi algo em comum entre os docentes: todos (ou quase todos) tinham doutorado. Depois de conversar com professores e colegas de turma, fiz os cálculos e estabeleci uma meta: daqui a dez anos (no longínquo 2009) seria professor universitário. Para isso, além da graduação, seriam necessários mais seis anos de estudos ininterruptos – dois de mestrado e quatro de doutorado. A partir daquele momento, a ideia de alcançar o doutorado se tornou a minha grande obsessão.

Com a passagem do tempo e a superação de certos desafios, consegui transferência para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ),

um sonho de criança. Larguei o emprego que tinha na época e passei a me dedicar integralmente aos estudos. Eu era o primeiro do meu núcleo familiar a ingressar em um curso superior, o que significava uma grande responsabilidade, que teria de ser cumprida com excelência; tratava-se de uma exigência autoimposta, digamos assim. Consegui, então, um estágio de iniciação científica em Botânica para estudar a biologia reprodutiva de Bromeliaceae no prestigiado Horto Botânico do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Paralelamente, experimentei outros estágios em Genética e Parasitologia, mas não duraram mais que um semestre. Ficar trancafiado dentro de um laboratório não fazia sentido para mim. Concentrei todos os meus esforços na área de Botânica, me graduei em 2005 e tentei a seleção para o mestrado. Tudo parecia ocorrer conforme o planejado, mas não fui aprovado nesse processo seletivo. Um fracasso retumbante! Passei algumas semanas lambendo as feridas e pensando no que faria da vida.

Ficar parado não era uma opção. Eu era recém-casado e já tinha um filho recém-nascido. Restava engolir o choro e tocar a bola para frente! Com esse pensamento, fui fazer uma especialização em Saúde Pública, dei aulas em cursos de nível técnico e, enfim, ingressei no mestrado em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz em 2006, ano em que nasceu meu segundo filho. A essa altura, eu já estava achando que minha meta de ser professor universitário até 2009 parecia ter ido para o espaço. Terminei o mestrado e eis que surgiu a oportunidade de fazer um concurso para professor de uma universidade federal, que tinha como exigência apenas o mestrado. Contudo, eu morava no Rio de Janeiro, e o concurso era para uma cidade do alto sertão do Estado da Paraíba – uma realidade completamente diferente para mim. Sabendo que haveria muitos concorrentes com doutorado e com currículos melhores que o meu e que estaria longe de casa, resolvi encarar o desafio. Eu tinha uma família e dois filhos pequenos, de forma que não podia ficar esperando a banda passar. Fui para a seleção convicto de que as chances eram mínimas e de que provavelmente todo aquele esforço não passaria de uma interessante viagem a passeio. Entretanto, eu estava enganado: fui aprovado em primeiro lugar no concurso de provas e títulos e voltei para casa tendo alcançado o objetivo traçado dez anos antes. Enfim, eu era professor universitário. Mas ainda faltava algo, o bendito doutorado!

Fazer o doutorado para mim sempre foi mais do que um projeto ou um propósito de vida; tratava-se de uma obsessão. Em minha opinião, encarar algo como uma obsessão pode turvar a forma como enxergamos a vida, já que a linha que separa o propósito e a obsessão é muito tênue. Para mim, fazer o doutorado tinha duas motivações principais. A primeira era de ordem pessoal, e a segunda, de ordem profissional. Não havia nenhum doutor na família, e eu valorizava muito a questão da ascensão social por meio dos estudos e acreditava que isso me traria alguns benefícios, como o financeiro. Eu vim de uma família de classe média baixa do subúrbio do Rio de Janeiro. Nunca me faltou o básico, mas não sobrava nada. Eram poucos os familiares com posses, como casas próprias ou automóveis. Minha mãe era pensionista, e meu pai, agrimensor (ou topógrafo). Eu sempre estudei em escola pública, mas minha mãe se esforçava para me matricular naquelas escolas que eram consideradas as melhores da rede municipal de ensino. Tinha de ser uma escola onde os professores arrancassem o couro, dizia ela. Assim, uma vez sendo professor universitário, eu aspirava ascender dentro da estrutura do plano de cargos e salários da carreira do Magistério Superior; portanto, fazer o doutorado seria fundamental para alcançar posições melhores e ter um salário melhor.

Mas tudo isso para mim se tornou uma questão de honra: era tudo ou nada. Nos meus primeiros quatro anos lecionando na universidade, eu só pensava no doutorado e só falava nisso. Eu via outros colegas mais antigos na instituição entrando em licença para cursar o doutorado e ficava impaciente esperando a minha vez. Comecei a me tornar cada vez mais chato, em casa e no trabalho. Nessas horas eu tenho a tendência a me fechar e a ficar calado, pensativo e distante. E ficar distante tendo esposa e dois filhos pequenos eu garanto a você, prezado(a) leitor(a), que não é uma boa decisão. Minha cabeça era um caldeirão de dúvidas. Qual área seguir? Eu era um biólogo que lecionava em um curso de Engenharia Ambiental; deveria ser pragmático e fazer o doutorado em uma área que seria estratégica para o curso ou cursar aquilo que fosse do meu gosto pessoal? Seria possível aliar as duas coisas? Eu tinha pressa, sentia que o tempo estava passando e ficava com receio de perder a vontade e o ânimo tão necessários para encarar o desafio do doutorado. Além disso, havia a questão da distância. Eu resido em João Pessoa e o *campus* da universidade em que trabalho fica a 370 km de distância. Eu fazia (e ainda faço) essa viagem de ida e volta toda

semana. Onde fazer o doutorado? Qual seria a melhor instituição para as minhas necessidades acadêmicas e logísticas? Eu não podia errar nessa escolha e precisava conciliar vários interesses conflitantes. O que mais me tirava o sono, literalmente, era conciliar as demandas familiares (eu teria de me ausentar de casa por mais tempo) e o projeto de doutorado.

Depois de muito refletir, pesquisar e procurar algo que me motivasse, me identifiquei com a proposta de um programa de pós-graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza. A ideia de “retornar” para a Biologia, mas contemplando o elemento humano nos estudos, algo parecido com o que se faz na Saúde Pública, me encantou. Foi amor à primeira vista. Li o máximo possível de publicações que consegui encontrar, e em muitas delas havia algo, ou melhor, uma pessoa em comum: o professor Ulysses de Albuquerque, na época coordenador do Laboratório de Etnobotânica Aplicada. Enfim, marquei uma reunião com o professor Albuquerque, fui até Recife, e, após uma breve conversa, ele aceitou me orientar no doutorado. Dali já saí com a proposta do pré-projeto que eu deveria escrever e submeter para o processo seletivo e que seria desenvolvido ao longo do doutorado. Voltei para casa que nem pinto no lixo, como dizem os mais antigos. A cabeça girava cheia de expectativas e projeções de como seria aquele doutorado. Disciplinas em módulo, perfeito! Laboratório organizado (com missão e objetivos estampados nas paredes e organograma com a função de cada um dos participantes, coisa empresarial, chique!) com vários estudantes, graduandos e pós-graduandos, sessões de seminários semanais e trabalhos de campo em equipes. Eu logo pensei que tinha acertado na mosca! Em pouco tempo percebi que naquele lugar eu não apenas conseguiria obter o meu doutorado, mas também sairia de lá com uma sólida formação como cientista. Mas a obsessão continuava, e com ela cresceu algo que eu já trazia como hábito e que acabou se acentuando, a necessidade de controlar todas as variáveis possíveis para que nada saísse do planejado. Não demoraria a perceber que seria um retumbante engano querer controlar tudo – esse foi um dos grandes ensinamentos que o doutorado trouxe para a minha vida.

Além do frágil limite entre propósito e obsessão, é preciso entender que planejar um projeto, pensando em como cada etapa deve ser executada, de fato é fundamental para um estudante de pós-graduação desenvolver bem a sua formação. Nossos recursos são escassos (sempre foram),

sobretudo tempo e dinheiro. Além disso, há todas as outras demandas pessoais que cada um de nós possui. Mesmo assim, considerar a possibilidade de que algo não vai acontecer como o planejado, a ausência de alternativas e a ânsia de querer controlar tudo constitui um dos piores enganos que alguém na pós-graduação pode cometer, em minha opinião. Pode parecer óbvio, mas muitas vezes há um abismo entre saber disso e executar isso na prática. Desde o início do doutorado, por exemplo, eu sabia que meu trabalho de campo seria na mesma área em que quase todos os estudantes do laboratório faziam suas pesquisas. Eu também sabia que, quando começasse meu período de coleta de dados em campo, muitos dos meus colegas já teriam terminado suas coletas ou estariam em vias de terminar, o que significava que, à medida que o tempo passasse, eu teria de fazer meu trabalho de campo sozinho. Contudo, eu me sentia inseguro: apesar de ser um doutorando, estava iniciando meus estudos em uma área nova para mim, e todos os meus colegas de laboratório eram muito mais experientes do que eu. E essa insegurança começou a gerar em mim cada vez mais o sentimento de querer controlar todas as variáveis (tais como administração do tempo em campo, recursos financeiros, necessidade de encontrar as pessoas que eu deveria entrevistar e cuidado com o transporte que usávamos para os trabalhos de campo) para que nada daquilo que eu planejei viesse a dar errado. E, à medida que as coisas no campo não aconteciam do jeito que eu havia planejado, eu ficava cada vez mais frustrado e inseguro. Assim estava estabelecido um ciclo vicioso. Eu me sentia irritado, algumas vezes frustrado e, frequentemente, colocava em dúvida a minha capacidade de executar as atividades de campo e redigir meus artigos científicos. Em muitos momentos eu me distanciava da família – embora estivesse ali, de corpo presente, minha atenção não estava. E em muitos momentos encarei isso tudo sozinho, calado. Eu não sei se você, prezado leitor, cara leitora, já passou por isso ou percebeu isso, mas não é fácil encontrar no meio acadêmico um espaço onde as pessoas queiram genuinamente lhe ouvir, pelos mais variados motivos. Não é incomum, ao tentar desabafar, escutar a afirmativa de que “todo mundo passa por isso, é assim mesmo; comigo foi assim, e estou aqui...”. Como diria Nelson Rodrigues, é o óbvio ululante! Sim, é óbvio que fazer uma pós-graduação constitui um desafio, mas, quando alguém vivencia um momento assim, poder falar sobre já faz um bem enorme, mesmo sabendo que todos passam por isso.

Em 2017, enfim defendi meu doutorado. Depois de alguns percalços pelo caminho, consegui alcançar meu objetivo pessoal e profissional. As principais lições que eu trago comigo até hoje, além das amizades que fiz e mantenho com muito carinho, mesmo a distância, é que tudo que se torna uma obsessão pode estreitar nosso foco e tornar nosso caminho na pós-graduação mais árido do que aparenta. A obsessão tem um caráter ambivalente, pois, ao mesmo tempo que pode ser uma força motriz para levar ao alcance dos objetivos pretendidos, ela tem o potencial de tornar a pessoa distante de outras coisas igualmente importantes na vida, como a família e os amigos. As pessoas que amamos e que realmente valorizamos são fundamentais para nos manter fortes em qualquer projeto pessoal e profissional, incluindo uma pós-graduação. Além disso, é preciso reafirmar a importância do planejamento, mas não devemos deixar que o planejamento se transforme na necessidade de controlar tudo. A expectativa de controlar o incontrolável e o imprevisível tem a capacidade de nos frustrar, e a frustração pode ser um campo fértil para o ressentimento. Nós temos muito pouco controle sobre as coisas da vida, e, no meu caso, o doutorado foi uma excelente escola para aprender isso.

Me chamo André Sobral e sou carioca, do Rio de Janeiro. Atualmente sou professor na Universidade Federal de Campina Grande, *campus* de Pombal, Paraíba. Quando eu era criança, as pessoas na família me chamavam de Dedequinha, mas no meio profissional costumam me chamar de Sobral. Eu tenho um hábito que geralmente meus amigos acham estranho: beber café expresso, ou qualquer outro tipo de café, sem açúcar (acho que o açúcar mascara o real sabor do café). No meu tempo livre, gosto muito de ler (sempre tenho um livro por perto), assistir a um filme de vez em quando (um só basta, nada de “maratonar”), ouvir podcasts e assistir a um jogo do Clube de Regatas do Flamengo, meu time do coração, acompanhado de uma cervejinha (ou duas, depende do estado de espírito, mas sem exageros). O dia perfeito para mim pode ter o seguinte roteiro: músicas, um livro, um café expresso acompanhado de uma fatia de torta de limão com suspiro, uma caminhada no calçadão entre 16h30min e 17h30min (o reflexo da luz do pôr do sol no mar e na vegetação propicia cores que me encantam) com a esposa e as cachorrinhas e uma cervejinha no começo da noite para fechar o dia. Dois filmes me marcaram até hoje: *Filadélfia* (de 1993 e título original *Philadelphia*), protagonizado por Tom Hanks

e Denzel Washington, e *Questão de Tempo* (de 2013 e título original *About Time*), com Domhnall Gleeson e Rachel McAdams. Se eu não fosse professor/pesquisador, seria jornalista/radialista (desde criança eu adoro o rádio). Como eu amo música, a trilha sonora da minha vida é extensa, mas alguns ritmos que me atraem são Os Paralamas do Sucesso, Titãs, Legião Urbana, Elis Regina, Marisa Monte, Milton Nascimento, The Beatles, *rock* alternativo (especialmente grunge) e acid jazz (gênero musical que combina elementos do *soul music*, *jazz*, *funk* e música-disco). Link CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5934665934422750>

Uma jornada de escolhas possíveis

RAFAEL RICARDO VASCONCELOS DA SILVA

*Eu, por mim, queria isso e aquilo
Um quilo mais daquilo, um grilo menos disso
É disso que eu preciso ou não é nada disso
Eu quero é todo mundo nesse carnaval*

Trecho da música *Eu Quero é Botar Meu Bloco na Rua*, de Sergio Sampaio

Entendo a trajetória acadêmica como um caminho repleto de escolhas. Acredito que ela se inicia antes mesmo do ingresso em um curso de graduação na universidade, já que a escolha de um curso universitário é parte de um longo processo de reflexão. No meu caso as reflexões se iniciaram muito cedo, pois uma das perguntas que mais me fizeram quando criança foi: “o que você quer ser quando crescer?”. As minhas respostas para essa pergunta mudaram bastante enquanto eu crescia. Já mais próximo de finalizar a vida escolar, as pessoas passaram a me perguntar: “Qual é o curso que você quer fazer na universidade?”. Apesar da sutil mudança na pergunta, a ideia por trás dela permaneceu basicamente a mesma, as pessoas queriam saber qual profissão eu escolheria para dedicar a minha vida.

Escolhi prestar o vestibular para Engenharia Florestal, na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), que fica no Recife, cidade onde eu morava com os meus pais. Entendi que esse curso reunia alguns dos atributos que eu procurava: era engenharia e natureza, e eu queria isso e aquilo. Fui aprovado e iniciei os estudos sob muito estranhamento da família e amigos: “Engenharia o quê? Florestal? Você vai se mudar para trabalhar na Amazônia?”. Reconheço que foi uma escolha ousada. Eu não conhecia absolutamente ninguém com formação em Engenharia Florestal.

Aos poucos fui me envolvendo com a vida universitária e com o curso. Tudo me parecia apaixonante. Já no segundo semestre surgiu a oportunidade de mudança para um endereço vizinho à universidade. Sair da casa dos pais: uma escolha importante e decisiva, que me permitiu um amadurecimento pessoal e uma imersão ainda maior na vida acadêmica. Ao longo da graduação me envolvi com muitas atividades: projetos de extensão, participação no programa de educação tutorial (PET) de Engenharia Florestal, iniciação científica, movimento estudantil, eventos acadêmicos, muito estudo, muitas amizades boas e muita diversão. A mistura de todas essas experiências foram fundamentais para descoberta de áreas de interesse dentro do curso e da atuação profissional. Acredito que a graduação foi o período mais rico da minha trajetória acadêmica, em termos de volume de descobertas e aprendizados.

Foi na graduação que despertei para um interesse especial em projetos voltados para conservação florestal que fossem socialmente inclusivos. Porém, naquela época, não existiam opções de projetos com esse tipo de abordagem entre os professores do meu curso. Na iniciação científica trabalhei em um projeto de “fitossociologia” (que ironicamente até carrega a sociologia no nome). Me chamava a atenção a forma como frequentemente lia ou ouvia a expressão “indícios de pressão antrópica” nos estudos fitossociológicos, geralmente se referindo a presença de árvores cortadas no interior dos fragmentos florestais pesquisados. Pensava que seria interessante entender as causas dessa “pressão antrópica”, trabalhar junto a essas comunidades em possíveis soluções para esses problemas.

O meu interesse represado por um viés social nas pesquisas e estudos florestais contribuiu para que muitos colegas e professores passassem a me identificar como alguém interessado nas “causas sociais” (o que para alguns era o suficiente para me tornar um chato). Me marcou o dia em que o professor de silvicultura, provavelmente cansado das minhas perguntas e interesses, me disse impaciente: “*pensando desse jeito você será um frustrado*”. Eu respondi dizendo que já me sentia frustrado naquele exato momento. A minha frustração foi por não ter recebido apoio para aprofundar em estudos sobre a dimensão social da silvicultura, sobre os caminhos para solução de problemas de comunidades locais (responsáveis pela chamada “pressão antrópica”). Os conteúdos da aula seguiram quase exclusivamente focados na produção de madeira em escala industrial,

principalmente a partir de grandes monoculturas de eucalipto e de pinus. Naquele dia, pela primeira vez, pensei que se eu fosse professor poderia fazer diferente.

Já próximo da conclusão do curso de graduação percebi que ainda era cedo para deixar a universidade. Vi no mestrado uma oportunidade excelente: permaneceria no ambiente universitário e ainda receberia uma bolsa maior. Eu queria isso e aquilo. Essas eram razões fortes o suficiente para que eu me inscrevesse na seleção do mestrado no Programa de Pós Graduação em Ciências Florestais (PPGCF) da UFRPE. As chances de ingressar eram boas, pois a vida acadêmica bastante ativa ao longo da graduação tinha me rendido um currículo razoável.

No processo seletivo do mestrado precisei escrever uma proposta de projeto. Para aumentar as minhas chances elaborei uma proposta relacionada ao tema do meu projeto de iniciação científica (fitossociologia). Fui aprovado, mas para a minha surpresa o Programa tinha outras oportunidades de projeto e orientação para me apresentar. Antes mesmo da matrícula no mestrado fui chamado para uma reunião, uma conversa com o prof. Luís Carlos Marangon (até aquele momento a minha escolha para orientação) e o prof. Ângelo Giuseppe Chaves Alves, que eu conhecia apenas por nome, sem saber que ele fazia parte do PPGCF. Ângelo buscava um orientando que tivesse um maior interesse em trabalhos envolvendo pessoas, alguém interessado nas causas sociais. Foi assim que nos encontramos.

Ainda nessa reunião Ângelo me explicou que trabalhava com pesquisas no campo da Etnoecologia. Ele dizia tudo o que eu queria ouvir: *“uma ecologia que envolve as pessoas, seus conhecimentos, práticas, crenças”*. Uma ecologia que era isso (natureza) e aquilo (cultura). Terminamos a reunião com uma certeza: trabalharíamos juntos. Marangon sugeriu uma comunidade com as características necessárias para o novo projeto que esboçávamos. Essa comunidade era o Distrito de Macujê, no município de Aliança, Zona da Mata Norte de Pernambuco. Curiosamente, alguns meses antes eu tinha estado em um fragmento florestal vizinho ao distrito, participando de um levantamento fitossociológico. Nessa ocasião, eu me sentei para descansar nas margens do rio que separava a área de mata da comunidade de Macujê. Mirei a comunidade na outra margem do rio pensei: *“ali estão as histórias do que chamamos de pressão antrópica”*.

Dias depois da reunião, peguei emprestado o carro velho de um colega da república onde eu morava e fui visitar Macujê, praticamente inaugurando a minha carteira de motorista – eu nunca tinha dirigido em uma estrada (sim, arrisquei a minha vida, a de outras pessoas e também o carrinho velho do meu amigo. Ainda bem que deu tudo certo, graças aos deuses que protegem os cientistas que costumam não acreditar muito neles). Após a visita, confirmamos que seria ali o local do projeto. A partir disso fui aos poucos ingressando nos campos da Etnoecologia e Etnobiologia. Novas leituras, novos temas, novas pessoas e novas possibilidades. Foi um caminho sem volta. No segundo semestre do mestrado, durante as aulas da disciplina de Epistemologia, ministradas pelo prof. Ângelo, tomei gosto por ciência e passei a desejar seguir na carreira acadêmica.

Em fevereiro de 2010 eu defendi a minha dissertação. Foi a primeira pesquisa totalmente qualitativa defendida no Programa de Ciências Florestais. Logo em seguida, me inscrevi na seleção do doutorado no mesmo Programa. Queria dar sequência aos estudos sem intervalos.

Na inscrição, adotei a mesma estratégia de quando me candidatei ao mestrado, propus um projeto relacionado ao que já vinha desenvolvendo. Mais uma vez funcionou. Fui aprovado. Porém, novamente o Programa tinha outras oportunidades para me apresentar. Pretendia seguir sob a orientação do prof. Ângelo, mas recebi a notícia de que ele não teria vaga para orientação de doutorado, pois de acordo com as normas do Programa ele precisaria, para isso, ter duas orientações de mestrado concluídas. Eu fui a primeira. A então coordenadora do Programa, Profª. Ana Lícia, propôs a minha orientação ao Prof. Ulysses Albuquerque. Coube a mim entrar em contato por e-mail com o meu futuro orientador.

Ulysses respondeu o meu e-mail me convidando para uma conversa no LEA, sigla do saudoso Laboratório de Etnobotânica Aplicada, coordenado por ele na UFRPE. Fui encontrá-lo no dia e horário combinado. Ao chegar, me deparei com um espaço pequeno, movimentado e animado. Na conversa, Ulysses falou sobre um projeto grande que o grupo iria iniciar na região da Floresta Nacional do Araripe-Apodi. Disse que seria interessante pensarmos em algo para aquele contexto. Recomendou-me ler sobre “tragédia dos comuns” e “teoria dos jogos”.

Não tive muito tempo para refletir sobre as novidades que se apresentaram nos primeiros contatos com o novo orientador e com o LEA. Soube

por Ulysses que a FACEPE (Fundação de Amparo à Ciência do Estado de Pernambuco) estava com edital aberto para bolsas de doutorado. Eu teria uma semana para apresentar uma proposta. Conseguir a bolsa era algo urgente para mim, pois naquele momento tinham duas coisas que eu queria muito: 1. poder seguir com os meus estudos sem maiores preocupações, e 2. mudar o meu endereço, pois até então eu estava morando em uma república, dividindo o quarto com a namorada com quem eu queria mesmo era dividir um apartamento. Preparei o projeto em tempo e submetemos. Consegui a bolsa e as duas coisas que eu queria muito.

Divido o meu doutorado em duas fases, a dos dois primeiros anos, em que me dediquei exclusivamente às atividades da pesquisa e do laboratório, e a dos dois últimos anos, em que conciliei essas mesmas atividades ao meu primeiro emprego, fora da universidade.

Os primeiros anos do doutorado foram fantásticos. Em pouco tempo comecei a reconhecer que além de um novo orientador eu havia encontrado um novo grande amigo. Isso foi muito importante para mim, pois reforçou a ideia de que investir na carreira acadêmica já estava valendo a pena. Isso não significa que os primeiros anos de trabalho no doutorado tenham sido fáceis. Pelo contrário. Não parava de ler sobre as teorias, hipóteses, conceitos, métodos relacionados ao tema da minha tese. Ao final de cada dia vinha a impressão de que o meu orientador havia me servido um leão vivo para comer de garfo e faca. Aquela missão me parecia impossível.

As minhas atribuições com o doutorando não se limitavam aos assuntos da minha tese. No laboratório me envolvi em inúmeras atividades: participação e organização de eventos, gerenciamento de atividades de campo, e até a administração de uma kombi, que me deixou algumas vezes de castigo em oficinas mecânicas. As atividades eram muitas, e que bom.

É incrível como surgem situações inesperadas na vida e que, invariavelmente, interferem na trajetória acadêmica. A oportunidade de começar a trabalhar, ainda durante o doutorado, foi uma dessas. Para a minha surpresa, quase quatro anos depois de ter feito uma prova de concurso para o cargo de Analista Ambiental – Engenheiro Florestal da Secretaria de Meio Ambiente do Recife, recebi por um amigo, servidor da secretaria, a notícia da minha nomeação. Ele telefonou com a intenção de me parabenizar, mas acabou por me dar a notícia em primeira mão.

Antes de conversar com qualquer pessoa sobre a nomeação para o cargo, pesquisei sobre as condições salariais, atribuições, carga horária etc. Fiquei positivamente surpreso: salário honesto, direito a adicionais por produtividade, carga horária de 30h (na prática, um cargo de meio expediente) e o melhor, nem precisaria sair do Recife. Concluí que se tratava de um cargo muito bom e conciliável com o doutorado. Sabendo disso e dos desafios que enfrentaria, fui conversar com o meu orientador, para dar a notícia e saber a opinião dele a respeito. Na conversa, Ulysses disse que me apoiaria em qualquer decisão. Decidi assumir o cargo e conciliar com o doutorado. Mais uma vez eu queria isso e aquilo, e essa era uma escolha possível.

Os trabalhos na secretaria eram instigantes. Inicialmente fiquei lotado na Gerência de Gestão Ambiental, ligada à Diretoria de Políticas Ambientais. Ali ficávamos responsáveis pelos instrumentos de gestão de áreas protegidas, programas de arborização, entre outros trabalhos bastante satisfatórios. Existia muito espaço para criar soluções para a cidade. Algumas vezes lembrava de quando comecei a cursar Engenharia Florestal e pessoas da família me perguntavam com estranhamento: “*Você vai se mudar para trabalhar na Amazônia?*”.

Apesar de toda a satisfação com o trabalho na Secretária, lembro que foi em um dos meus dias de dupla jornada de trabalho que tive a certeza de que era carreira acadêmica a que mais me encantava. Foi numa tarde de sexta-feira, dia de discussão de artigos no LEA. Uma pessoa ficava responsável pela apresentação do artigo, compartilhado antecipadamente para que os participantes tivessem tempo de ler. Infelizmente não lembro qual foi o artigo discutido naquela tarde, mas lembro perfeitamente que foi ali, durante aquele debate rico em novas ideias e cercado do entusiasmo contagiante dos presentes, que pensei: “*é nesse lugar que quero estar. É com isso que quero trabalhar*”.

Os meses passaram e chegou o dia da minha defesa de tese, que me marcou por vários motivos. Embora o trabalho tenha recebido muitas críticas positivas, as negativas foram as mais marcantes. Uma das avaliadoras chegou a perguntar se eu teria pretensões de seguir carreira acadêmica, pois ao avaliar a minha tese ela concluiu que o meu perfil de trabalho se aproximava mais de uma ONG do que de uma universidade. Para a minha felicidade as impressões positivas sobre o meu trabalho superaram as negativas. Fui aprovado por unanimidade.

Passada a euforia da defesa de uma tese seguida pelo carnaval de Recife e Olinda, me veio a pergunta: “*e agora? O que vou fazer com esse título?*”. Eu estava bem empregado e agora lotado no Jardim Botânico do Recife, para onde pedi transferência no último ano do doutorado. O local de trabalho era lindo, dentro de uma floresta de mata atlântica. Mas faltava algo. Eu não queria seguir a vida distante da universidade.

Soube por um amigo da abertura de um Edital de concurso para Professor Adjunto da Universidade Federal de Alagoas, com vagas para Engenharia Florestal. Decidi checar e vi que uma das vagas era para a área de Silvicultura (logo Silvicultura! A disciplina do professor que me disse que eu seria um frustrado), englobando as disciplinas de Ecologia Florestal, Dendrologia, Silvicultura e Sistemas Agroflorestais. Os pontos de estudo eram maravilhosos. Daria prazer estudar. Decidi me inscrever.

A experiência de um concurso para docente é fantástica. A prova ocorreu em várias etapas: prova escrita, prova didática, defesa de um Plano de Atividades Acadêmicas e análise de currículo. Depois de três dias intermináveis de provas, soube do resultado: aprovado em primeiro lugar. Muita emoção! Um longo filme passou na minha cabeça.

A vida me presenteou com uma linda oportunidade de colocar em prática aquilo que desejei quando estudante de graduação: “*fazer diferente*”, no ensino da Silvicultura e nas possibilidades de formação científica. Hoje, à frente da disciplina de Silvicultura, posso reforçar suas bases ecológicas e potencialidades sociais. Criei uma disciplina eletiva, chamada “Silvicultura Tropical e Etnoecologia”, para estudantes do curso de Engenharia Florestal. Nela, busco abordar tudo aquilo que certamente eu gostaria de ter visto nas aulas da minha graduação. Além disso, nos meus projetos de pesquisa garanto o espaço para estudantes de graduação e pós-graduação interessados em sociobiodiversidade. Tenho a alegria de compartilhar a coordenação do Laboratório de Ecologia, Conservação e Evolução Biocultural (LECEB) com a Professora Patrícia Muniz de Medeiros, que considero uma das mais brilhantes e competentes cientistas etnobiólogas da minha geração. Seguimos motivados pelo desejo de consolidar cada vez mais o LECEB, como um espaço de formação, produção científica e atuação junto às comunidades e grupos sociais parceiros em nossos projetos. Inclusive, como egressos do LEA, ambos nos inspiramos em muito do que aprendemos e vivenciamos nessa escola.

A trajetória acadêmica é só uma parte da vida. No meu caso uma das partes mais importantes, que exigiu e ainda exige muitas escolhas. Na maioria das vezes essas escolhas implicam em abdicar de outras possibilidades. Afinal, nem sempre se pode escolher por isso e aquilo. Infelizmente, não se pode ter tudo. Apesar das dificuldades e constante excesso de trabalho, os caminhos que venho percorrendo nessa minha jornada acadêmica têm sido prazerosos e gratificantes. Hoje, posso afirmar que as minhas escolhas me trouxeram a um lugar onde tenho um grande prazer em estar.

Sou Rafael Ricardo Vasconcelos da Silva, professor na Universidade Federal de Alagoas e um dos coordenadores do Laboratório de Ecologia, Conservação e Evolução Biocultural. Nasci na cidade do Recife, PE, no dia 03 de setembro (Dia do Biólogo) de 1983. Filho mais novo de Seu Ednaldo e Dona Geruza. Os meus amigos acham estranha a minha mania de cronometrar distâncias e atividades rotineiras, e também de dobrar as minhas roupas antes de largá-las na areia da praia para entrar no mar. Em vidas passadas atendia pelo apelido de Spiga (na escola) e, mais tarde, Kuku (na graduação). Quando estou livre do trabalho, gosto de passar o tempo fazendo qualquer coisa prazerosa com as pessoas que amo, em especial com o meu filhinho. Gosto de viajar e de ouvir música enquanto dirijo. Também gosto de assistir as pessoas passantes como se estivesse vendo um filme. O dia perfeito para mim seria aquele em que todo mundo está em festa e que eu tenho um motivo especial para comemorar. Muitos filmes me marcaram ao longo da vida, mas o que me marcou primeiro, ainda criança, foi “De volta para o futuro”. Se eu não fosse pesquisador acho que gostaria de ser um promotor de eventos culturais ou, quem sabe, o dono de uma cafeteria numa livraria ou de um bar-restaurant com música legal em um lugar turístico (apenas!). Adoro música, a minha playlist de curtidas no Spotify tem centenas, mas se precisasse escolher uma para abrir a trilha sonora da minha vida, seria “sabor colorido”, de Geraldo Azevedo. Link para CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8561985587004394>

Em uma trajetória de desencontros, o (re)encontro com a ciência

HENRIQUE FERNANDES DE MAGALHÃES

*Com sol e chuva você sonhava
Queria ser melhor depois
Você queria ser o grande herói das estradas
Tudo que você queria ser*

*Sei um segredo
Você tem medo*

*Só pensa agora em voltar
Não fala mais na bota e do anel de Zapata
Tudo que você devia ser
Sem medo*

*Não se lembra mais de mim
Você não quis deixar que eu falasse de tudo
Tudo que você podia ser...
Na estrada*

*Ah! Sol e chuva
Na sua estrada*

*Mas não importa, não faz mal
Você ainda pensa e é melhor do que nada
Tudo que você consegue ser...
Ou nada*

*Não importa, não faz mal
Você ainda pensa e é melhor do que nada
Tudo que você consegue ser...
Ou nada*

**Tudo Que Você Podia Ser, de
Lô Borges e Márcio Borges**

Escolher uma única música do cancionário popular brasileiro, dentre tantas que eu amo, para ilustrar a minha trajetória acadêmica/profissional está muito longe de ser uma tarefa fácil. Poderia ter escolhido, por exemplo, *Arte Longa* (Geraldo Azevedo/Renato Rocha), interpretada por Geraldo Azevedo (“O mundo é grande para os nossos desencontros/A arte é longa, a vida é breve e fim/Mas como pode um mar assim tão grande/Caber num mundo tão pequeno assim”); ou *Volta Por Cima* (Paulo Vanzolini), interpretada magistralmente pela “madrinha do samba” Beth Carvalho (“Ali onde eu chorei/Qualquer um chorava/Dar a volta por cima que eu dei/Quero ver quem dava”). Mas a letra dessa canção, *Tudo Que Você Podia Ser*, interpretada por Milton Nascimento em um dos álbuns mais magistrais que a música popular brasileira já produziu, o *Clube da Esquina* (1972), reflete muito a minha trajetória pessoal e profissional. Sim, uso ambas as designações porque acredito que as minhas decisões pessoais implicaram diretamente nas minhas escolhas profissionais, e vice-versa.

Assim como o menino ilustrado na letra da canção de Lô Borges e Márcio Borges, eu comecei minha trajetória sonhando. Quis ser um herói, criei “mundos imaginários” repletos de “amigos imaginários” (sim, e até hoje converso com alguns deles). Mas, no fundo, bem no fundo, eu tinha muito medo. Até que um dia me disseram (minha saudosa avó materna, se não me falha a memória) que eu poderia ser tudo que eu quisesse, se eu não parasse de sonhar. Pois bem: em meu “mundo fantástico” de criança, eu quis ser palhaço (achava que eles eram felizes por fazerem outras pessoas rirem), motorista de “carro do lixo” (porque minha mãe me disse que gari não ganhava dinheiro) e ator (aquele mundo fantástico onde homens bonitões contracenaram com mulheres lindas me seduzia completamente). E, por fim, médico. Sim, a biologia, nem de longe, foi minha primeira opção. Quis ser médico até os 20 anos de idade, quando fui reprovado no terceiro

vestibular para Medicina que eu prestei. Mas antes disso, aconteceu algo que direcionaria minha escolha profissional para sempre.

Sou filho de um pai nascido e criado na zona rural, entre diversos municípios do interior do Estado de Pernambuco – Arcoverde, Floresta, Serra Talhada, Salgueiro (minha terra natal), e por aí vai. Ele sempre foi um apaixonado por terra, bichos e plantas: um “agrônomo frustrado”, como ele sempre se descrevia. Sob essa influência, desenvolvi a aptidão pela natureza, especialmente por animais, desde muito cedo. Adorava ler livros infanto-juvenis que abordavam questões sobre natureza, paisagens e bichos. Devorava documentários da *National Geographic* (e também as revistas) sempre que tinha oportunidade. Até que um dia (lá por volta de 1992 ou 1993, talvez), eu conheci uma produção que me “virou de cabeça pra baixo”: a série *Cosmos*, narrada pelo grande Carl Sagan, um dos mais influentes (se não, o mais) divulgadores científicos de todos os tempos. Os mistérios da terra e do universo, da forma como eram abordados naquela produção, deixava-me simplesmente boquiaberto. Anos depois, essa “semente” definiria a minha escolha profissional para sempre.

“Biólogo, eu!?”

Apesar das experiências descritas na seção anterior, a minha opção pelas Ciências Biológicas não foi “de primeira”. Por mais que eu amasse a natureza e tudo aquilo que a representa, eu, lá entre os anos de 1998 (ano em que eu terminei o Ensino Médio no Município de Feira de Santana, Bahia) e 2000, ainda não passava pela minha cabeça prestar vestibular para Ciências Biológicas. A ideia de ser médico, muito por influência da minha família, especialmente do meu pai, ainda estava muito impregnada em mim. E, assim, entre os anos de 1998 e 2000, eu prestei 3 vestibulares para Medicina, um para Biomedicina e um para Odontologia. Até que resolvi “mudar o foco”.

No ano de 2000, mais especificamente no segundo semestre, eu me matriculei em um dos cursos pré-vestibulares mais badalados de Feira de Santana (BA), onde eu residia com meus pais, na época. Sentindo-me saturado de ser reprovado em tantos vestibulares consecutivamente, eu estava praticamente decidido que, caso não fosse aprovado no próximo

vestibular (que, ainda, não sabia para qual curso seria), eu iria arrumar um “emprego normal”. Nesse cursinho pré-vestibular, eu tive um professor de Biologia incrível, que despertou em mim a possibilidade real de prestar vestibular para Ciências Biológicas no processo seletivo seguinte: o saudoso “Tio Rafa”, falecido em 2020, vitimado pela Covid-19. Lembro-me que ele desenhava impecavelmente o “quadro verde” inteirinho minutos antes do início da aula (estilo que eu imitaria “descaradamente” no início da minha carreira como professor no Ensino Fundamental II e Ensino Médio) e tinha uma didática absurdamente envolvente. Trocávamos altas ideias nos finais das aulas e ficamos amigos. Terminado o ano letivo, fui fazer minha inscrição no processo seletivo do vestibular da saudosa Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), avalei diversos cursos que poderiam ter afinidade comigo, fora aqueles para os quais eu já tinha prestado vestibular, e escolhi Ciências Biológicas. “Biólogo, eu!?”, questionei-me. Mas, já era tarde.

A minha decisão causou estranheza na minha família, à princípio. Lembro de minha mãe me perguntando, quando eu a comuniquei a minha decisão: “Filho, biólogo trabalha com o quê?”; “Meu filho, isso dá dinheiro?”. Fiz o exame vestibular do Processo Seletivo 2001.1 da UEFS, e fui aprovado em 8º lugar. Iniciei o curso em março do mesmo ano, e logo no início do curso, surgiu a primeira dúvida: “Quero dar aula (Licenciatura) ou fazer pesquisa (Bacharelado)?”. Não demorei muito a optar pela segunda opção, meio sem saber direito o que estava fazendo ainda. Decidi procurar um estágio em um laboratório que trabalhasse com genética ou algo ligado à biologia molecular (foi a coisa mais próxima de medicina que eu consegui pensar). Mas, logo, resolvi mudar os planos. Encantei-me por Ecologia, muito pela minha afinidade com matemática e ciências exatas. Sim, tomei um baita susto quando descobri que na Biologia tem mais cálculo do que eu imaginava, especialmente na Ecologia. Mas, no meu caso, foi um “susto bom”. Comecei a estagiar no Laboratório de Entomologia da UEFS (o LENT/UEFS), com Ecologia de Insetos Sociais, especificamente vespas e formigas, dois grupos de animais pelos quais eu tenho grande fascínio até hoje, especialmente o último. Mas minha estadia no LENT demorou pouco, apesar de adorar o ambiente.

“Etnobiologia! Afinal de contas, que ‘diabos’ é isso!?”

Em meados do ano de 2003, quando eu já conciliava (com muita labuta) minha primeira experiência com docência como professor temporário da Rede Estadual de Ensino da Bahia com o curso de Ciências Biológicas, ouvi falar da Etnobiologia pela primeira vez. Aliás, antes de entrar nesse assunto, permitam-me “abrir um parêntese” para falar da descoberta da minha experiência docente.

Comecei a dar aula já no final do meu segundo semestre na UEFS, em meados de 2003 (antes disso, tinha ocorrido uma longa greve na instituição). Minha motivação inicial era ganhar meu próprio dinheiro e ter um pouco mais de independência financeira em relação aos meus pais. Nada mais que isso, não me via como professor. Mas, como sempre gostei de interagir com pessoas, conversar e ouvir histórias, acabei sendo seduzido paulatinamente pela docência. Logo percebi que ao ensinar, eu também aprendia, e muito. Pouco depois, descobri que um tal de Paulo Freire já havia dito isso. Aí, “o estrago já estava feito”. Durante o meu período na UEFS, dei aula entre 2003 e 2007, sendo a maioria das experiências em escolas da Rede Estadual de Ensino da periferia da cidade. Eu tive alunos(as) inteligentíssimos(as) e cheios(as) de potencial, mas que estavam inseridos em um contexto social que não os motivava a avançar. Logo, concluí: “Se eles tivessem recebido as mesmas oportunidades que eu, teriam avançado tanto quanto eu (ou mais)”. Percebi, pela prática docente, que o argumento da meritocracia é uma falácia. Essas vivências moldaram a minha formação pessoal, profissional e política para sempre. E direcionaria a minha escolha pela Etnobiologia, também.

Voltando à meados do ano de 2003. Naquele período, soube de uma disciplina optativa que seria ofertada no curso de Ciências Biológicas chamada “Ecologia Humana”. Disseram-me que o professor que iria ministrar a aula seria um cara que era um dos “papas” da Etnobiologia no Brasil, o saudoso Prof. Dr. José Geraldo Marques. “Etnobiologia! Afinal de contas, que ‘diabos’ é isso?”: foi exatamente isso que eu pensei. Logo que cursei a disciplina e soube que a Etnobiologia era uma área de investigação relativamente recente que se propunha a pesquisar as interações entre os diferentes grupos humanos e os recursos naturais, pensei: “Trabalhar com gente, vou gostar disso”. E assim foi, desde então.

No final do mesmo ano, 2003, soube que um professor da UEFS tinha acabado de concluir o seu doutorado com uma tese sobre “Etnoentomologia” e que estaria de retorno à instituição ofertando um curso intitulado “Introdução à Etnoentomologia”. Como eu trabalhava (ainda) com Ecologia de Insetos Sociais e já estava seduzido pela ideia da Etnobiologia, a proposta me pareceu interessante. Matriculei-me no curso, participei e, logo depois, comecei a estagiar com o Prof. Dr. Eraldo Medeiros Costa Neto. Desde então, a Etnobiologia nunca mais deixou de fazer parte da toda a minha formação e prática acadêmica e científica. Logo no primeiro projeto que trabalhei no Laboratório de Etnobiologia (LETNO/UEFS), eu e o Professor Eraldo publicamos um artigo em parceria. Foi uma experiência bem empolgante para mim, logo no início da minha jornada naquela nova linha de pesquisa. A parceria com ele durou até fevereiro de 2010, ano que concluí meu Mestrado em Zoologia na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), cuja dissertação foi sobre “Etnoecologia de crustáceos de importância econômica em manguezais do Litoral Norte do Estado da Bahia”. Uma experiência incrível, onde tive a oportunidade de conviver com pessoas simples, encantadoras e incrivelmente acolhedoras. A partir de então, minha vida tomou outros rumos, e a Etnobiologia só voltaria à minha vida depois de sete longos anos.

Entre fevereiro de 2010 e dezembro de 2016, eu tive uma trajetória cheia de idas e vindas. Nesse período, eu prestei quatro seleções para doutorado e cinco seleções para docente em Instituições de Ensino Superior. Todas sem sucesso. Reinventei-me profissionalmente: comecei a atuar como consultor ambiental, trabalhei como orientador pedagógico e docente horista em uma instituição privada de Ensino Superior. No entanto, sempre me cobrei (e me culpei, de certa forma) por ter “abandonado” o universo acadêmico. Eu sempre amei fazer pesquisas de campo e ser cientista, e sentia-me um “peixe fora d’água” naquela condição que me encontrava. Era um misto de cobrança com autossabotagem. Eu acreditava que, por estar há tantos anos fora do “mercado acadêmico”, eu não teria mais tantas chances. Superar esse complexo de inferioridade foi o meu grande desafio e, também, a minha grande vitória. A grande chance logo viria.

Em dezembro de 2016, soube que haveria um Processo Seletivo de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza da Universidade Federal Rural de Pernambuco (PPGEtno/

UFRPE), e desafiei-me a participar. A ideia de voltar à Etnobiologia e também ao Recife (cidade onde sempre passei as férias na casa do meu avô paterno, tios e tias, e onde havia morado em 1999) me parecia muito atraente. Falei para mim mesmo que caso eu fosse aprovado, nunca mais “abandonaria” a vida acadêmica e científica novamente. Fiz a seleção, fui aprovado, reencontrei com a ciência após sete anos, e me re-apaixonei perdidamente por ela. Hoje, olhando para trás, eu diria que a Etnobiologia me escolheu antes mesmo que eu optasse por ela.

No decorrer do meu doutorado, tive a oportunidade não somente de revisar tudo o que eu já havia aprendido na Etnobiologia, mas, também, de me aprofundar em abordagens que até então desconhcia (ou conhecia muito superficialmente). Conheci pessoalmente grandes cientistas da área que, até então, eu só conhecia de citações de artigos científicos (um deles, por sinal, foi meu orientador). Grande parte desse aprofundamento ocorreu por meio do desenvolvimento da minha tese – por meio da qual busquei compreender os aspectos ecológicos e evolutivos que permeiam a relação entre pessoas e os recursos naturais, no que tange a percepção de riscos ambientais e a capacidade adaptativa em sistemas socioecológicos diante de eventos climáticos extremos, e como fatores ambientais, cognitivos e socioeconômicos podem estar interferindo nesse processo – e das minhas experiências nos Estágios de Docência I e II, nas disciplinas de *Tópicos Especiais em Ecologia: Ecologia Humana e Etnoecologia*, respectivamente.

Não foi uma trajetória fácil. Aliás, foi quase impossível em muitos momentos. Apesar de ter vencido o desafio de retornar ao ambiente acadêmico e estar cursando um doutorado, no fundo, eu ainda não me sentia suficiente capaz, nem à altura dos meus colegas de laboratório, que estavam “respirando” aquele ambiente há mais tempo que eu. Autossabotei-me, cogitei abandonar tudo e voltar para a Bahia, desanimei-me com a minha pesquisa. Enfim, fui ao fundo do poço. Saí às custas de muita sessão com psicóloga, conversa com minha companheira e familiares/amigos(as) mais próximos(as) e ao apoio e compreensão do meu orientador. Nunca me esquecerei daquela sexta-feira fatídica de setembro de 2018, quando ele me disse: “Alivie a bagagem, meu caro. Vá se tratar, e fique em paz”. Superei-me novamente, voltei por cima, reencontrei a paz com a minha pesquisa e mergulhei nela como nunca.

Defendi minha tese em julho de 2021, em formato remoto, quando a pandemia da Covid-19 já nos assombrava e nos imprimia um cenário de profundos desafios e incertezas. Conclui esse ciclo em um momento crítico para a ciência, ensino e pesquisa no Brasil, em meio a um cenário de cortes de orçamento, o que tem implicado diretamente na escassez de oportunidades para recém-doutores como eu. O grande desafio nesse momento, é perseverar, embora eu reconheça que é muito difícil. Mas, no final de tudo, sempre temos que nos reinventar e recomeçar muitas vezes, e a todo momento. Para chegar até aqui, eu tive que fazer isso. Fazer ciência é, antes de uma escolha profissional, uma missão para com a vida e a sociedade. Espero que a minha história inspire você, leitor(a) e jovem cientista, a perseverar, lutar e seguir. Se eu conseguir isso, minha missão estará cumprida.

Sou Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual de Feira de Santana; Especialista em Gestão Ambiental pela Universidade Candido Mendes; Mestre em Zoologia pela Universidade Estadual de Santa Cruz; e Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Atualmente, atuo como consultor e educador ambiental, e também como divulgador científico. Tenho pavor de injeção e de raios, e confiro se as portas estão trancadas umas “200 vezes” antes de sair de casa. No tempo livre, eu gosto de ler (de tudo um pouco, exceto autoajuda), ouvir música (especialmente rock internacional e música brasileira), maratona filmes e séries, e brincar com meus felinos de estimação. Um dia perfeito para mim seria em um sítio, ao lado de uma lagoa, a sombra de uma árvore e uma rede (Bem bucólico, não!?). Se eu não fosse pesquisador, seria jornalista (sempre amei escrever) ou músico (apesar de não tocar instrumento algum, sou um grande fã da arte). Dentre tantos filmes que marcaram a minha vida de cinéfilo assumido, eu citaria *Um Sonho de Liberdade*, filme belíssimo de 1994 baseado no romance *Rita Hayworth and Shawshank Redemption*, de Stephen King, publicado em 1982. A trilha sonora da minha vida seria provavelmente um rock n’ roll clássico, como Beatles, Creedence Clearwater Revival e ZZ Top; mas teria espaço para Milton Nascimento, Cartola, Gilberto Gil (três dos meus compositores favoritos) e Elis Regina (sou, simplesmente, fã da pimentinha). Link para CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3205162624722950>

PESSOAS, COISAS E LUGARES que me fizeram escolher e seguir a carreira acadêmica

TALINE CRISTINA DA SILVA

*Precisarei estar bonita
mas também não necessita
de haver uma transformação.*

*Passam os anos, passa a vida
e aquela ferida, não sai do rosto
não sai do corpo
não sai de perto de mim*

*Vivo a procurar
um lugar onde eu possa existir*

*Mundo Afora pra se conhecer
Uma estrada torta a destorcer
Pelo mar, pelo chão
barro batido, céu azul...
Mundo Afora, de Isaar*

Bom, por incrível que pareça, na maior parte do tempo, foi muito tranquila minha jornada acadêmica! E eu devo isso às **Pessoas**, às **Coisas** e aos **Lugares** que conheci ao longo do caminho. Porém, antes de falar especificamente de meu trajeto na universidade e conseqüentemente na academia, quero abrir um parêntese e relatar um pouco sobre as dificuldades que tive para entrar em uma universidade pública.

Então... sempre estudei em escola pública, e como todos sabem, infelizmente no Brasil, essas são bem deficitárias, do ponto de vista físico, organizacional e de corpo docente, por falta de investimentos e comprometimento do poder público. Logo, isso foi um dos pontos chave que me desestimulou a pensar em entrar em uma universidade. Aliás, pela minha história de vida, a pretensão era terminar o ensino médio e arrumar um emprego logo em seguida. Mas... no meio do caminho tinha uma **Pessoa**: minha **Mãe**! Que sempre me incentivou a estudar e querer um futuro melhor do da realidade dela. Aconteceu também uma **Coisa**: o **Curso de formação em direitos humanos** ofertado para jovens da minha comunidade, pelo CENDHEC (**Centro Dom Helder Câmara**). Nesse curso eu conheci **Pessoas**: assistentes sociais, advogados, pedagogas etc. e vieram mais **Coisas**: direitos, deveres, livros de Paulo Freire etc., que me fizeram ver o mundo de outra forma, justamente no último ano do ensino médio. Esse curso foi, sem dúvida, uma “virada de chave” em minha formação. Nele eu descobri que existia um universo de carreiras que eu poderia exercer, e que para algumas delas eu precisaria “fazer faculdade”. Então foi aí que comecei a querer me descobrir, e nessas descobertas, percebi que eu gostava muito da natureza e de pessoas, mas nem sonhava ainda que o nome disso, na academia, poderia ser **Etnobiologia**. Beleza, a essa altura, eu já estava certa de que podia e queria fazer vestibular (forma de ingresso a universidade na minha época, não que eu seja velha), só não sabia qual curso escolheria, o que é normal quando somos muito jovens. No dia da inscrição do vestibular, escolhi fazer para História, após uma conversa com um **Tio** (de terceiro grau), que era Advogado e que eu considerava “o rico da família”. Nessa conversa falamos sobre minha trajetória na escola pública e da possibilidade de eu fazer Direito, pois também queria ser “rica” como ele. E foi aí que chegamos à conclusão de que seria muito difícil eu ser aprovada (Síndrome do impostor detectada!). Por isso, ele sugeriu que eu fizesse História para, no futuro, tentar mudar de curso, como portadora de diploma. Sendo assim, fiz meu primeiro vestibular, e ainda bem que não passei, embora eu goste muito de História.

Foi um trauma não passar no vestibular, pois criei muita expectativa e estava me sentindo empoderada. Mas vida que segue.... Minha **Vó**, no ano seguinte, fez uma promessa para eu passar no vestibular e me incentivava

em tudo que eu fazia. Pena que ela veio a falecer pouco antes de me ver “formada”, mas o afeto e a gratidão a ela são eternos.

Bem, ganhei uma bolsa de estudos para fazer um cursinho preparatório e tentar no ano seguinte, aí mais uma vez a “chave virou” e veio mais à tona a vontade de trabalhar com pessoas e natureza. Assistindo algumas aulas no cursinho, “caiu a ficha” que eu poderia fazer vestibular para Geografia ou Biologia, que me dariam a oportunidade de trabalhar com pessoas e natureza. Eis que fiz vestibular e passei em ambos os cursos, em universidades distintas, até que faço a excelente escolha pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Na UFRPE vivi 11 anos entre a graduação e o mestrado, conhecendo **Pessoas, Coisas e Lugares** incríveis através dela. A **Graduação** foi aquela história... “Ruim, mas tá bom”. A gente sofria muito, mas também eramos muito felizes. Sofríamos nas disciplinas de cálculo pesado, sobretudo eu que não tinha uma boa base, por ter vindo de escola pública. Sofríamos ao passarmos noites de sono estudando para as provas, ao comermos lanches “roots” que substituíam os almoços e jantares caros que a gente não podia pagar. Quando íamos para a final nas disciplinas, quando “rolavam tretas” nos trabalhos em grupo, quando o disquete travava (repito, não sou velha). Era sofrimento que não acabava mais... Aliás, o sofrimento acabava nas sextas-feiras, quando íamos com R\$ 2,00 para o bar e conseguíamos o milagre de beber e comer (nem tanto) a noite toda, ou melhor: até a hora do último ônibus passar. O sofrimento também acabava nas aulas de campo, onde visitávamos **Praias, Cachoeiras, Montanhas** etc. (ah a natureza)! Acabava quando a gente cursava uma disciplina “massa” e com um professor “massa”; nas festinhas de aniversário na casa dos **Amigos**, que a essa altura convivíamos mais, do que com nossa própria família. Sim, nossa turma era muito unida. Tanto, que a gente se ajudava, se defendia, brigava, se divertia. Colocávamos apelidos nos professores, mas essa parte é sigilosa... Enfim, posso dizer que vivi alguns dos melhores anos da minha vida durante a graduação. Foi durante esse período que vieram as descobertas: o que eu gostava e o que eu não gostava no curso, pois está tudo bem você odiar algumas disciplinas.

Nesse mundo de descobertas, conheci a **Etnobiologia**, o LEA (Laboratório de Etnobotânica Aplicada, na época), o **Professor Ulysses** e a **Pesquisa**, coisa que nunca pensei fazer (síndrome do impostor detectada

novamente!). Em minha trajetória na graduação eu tinha quase certeza de que não seguiria carreira acadêmica. O que eu achava que queria era trabalhar em uma ONG ambientalista e defender a Amazônia (contínuo defendendo, sobretudo hoje no atual contexto de política ambiental no Brasil). Então, durante meu percurso na graduação, busquei estágios remunerados, pois precisava de recursos para me manter na universidade. Os estágios me proporcionavam experiências com pessoas e natureza. Fiz estágio no zoológico da cidade e em uma Fundação. Em ambos atuei como educadora ambiental, dei aulas na rede municipal de ensino e por fim, e início de tudo, recorri à academia.

Meu primeiro contato com a **Etnobiologia**, foi em um evento organizado pelo LEA, do qual fui monitora, e achei a abordagem incrível. Fiz muitos amigos e amigas também, dentre elas **Paty**, pesquisadora que admiro muito e que é uma das minhas melhores amigas hoje. Como eu estava estagiando, mesmo tendo gostado da área, achei que não era o momento de me “jogar”, talvez por medo da academia. Mas no final do curso, tive que fazer o “bendito” TCC e não vi outro caminho, a não ser buscar a academia para cumprir essa etapa. Foi aí que veio a **Etnobiologia!** Bati na porta do LEA e fui recebida por pessoas legais, que me informaram que em breve o laboratório faria seleção para novos participantes. Não tardou muito e eis a seleção! Entrei no LEA e iniciei uma das jornadas mais intensas e especiais da minha vida. Saí do nível de passar duas semanas para traduzir e ler apenas um artigo científico (e está tudo bem), até uma incessante busca pelo conhecimento, entendimento do que era ciência, escrita de textos, apresentação de trabalhos, participação em eventos etc.

Uau! Finalmente me encontrei!

Fui bolsista técnica de projeto relacionado a remanescentes de **Mata Atlântica** no Estado e comecei uma abordagem sobre percepção ambiental com crianças; além de ajudar alguns colegas em suas pesquisas, as quais me proporcionaram aprendizado e parcerias científicas. Foram períodos intensos de campo. Às vezes em situações precárias, às vezes correndo alguns riscos; mas quase sempre sendo bem recebida e acolhida pelas crianças e pela comunidade onde trabalhávamos. Ao terminar os trabalhos nessa região, confesso que me frustrei um pouco, pois os dados não serviram para melhorar a qualidade de vida daquelas pessoas e do ambiente que as cercava. Mais para frente, eu cheguei a entender que isso não dependia

apenas de mim e fui aprendendo a lidar com a frustração. Enfim, defendi meu TCC, ainda dei aulas por uns meses em uma escola privada e descobri que não tinha vocação para professora do ensino fundamental, quando um dos meus alunos colocou fogo na sala de aula e fui demitida.

Eis que no mestrado em botânica pela UFRPE, surge uma oportunidade de fazer uma pesquisa aplicada e voltada para à recuperação da vegetação ciliar do **Rio São Francisco**. Experiência única, pois nunca havia passado tanto tempo longe de casa (1 mês) e convivido tanto com um parceiro de laboratório, que hoje é um grande amigo e padrinho de um dos meus filhos (sim, tenho filhos e já, já falo deles). O trabalho foi massa! Através dele percorremos 8 municípios da **Bahia e Pernambuco**, todos às margens do **Rio São Francisco**. Conversávamos com populações ribeirinhas, pois queríamos saber como elas percebiam os processos de transformação da paisagem ao longo do rio, entre outras abordagens. Ao finalizarmos o trabalho, que era multidisciplinar e em parceria com outros pesquisadores, elaboramos um relatório que iria contribuir para a recuperação da vegetação estudada. Depois dessa etapa, veio minha defesa da dissertação, que antecipei em seis meses por incentivo do meu orientador, já que haveria uma seleção extra de doutorado no período que eu finalizasse o mestrado.

Quando estava pertinho da minha defesa, perdi meu **Tio**, que era quase um pai para mim, e mal tive tempo de me despedir dele. Quando ele adoeceu, eu estava fazendo um estágio em **Santa Catarina**, pois havia ganhado um bolsa para analisar dados de um inventário florestal da região, o qual rendeu um artigo, amizades e experiências bem legais pelas bandas do Sul do Brasil. Em algumas semanas de estágio, eis que recebo a notícia do falecimento do meu **Tio**. Não pensei duas vezes, arrumei minhas coisas, fui para o aeroporto e peguei o primeiro voo para **Recife**, na tentativa de dar o meu último adeus a ele. Um sentimento muito louco de saudade e felicidade por ter vivido muitas coisas com ele, por tê-lo amado, por ter conhecido aquele ser tão iluminado, bondoso e amoroso. Mas assim é a vida. Não voltei mais para o estágio e continuei analisando os dados à distância, paralelo à finalização da minha dissertação. Semanas depois, defendendo o mestrado e na plateia, por um instante, também vi meu **Tio**.

Sendo bem sincera, o mestrado foi tranquilo para mim. Sai ileso dele, pois naquelas alturas eu já me conhecia melhor como pessoa e como

pesquisadora, sabia dos meus limites, ritmo de trabalho etc. Devo boa parte disso aos meus **Amigos, Orientador e Jornadas LEA** (evento de imersão e autoconhecimento que rolava anualmente no Lab.). Mas a etapa de publicação dos artigos da dissertação foi mais sofrida, tanto que terminei o mestrado em 2010 e o artigo principal só saiu em 2013, após tantas rejeições e correções. Mas está tudo bem ser assim o processo também.

Em 2010 entrei no **Doutorado** em Botânica, também pela UFRPE e foram quatro anos de muito aprendizado, altos e baixos também. Então, mais uma vez, o doutorado se sustentou por **Pessoas, Coisas e Lugares** que tive a oportunidade de conhecer. Vamos começar pelo meu campo no **Ceará...**, mais especificamente, na **Chapada do Araripe**. Minha tese buscava entender sobre os processos associados às mudanças da paisagem na **Floresta Nacional do Araripe** da região, com um comitê de orientação top. Trabalharia com ecologia histórica, classificação folk, percepção e manejo da paisagem. No começo ficava tensa com o campo, pois era longe (9h de Recife), não tínhamos um lugar para ficarmos instalados, apenas as pousadas da região. Minhas perguntas de investigação não estavam claras na minha cabeça, pois no doutorado a gente tem que “caminhar mais com nossas próprias pernas”. Porém, com um tempo, tudo foi se organizando e passei a amar meu campo e meu trabalho. A região é belíssima e instigante para qualquer etnobiólogo, sem contar com a hospitalidade das pessoas. Só em pensar nos momentos intensos que vivemos em algumas comunidades, me emociono. Quero muito voltar lá com meus filhos, para eles aprenderem um pouquinho sobre humildade e amor ao próximo.

Nossa equipe de pesquisa também era indescritível, um ajudando o outro, passando perrengue, curtindo as festinhas da região. Era o LEA **Araripe Selva!!** Bons tempos..., mas nem tudo são flores: a coleta de dados acabou e me restou uma pilha de dados e um monte de dúvidas. A essa altura eu já havia cursado as disciplinas, uma delas, mais uma vez, em **Santa Catarina**, onde fiquei um mês analisando dados com meu coorientador e de quebra participei da organização do **Congresso Nacional de Etnobiologia e Etnoecologia**. Conheci pessoas maravilhosas... Ah, as **Meninas de Floripa!** Nesse rolê ainda comecei a participar de um projeto sobre resiliência e mudanças climáticas, que me deu a oportunidade de ir para **Guatemala** representando nosso grupo de pesquisa em um evento promovido pelo projeto.

Voltando para Recife teria que qualificar... Meu Deus, que desespero! Não sabia nem por onde começar meu primeiro artigo! E está tudo bem! Conversando com o “Ori”, alguns amigos e lendo bastante, veio o start do meu primeiro capítulo, que depois de um ano, mudou completamente e tomou cara de publicação. Então, nesse um ano que acabei de falar, foi o Ano do doutorado! Sabe por quê?! Fui para fora de o país estudar, pois ganhei uma bolsa “sanduiche” e me joguei para os STATES por seis meses. Sem dúvida, o doutorado sanduiche foi uma das etapas mais incríveis e intensa do doutorado. O meu conselho é: se você tiver oportunidade, faça! Ir para **outro país, falar outra língua, vivenciar outra cultura, fazer novos amigos, conhecer outras formas de fazer ciência, se virar “sozinha**. Sou outra pessoa após essa experiência! Quando voltei, mais uma vez cheguei cheia de dúvidas e dados para escrever o segundo capítulo da minha tese, que já estava na contagem regressiva para ser defendida.

O final do doutorado não foi nada fácil... Organizar a cabeça, voltar para dura realidade do Brasil, com a mente cheia de incertezas, pois a bolsa iria acabar e eu ainda não teria um emprego. Foi osso! Tive que manter o equilíbrio e com a ajuda da família, amigos, florais de Bach e meu orientador, tentei focar na tese e viver um dia de cada vez. Parte importante dessa etapa, foi que sai debaixo das asas da minha mãe quando voltei dos EUA e fui morar na **HarryPública** com dois amigos que hoje são irmãos para mim, e que sorte a minha! Entre as angústias de final de doutorado, desamores, desemprego... Eu os tinha, as **Festinhas** e para completar uma **Cachorrinha Louca**, que na época substituiu meu desejo de ser mãe. Sim, eu estava na crise dos 30 anos também. Loucura!

Sobrevivi! Defendi minha tese, que alguns elogiavam, menos eu: que achava ela horrível (Síndrome do impostor detectada novamente)! Comecei a procurar emprego, currículo para todos os lados, projetos de pós-doc. para vários órgãos de fomento etc. E as coisas foram fluindo... Uma amiga arrumou um “trampo” em um projeto de formação de professores. Através dele, dei um rolê pelo meu Estado e perdi o medo de dirigir. Dei aula em uma faculdade privada por um curto período, consegui uma bolsa de “pós-doc” e logo começaram a aparecer os concursos para universidades públicas, que era o que eu já tinha a certeza que queria. Mas nunca imaginei que fosse tão tenso e desgastante fazer um concurso.

Meu primeiro concurso foi para Universidade Estadual de Alagoas, que é onde estou até hoje. Mas como eu não havia passado em primeiro lugar (sim, em segundo!), existia a incerteza de não ser chamada. Por isso, eu tentei mais quatro concursos. É sério, concurso não é coisa de DEUS! É torturante, angustiante. Em todos que eu tentei eu passava na etapa da prova escrita e na didática, eu queria a morte; pois tinha que passar 24h preparando a aula e sem dormir. E as noites sempre foram sagradas para dormir! Mas em alguns eu passei na prova didática também, embora eu tenha passado por situações que hoje considero engraçadas, como: apagar o quadro com a mão, pedir água à banca avaliadora, entre outras gafes. Enfim... Após um turbilhão de emoções na minha vida pessoal, engravidei e desisti de fazer concurso. Resolvo me “jogar” no meu pós-doutorado, quando sou chamada para tomar posse na UNEAL. Eis que vou para a cerimônia de posse com quase 9 meses de gestação. O reitor olhou torto para mim, pois eu já iria pedir licença, e os alunos, que esperavam a nova professora, se frustrariam. Logo, na minha cabeça de “preocupada”, não comecei bem. Mas o que é começar bem como professora em uma universidade pública? Na minha cabeça essa pergunta martelava e fazia querer fazer diferente, fazer diferença na vida dos meus alunos.

Voltei da licença maternidade com um bebê lindo e com muita vontade de ensinar tudo que aprendi, mas sobre maternidade e carreira científica, cabe escrever um outro texto, tamanha a complexidade do tema. Sendo assim, me joguei de cabeça na docência, na pesquisa e na extensão, logo tive a certeza de que a universidade pública era o meu lugar, e que apesar de todas as dificuldades estruturais, falta de investimento do poder público, desvalorização por parte da sociedade, acredito que podemos fazer muito pela educação e pela melhoria da qualidade de vida das pessoas. Assim, sigo incentivando meus alunos a acreditarem nas **Pessoas**, a quererem conhecer **Coisas** e **Lugares** que irão mudar a vida deles e de outras pessoas, seguindo todos e todas em uma grande ciranda, em que, hora você estará em uma posição e, em segundos, em outra. Mas o importante é continuarmos dançando de mãos dadas.

Atualmente, sigo com todas as inseguranças e dificuldades, dando aula no curso de Licenciatura em Biologia. Coordeno o curso de Especialização em Ecologia e Conservação da Natureza, faço parte do corpo Docente do programa

de Pós-Graduação em Etnobiologia, oriento alunos de graduação e pós-graduação, coordeno o Laboratório de Etnobiologia e Conservação da Natureza (LAEC) e na MAIOR parte do meu tempo sou mãe do LUCCA (5 anos), do IGOR (10 Meses) e companheira do XAVI, que também é professor e cientista. Sou apaixonada pela cultura Pernambucana, não posso ver uma lata batendo que quero dançar! Já toquei percussão em maracatu (AGBÊ), alguns dias também fui ciclista, mas a maternidade, por enquanto, me mantém afastada da BIKE. A única coisa que faço extra academia, no momento, é o PILATES (velha!). Meus amigos mais íntimos me chamam de Tatá ou Tá. No meu tempo livre priorizo estar com minha família e/ou amigos. Um dia perfeito para mim é na natureza, com cervejinha, musiquinha e amigos. Um filme que me marcou foi *Dançando no escuro* (Lars Von Trier). Já uma música que eu adoro é *Grande poder* (Comadre Flulôrzinha). Ah! Uma curiosidade: Sem dúvida, se eu não fosse pesquisadora, seria dançarina. Inclusive, durante meu doutorado sandui-che nos EUA, ao escutar uma “lata batendo”, comecei a dançar e fui convidada para um grupo de dança. Cheguei até a fazer uma apresentação, em que ganhei U\$ 100! Mas começou a atrapalhar meus estudos e logo essa carreira teve que ser adiada. Link para CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3422636870894754>

É preciso enxergar e abandonar aquilo que não te leva para frente: os caminhos trilhados em minha trajetória acadêmica

MARCELO ALVES RAMOS

Passa

*Tudo na vida passa
Tudo que faz o mal, passa
Tudo que faz o bem*

Faça

*Tudo que der vontade
Antes que seja tarde
Antes que perca o trem*

Peça

*Mas antes de pedir agradeça
O universo quer que aconteça
O que a cabeça pede pra ser*

Seja

*E veja como a vida é massa
O bom e o ruim, no fim, tudo passa
Só fica o que pertence a você
Passa, de Igor de Carvalho*

Olá, talvez a gente não se conheça, mas se você chegou até aqui, e está interessado em saber um pouco de minha trajetória acadêmica, quero te adiantar que ela não foi tão leve assim, e isso não esteve relacionado

com o “sofrimento” que algumas pessoas associam a quem decide fazer pós-graduação. O que aconteceu, no meu caso, foi ter dado mais ouvidos a uma pessoa que desacreditava na minha capacidade de conquistar as coisas, e esta pessoa foi eu mesmo.

Então venho compartilhar contigo um pouco de minha história, e nesse sentido não tenho como deixar de mencionar alguns fatos que antecederam minha vida acadêmica, pois eles podem explicar muitos dos sentimentos que cultivei (e cultivo até hoje) nessa minha jornada. Após tratar disso, é que seguirei apresentando os detalhes de meu percurso acadêmico.

A trajetória pré-acadêmica

Eu nasci em Recife, no entanto meus pais, Dona Clementina e Seu Manoel (*in memoriam*), são naturais da zona rural do município de João Alfredo (Agreste de Pernambuco). Diferente de mim, meus pais tiveram poucas oportunidades de estudo, pois desde cedo precisaram trabalhar na agricultura. De três filhos eu sou o mais novo, e o fato de ter nascido em Recife foi porque meus pais resolveram sair de João Alfredo em busca de mais oportunidades na capital do estado.

Boa parte de minha vida morei em Camaragibe (PE), e lembro bem dos anos iniciais na escola, marcados de muito choro, pois não me conformava em ter que ficar “sozinho” em meio a tanta gente desconhecida. Conforme irei abordar mais adiante, minha infância e adolescência foi cercada por alguns obstáculos e muitas cicatrizes, que enfrentei de forma silenciosa e pouco reativa.

Um ponto marcante, e que não posso deixar de comentar em qualquer recorte que fizer da minha jornada nesta vida, são meus olhos. Em boa parte de minha infância eu não enxergava com definição. Fui alfabetizado sem conseguir enxergar o quadro das salas de aula, dependendo exclusivamente dos cadernos dos outros colegas de turma para saber o que os professores escreviam no quadro. Associado a isso, tinha dificuldades de interagir socialmente com as outras crianças nos intervalos e no recreio escolar, dada as limitações visuais. Foi assim que me tornei uma “figura exótica” dentro da escola, e se a inclusão é um desafio nos tempos atuais, imagina naquela época. Sem nenhum tipo de ajuda especializada

precisei ser resiliente para aguentar situações diárias de *bullying*. Às vezes me pergunto como tudo aquilo acontecia sem ter nenhuma intervenção da escola, e até mesmo de meus pais. Talvez na década de 90, dentro das escolas públicas, algumas violências eram toleradas pelos professores e pela gestão escolar.

Quando cheguei ao 5º ano da educação básica meus pais conseguiram me levar para um oftalmologista. Por que demorou tanto? Não sei, mas suspeito que tenha relação com a situação econômica que vivíamos. Com o diagnóstico, foi necessário fazer alguns procedimentos cirúrgicos e passei a usar óculos. Lembro-me do primeiro dia que usei eles. Fiquei encantado com aquele mundo novo que se abriu para mim, tão cheio de detalhes. Me recordo da felicidade em ter conseguido ler o que estava escrito nas faixas fixadas nos edifícios da Av. Conde da Boa Vista (Recife - PE), de enxergar detalhes de meu rosto quando me olhava no espelho.

Com os procedimentos cirúrgicos e a chegada dos óculos, o problema de ir para escola e enxergar no quadro estava resolvido, mas eu nem imaginava que surgiria uma nova e prolongada fase. Usar óculos com um grau muito alto me colocou no mesmo lugar de antes: no centro das atenções dos outros estudantes. Naquela época, o que eu mais desejava era poder ir para escola e depois voltar para casa sem ter sido alvo de brincadeiras desagradáveis. Mas, infelizmente não deu, precisei conviver com todas as brincadeiras e as músicas que eram compostas e cantadas para mim, na forma de coral pela turma inteira. Por incrível que pareça, isso se estendeu até o terceiro ano do ensino médio.

Nessa fase, apesar de minhas interações sociais estarem melhor que no período da infância, ainda eram limitadas. Para muitas pessoas, meus óculos pareciam algo de outro planeta, e além disso eu precisava ter muito cuidado para não os quebrar, já que não havia condições de comprar outro rapidamente. Assim, costumava não participar das atividades que envolvessem socialização, como jogos esportivos. E sendo bem sincero... isso não me incomodava muito, pois quem se torna alvo constante de brincadeiras, geralmente desenvolve dificuldades para participar de atividades em grupo.

Nessa trajetória também teve outra coisa importante, a minha sexualidade. Não desenvolvi o estereótipo de masculinidade exigido para a época, ou seja, não fui aquele menino com atitudes mais “brutas”, que

jogava futebol, azarava as meninas etc. Essas coisas não passavam despercebidas pelos colegas da sala. Também não eram vistas como normais dentro das relações mais pessoais, como a desenvolvida por mim e meu pai.

Bom, pode estar parecendo um pouco (ou muito) dramático falar dessas coisas, mas precisei construir isso para poder contextualizar minha chegada na Universidade, e a construção de minha carreira acadêmica.

Diante de tais situações, enfrentadas dentro e fora da escola, qual foi o meu refúgio? Estudar! Me tornei o “nerd” da escola, uma figura perseguida pelos estudantes, mas amada pelos professores (risos). Foi então que no ensino médio meu professor de biologia (Humberto), percebeu minha afinidade com a área que ele ensinava e me motivou a fazer vestibular. Eu desejava fazer medicina, mas chegamos a um consenso que naquele ano seria muito difícil ser aprovado neste curso, diante das limitações de minha formação na educação básica. Assim, aos 16 anos de idade, concorri e fui aprovado no vestibular para cursar Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), embora naquela época não desejasse ser professor.

A trajetória de formação acadêmica

A aprovação no vestibular foi uma surpresa, pois as experiências que tive nos anos anteriores já haviam formado uma pessoa extremamente insegura, que acreditava pouco em si mesmo. Quando raciocinamos dessa forma, mesmo que aconteçam coisas grandiosas em nossas vidas, surgem as vozes internas falando que nossas conquistas não são por mérito, que deve ter ocorrido algum erro ou milagre.

Essa aprovação trouxe felicidade e orgulho para toda família. Dentro de nosso ciclo de relações, era incomum termos pessoas que estudassem em uma universidade. Dessa forma, iniciei a graduação com bastante insegurança. Mas confesso que tentei criar uma figura “fake”, que aparentasse para os outros o contrário daquilo que eu era. Como parte do plano escondi (inclusive de mim) tudo que tinha vivido no passado, e passei a usar lentes de contato, deixando de carregar aquele objeto que representava tanto a minha insegurança: os óculos.

Do primeiro período do curso trago como lembrança: a) o alívio pelo fim daquele ciclo de piadas e brincadeiras vividos na educação básica, pois finalmente podia chegar e sair das aulas de forma discreta e desapercibida; e b) as ótimas aulas da disciplina de “Morfologia de Fanerógamas” ministradas pela Prof.^a Carmem Zickel. Durante minha graduação tive ótimas experiências com docentes da área de botânica, iniciadas com a Prof.^a Carmem, e continuada com Prof.^a Ariadne Moura, Prof.^a Elcida Araújo, Prof.^a Suzene Izídio, e a mais decisiva de todas, a do Prof. Ulysses Albuquerque que falarei mais adiante.

Para seguir a ordem cronológica dos fatos, lembro que no terceiro período do curso participei de uma dinâmica conduzida pela Prof.^a Fernanda Amaral, docente da área de zoologia. Durante esta atividade a Prof.^a distribuiu balões e pedaços de papel, solicitando que escrevêssemos e colocássemos dentro deles o que desejávamos para nosso futuro. Foi nesse momento que externalizei, concretamente, e pela primeira vez, o desejo de fazer mestrado e doutorado e me tornar um docente e pesquisador. Coloquei isso dentro daquele balão amarelo. Confesso que, na época, não tinha noção da trajetória que precisava percorrer até a realização desse desejo. Hoje, quando narro essa história para os meus amigos, costumo dizer (em tom de brincadeira) que se imaginasse o quanto seria difícil e demorada essa trajetória, teria colocado outra coisa naquele balão (risos).

Foi também no terceiro período do curso que conheci o Prof. Ulysses Albuquerque, na disciplina “Sistemática de Fanerógamas”. Durante essas aulas, o Prof. Ulysses perguntou quem desejava participar na monitoria do “IV Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia” (IV SBEE) que iria ocorrer em Recife. Mesmo sem saber o que era um simpósio, muito menos do que se tratava a etnobiologia e etnoecologia, dei meu nome para monitoria, e foi este o primeiro evento acadêmico que participei na vida.

Durante as reuniões com a comissão organizadora do IV SBEE, perguntei ao Prof. Ulysses se ele tinha vaga para estagiário em seu laboratório. Não fiz isso motivado pela área de pesquisa do professor, foi por sua simplicidade, simpatia, dinamismo e capacidade de conduzir os alunos no processo de aprendizagem dentro da disciplina que ele ministrava. Por sorte, o Prof. Ulysses aceitou me orientar e me colocou para trabalhar em um projeto sobre qualidade de plantas medicinais comercializadas em mercados públicos do Recife. Passei a frequentar o “Laboratório de Produtos

Naturais” (LAPRONAT) da UFPE, coordenado pela Prof.^a Elba Amorim, porque Ulysses havia acabado de ser aprovado no concurso para professor adjunto da UFRPE, e ainda não tinha um laboratório nesta instituição.

Foi uma experiência espetacular, que me colocou em contato mais próximo com o mundo acadêmico, me fez aprender o que é ciência com compromisso e qualidade, que me levou a entender e gostar da etnobiologia. Assim, tive minha primeira participação no programa de iniciação científica da UFRPE (PIBIC). Como destaquei acima, essa experiência gerou uma aprendizagem incrível, apesar de ter ocorrido paralelamente a um momento difícil de minha vida pessoal, o falecimento de meu pai. O desenvolvimento desse projeto me rendeu o prêmio “Incentivo à Iniciação Científica da UFRPE” pela apresentação do melhor relatório final de conclusão de bolsa de iniciação científica da instituição.

Mas, durante a iniciação científica, escondido de Ulysses, fiz a seleção para estagiar no “Laboratório de Ambientes Recifais” (LAR) da UFRPE, coordenado pela Prof.^a Fernanda Amaral. Como minhas aulas eram a noite, conseguia conciliar as duas atividades de pesquisa. No entanto, chegou um momento que precisei fazer uma escolha. De um lado tinha Ulysses precisando saber se pediria a renovação da minha bolsa PIBIC, do outro lado tinha Fernanda perguntando se poderia submeter uma proposta PIBIC para mim. Acabei escolhendo a segunda opção, na perspectiva de diversificar e ter uma nova experiência em outra área de pesquisa. Com isso deixei de participar do grupo de pesquisa coordenado pelo Prof. Ulysses.

A minha segunda iniciação científica foi em um projeto sobre ecologia de cnidários nos recifes da Praia de Porto de Galinhas, orientado pela Prof.^a Fernanda Amaral. Apesar das riquíssimas experiências e conhecimentos adquiridos durante esse projeto, no final dele eu tinha a certeza de que esta não era a área que desejava seguir durante minha formação. Foi assim que, em uma conversa com uma amiga de turma, Viviany Nascimento, ela percebeu minha falta de identificação com a área e perguntou se eu gostaria de voltar a trabalhar com Ulysses e a etnobiologia. Confessei a ela que tinha interesse, no entanto me faltava coragem de pedir para voltar. Viviany, por iniciativa própria, decidiu consultar o professor sobre o assunto e, para minha felicidade, ele aceitou me orientar novamente.

No último período do curso, prestes a me formar, sem nenhum interesse em fazer graduação em medicina (como havia planejado com meu professor de biologia do ensino médio) retomei o vínculo de orientação com o Prof. Ulysses e, de imediato, decidi fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com os dados obtidos na minha primeira iniciação científica. Neste retorno já existia o Laboratório de Etnobotânica Aplicada (LEA-UFRPE) coordenado por Ulysses, e que hoje se chama Laboratório de Ecologia e Evolução de Sistemas Socioecológicos (LEA-UFPE).

Com a certeza de ter escolhido a área que mais despertava meu interesse científico e vocação profissional, a etnobiologia, tentei a seleção de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Botânica e no Programa de Pós-Graduação de Ciências Florestais, ambos na UFRPE. Fui aprovado apenas no segundo, e por um determinado tempo isso me gerou frustração, pois queria o curso que estava ligado ao departamento de biologia. No entanto, a aprovação nesse programa teve um papel importante na minha formação, me trouxe uma nova perspectiva de trabalho, a interface da etnobiologia com a conservação de recursos florestais madeireiros. Desenvolvi minha dissertação sobre o extrativismo de recursos florestais madeireiros empregados como combustível doméstico (lenha e carvão). Nessa época contei com a ajuda de Alyson Almeida e da querida amiga Patrícia Medeiros. Nesses dois anos de curso precisei lidar constantemente com minhas inseguranças, pois para mim nunca foi fácil acreditar que seria capaz de concluir alguma coisa. O apoio e a amizade construída com os integrantes do LEA foram fundamentais, me dando o equilíbrio emocional que precisava. Adicionalmente destaco o papel de três pessoas que sempre acreditaram muito em mim, minha querida mãe (Clementina), minha irmã (Simone) e meu orientador (Ulysses).

Outro ponto importante que destaco, para este período em que fazia o mestrado, foi a experiência como professor da Educação Básica. Por não ter bolsa, e como meu pai havia falecido nos deixando em uma condição econômica vulnerável, precisei dar aula para ter alguma fonte de renda. Assim, me dedicava ao mestrado durante o dia e, no horário noturno, ministrava aula em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Ensino Médio.

No último semestre do mestrado, tentei seleção para o doutorado no Programa de Pós-Graduação em Botânica da UFRPE, com a perspectiva

de continuar as pesquisas na área da etnobiologia. Fui aprovado e mais uma vez tive a satisfação de ter a orientação e o otimismo do Prof. Ulysses. As experiências obtidas no mestrado, e as lacunas deixadas pelo trabalho de dissertação, me impulsionaram a continuar trabalhando com recursos florestais madeireiros, mas desta vez não me restringi apenas ao uso de lenha e carvão, trabalhei com produtos madeireiros usados na subsistência de populações rurais inseridas na caatinga, dividindo os dias de campo com a amiga Alissandra Nunes.

Voltando ao doutorado, após a qualificação da tese e a conclusão do trabalho de campo, falei para Prof. Ulysses sobre meu interesse em fazer intercâmbio em outra instituição. Nessa conversa, ele relatou a possibilidade de concorrer a uma bolsa de doutorado sanduiche. Neste mesmo dia procurei a coordenação do curso para saber os critérios de candidatura e a documentação necessária. Em posse das informações, fui em busca de um docente que pudesse me aceitar em sua instituição de trabalho. Enviei e-mails para vários pesquisadores, o primeiro que me respondeu, Prof. Carlos Pinho, da Universidade do Porto (Portugal), tornou-se o orientador dessa minha proposta. Me inscrevi e fui aprovado. Viajei para Universidade do Porto (Portugal) e lá desenvolvi um projeto na área de energia de biomassa florestal no Departamento de Engenharia Mecânica. O doutorado sanduiche foi uma experiência cheia de desafios pessoais e profissionais. Pela primeira vez tive que morar sozinho e, neste caso, fora do país. Dá para imaginar os conflitos de uma pessoa insegura e ansiosa nesse cenário? Adicionalmente, precisei desenvolver conhecimentos e habilidades para desenvolver o plano de trabalho no Laboratório de Combustão, em meio a vários engenheiros mecânicos, com um olhar científico totalmente diferente do meu

Ao retornar para Recife, precisei me dedicar a escrita da tese, pois faltavam apenas quatro meses para defendê-la. Neste mesmo período me candidatei a uma seleção de pós-doutorado também na UFRPE. Apesar de estar preocupado com a escrita da tese e com o curto prazo para defendê-la, me inscrevi pela falta de perspectiva de emprego quando defendesse a tese de doutorado. Fui aprovado e para efetivar esse vínculo havia uma condição: adiantar a defesa de minha tese. O prazo normal já me preocupava, imagina ter que adiantar?! Passei três meses dedicando-me

exclusivamente a isto e consegui defendê-la dentro do prazo para assumir a bolsa de pós-doutorado.

O estágio pós-doutoral trouxe novas experiências, como coorientações de dissertações e teses, participação em bancas examinadoras de mestrado e doutorado, e o credenciamento como membro permanente do Programa de Pós-graduação em Ecologia da UFRPE. A minha bolsa tinha a duração de quatro anos, mas estava determinado a permanecer nela o tempo mínimo até obter aprovação em um concurso público. Foi exatamente isso o que aconteceu, permaneci com este vínculo por um ano e meio até conseguir a aprovação para assumir o cargo de professor adjunto na Universidade de Pernambuco (UPE).

Ao longo dessa trajetória de formação acadêmica precisei conviver com todos meus conflitos pessoais, e fico feliz por ter passado por tudo isso recebendo o apoio de meu orientador Ulysses, que sempre me desafiava, e que demonstrava que eu precisava acreditar no óbvio: na minha capacidade de conquistar meus sonhos. Adicionalmente formei uma rede de apoio importante, composta por amigos como Patrícia Medeiros, Taline Silva e Washington Ferreira Júnior.

Finalmente a trajetória profissional

No final de 2012 fui aprovado no concurso para professor adjunto da Universidade de Pernambuco (UPE). Depois de um longo tempo de formação, permeado de conflitos pessoais, mas também de muitas pessoas e lugares especiais, havia conquistado o sonho que havia escrito e colocado dentro do balão amarelo, quando estava no terceiro período da graduação.

Atualmente coordeno o Laboratório de Estudos Etnobiológicos (LEET/UPE), sou docente do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UPE (*Campus* Mata Norte) e atuo em dois programas de pós-graduação: a) Ciência e Tecnologia Ambiental; b) Etnobiologia e Conservação da Natureza. Também atuo em um cargo de gestão na reitoria de minha instituição, como Coordenador Geral de Pesquisa.

Ao ver minha trajetória, descrita de forma resumida nessas páginas, o que me deixa mais surpreso é perceber que, apesar de tantas coisas positivas que aconteceram durante o percurso, eu preferia acreditar na

impossibilidade de alcançar este sonho. preferia me apoiar em pensamentos de insegurança, nas vozes e nas músicas que estiveram presentes em toda minha infância.

Hoje consigo lidar muito melhor com essas questões, mas é óbvio que elas nunca desapareceram por completo. Sei reconhecer, sem nenhum tipo de arrogância ou vaidade, que fui resiliente o bastante para enfrentar meus “monstros” sem desistir. Sei também que a construção dessa trajetória acadêmica conta com a ajuda de pessoas importantes para mim, inclusive algumas que não tenho mais convívio.

Não sei em que parte dessa trajetória você está, muito menos se existe algum conflito atrapalhando, mas se você quer um conselho, o que posso dizer é o seguinte: acredite muito em você, não acredite naquilo que foi dito por pessoas que, de alguma forma, violentaram sua autoestima. Trabalhe duro para conquistar seus sonhos. Fazendo sua parte, haverá algum tipo de força neste universo que ligará você às pessoas certas, e isto ajudará a conquistar teus objetivos.

Atualmente, além dos compromissos acadêmicos de pesquisa, ensino e extensão, estou atuando em um cargo de gestão na Reitoria da UPE, e isso me enche de conflitos, porque ao mesmo tempo que me dá a oportunidade de trabalhar para o crescimento da universidade, diminui meu tempo destinado a orientação dos estudantes de graduação e pós-graduação. Considero meu dia a dia de trabalho cansativo e, às vezes, estressante, por isso não deixo passar nenhuma oportunidade de lazer e descanso. Um final de semana perfeito para mim é acampar em uma praia, montanha ou cachoeira, ficar apreciando a natureza, na companhia de minha família ou de amigos, tomando uma cerveja bem gelada, ou um bom vinho. Gosto de dançar, amo o carnaval de Recife e Olinda, me sinto muito bem andando de bicicleta, e tenho buscado aprender coisas novas, que possam me afastar um pouco do universo acadêmico. Atualmente faço aulas de violoncelo no Conservatório Pernambucano de Música, e mais recentemente entrei em uma escola de artes circenses, para aprender acrobacias aéreas em trapézio, lira e tecidos (não sei até quando essa empolgação vai durar!). Ah, um dia desses tentei aprender a fazer tricô com minha mãe, hahaha, mas não tive um bom desempenho, ela me reprovou e não quis continuar as aulas. Tenho algumas manias estranhas, uma delas é que não deixo

ninguém me ver com meus óculos de grau. Quando estou de boa em casa e alguém chega, corro para colocar as lentes de contato. E quando preciso fazer exames nos olhos e o médico pede para ficar 72 horas sem usar as lentes? É meu fim (hahaha), fico confinado dentro de casa. Costumo dizer que é mais fácil as pessoas me verem sem roupa andando pela rua do que me verem com óculos. Caso eu não fosse pesquisador, acho que poderia ser confeitiro, inclusive quando tiver mais tempo penso em fazer um curso. Não consigo pensar em um filme marcante para mim, porque sou péssimo para registrar os nomes, mas curto muito um drama bem pesado, para me acabar no choro, e um suspense daqueles que deixam meu coração na mão. Link para CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3937572174818591>.

Uma breve história de determinação na formação acadêmica

ALISSANDRA TRAJANO NUNES

*Meu amigo, vou falar claro
Vou expor meu caso, do qual estou certo.
Eu vivi uma vida completa
Eu viajei por toda e qualquer estrada
E mais, muito mais que isso
Eu fiz isso do meu jeito [...]
Arrependimentos, tenho alguns
Mas então novamente, muito poucos a citar
Eu fiz o que eu tive que fazer*

**Trechos traduzidos da música *My way*, de Claude François,
Jacques Revaux, Gilles Thibault e Paul Anka**

Minha trajetória acadêmica começou desde o dia em que entrei pela primeira vez na universidade. Confesso que de início romantizei o processo; afinal, tudo era novo para mim. Contudo, hoje não é estranho o meu romantismo, pois optei pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), um lugar amplo, situado às margens da reserva Dois Irmãos, onde o clima é diferente, com muitas árvores, pássaros e um cheiro bom de natureza, coisa rara na capital. Bom, ainda não falei, mas, por essa breve introdução, dá para imaginar o curso que escolhi? Biologia, escolha que condiz com a visão poética de estudar e conhecer a vida em todos os sentidos!

Nessa época, a certeza de que eu construiria uma carreira acadêmica foi crescendo a cada momento e a cada disciplina vivida, desde as

primeiras aulas com os professores mais “temidos”, mas que propiciaram novas lentes e formas de enxergar a vida – uma forma menos poética, é verdade, porém mais realista. E isso tudo só fazia aumentar meu fascínio pela Biologia, a tal ponto que eu não pensava em outra coisa na vida; queria só aprofundar meus conhecimentos, aliá-los à prática e conhecer novas áreas.

Foi então que, mesmo com algumas dificuldades pessoais, resolvi buscar um estágio. Eu estava no segundo período quando procurei o Programa de Educação Tutorial (PET) de Biologia e lá conversei com alunos mais experientes, pessoas que já estagiavam com bolsa, ou seja, estavam em outro patamar. Perguntei o que precisava para ser uma pesquisadora e até para ser uma professora universitária; sim, eu já sonhava alto no momento.

Eles me explicaram direitinho o que era necessário, e eu não imaginei o quão longa seria a trajetória envolvida, muito menos as barreiras que nela existiriam; apenas concentrei minhas forças no caminho, isto é, na estrada a seguir, e no momento não enxerguei outra possibilidade. Naquele momento, eu nem sabia qual das inúmeras áreas da Biologia iria seguir, pois aparentemente todas eram boas, embora o acesso a algumas fosse mais difícil. Entretanto, não demorou muito para que eu começasse a definir isso também. Inspirada pela disciplina de Botânica Econômica, em que conheci as plantas medicinais com a professora Maria Rita, optei pela Botânica, pois queria estudar a parte aplicada da flora. Prontamente, falei com essa professora para saber sobre as possibilidades de estágio na área, mas, como ela não tinha disponibilidade, me encaminhou para a professora Laíse Cavalcanti, da mesma instituição, mas de outro *campus*. Ainda que isso aumentasse minhas dificuldades, não pensei duas vezes: me uni a uma colega que também desejava estagiar nesse *campus*, e lá fomos nós, conhecer a realidade.

Vale ressaltar que, nessa época, eu era muito tímida, mas sabia que iria precisar romper essa barreira para conseguir estagiar e, quem sabe, fazer iniciação científica. Esse era meu objetivo e comecei a traçar metas para que ele se tornasse realidade. A primeira já estava sendo cumprida: cheguei até a Dra. Laíse, que me recebeu muito bem e logo me acolheu como estagiária voluntária. Comecei estudando as plantas medicinais; afinal, esse era o foco, e assim foi. Paralelamente, conheci outro grupo taxonômico pelo qual me encantei, os mixomicetos, área de domínio e paixão da minha

então orientadora, e juntas fizemos excursões, participamos de eventos, escrevemos resumos etc. Aprendi muita coisa e, mesmo com esse “desvio” das plantas, até publiquei em parceria com outros pesquisadores do laboratório – amai essa fase da vida acadêmica, pois foi então que comecei a aprender sobre ciência, pesquisa e atuação de um professor universitário.

O tempo passou, as dificuldades cresceram, e eu precisava de uma bolsa para me manter no estágio e dar continuidade às minhas metas. Foi daí que surgiu uma possibilidade, finalmente! E adivinhem para quê? Um banco de dados sobre as plantas medicinais, que coisa curiosa! Eu voltei para plantas, só que não na prática; fui bolsista de Iniciação Científica Tecnológica pelo Centro Nordestino de Informações sobre Plantas (CNIP), contratada para alimentar uma grande base de dados financiada por um projeto do Kew Garden (Inglaterra). De forma indireta, foi assim que me aproximei da Etnobotânica, lendo e pesquisando sobre as listas de espécies úteis do Nordeste até o fim do curso. Todavia, por uma questão de compromisso, fiz o meu trabalho de conclusão de curso sobre os mixomicetos. E, na banca de avaliação desse trabalho, havia um membro de peso: meu futuro orientador do mestrado, o professor Ulysses Albuquerque; imaginem a tensão!

Antes da defesa, eu havia prestado seleção para mestrado na UFRPE, para o qual fui aprovada, o que me surpreendeu, pois estava concorrendo com candidatos muito experientes e, mesmo se eu passasse, achava pouco provável conseguir ficar em uma das duas vagas de orientação ofertadas pelo professor Ulysses. Inclusive, havia falado com outra professora para me orientar, mas eis que o improvável aconteceu e fui selecionada para uma das vagas que eu almejava.

Entrei, então, no mestrado, e este foi um dos dias mais felizes da minha vida: o dia em que saiu o resultado da minha aprovação e para o orientador que eu desejava. Assim, dei início a outra fase da minha trajetória acadêmica, com novos desafios e novo orientador! Nada de poesia, muita pressão e muitas aulas, mas tudo dentro do escopo; eu estava no caminho que escolhi. E esse caminho foi marcado por aulas para cumprir os requisitos da formação, leitura e redação de artigos, congressos, seminários e aulas de campo, tudo muito intenso, muito corrido e muito rico. A fase do mestrado foi uma das mais duras, pois havia pouco tempo para aprender e produzir em um momento que seria a ponte para o futuro

próximo, o doutorado. Não sei se passei pelo mestrado ou se ele passou por mim, mas aprendi muita coisa nos dois anos desse processo!

Entre uma fase e outra, precisei interromper a caminhada para me dedicar a problemas pessoais; não tinha outra opção, exceto parar naquele ponto da estrada e fazer outra rota. Durante meu afastamento, que durou quase dois anos, não pensei em desistir, mas tive receios de não encontrar o caminho de volta. Foi quando, em um momento duro, tive a honra de receber a visita do meu orientador, que me deu uma injeção de ânimo, me acolhendo como futura doutoranda, e tudo se renovou em mim. Logo, voltei a escrever, e, no período de seleção para o doutorado, fui aprovada no Programa de Pós-Graduação da Engenharia Florestal da UFRPE e no Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia da Rede Nordeste em Biotecnologia (Renorbio). Escolhi a segunda opção, visando ampliar as possibilidades de um futuro concurso; afinal, meu objetivo era ser pesquisadora ou professora universitária! Então, respirei fundo e disse para mim mesma: vamos seguir!

Fiz o doutorado na área de recursos naturais e trabalhei em uma região da Caatinga no sertão paraibano, acolhida pelo colega Reinaldo Lucena. Novamente, congressos, seminários, leituras e escrita de artigos passaram a integrar a rotina. Além do campo, acrescentei à minha formação as práticas de laboratório, dessa vez para pesquisar sobre aspectos nutricionais de plantas forrageiras. Essa etapa foi bem difícil, mas contei com muita gente capacitada para me ajudar: pessoas do laboratório do Instituto de Pesquisa Agronômicas de Pernambuco (IPA), do laboratório de Bromatologia da UFRPE e do laboratório de Farmacologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Certamente, em meio às barreiras existentes em toda trajetória, saber que existem pessoas do bem para nos auxiliar faz toda a diferença.

Enfim, concluí o doutorado, mas havia uma lacuna na minha formação que precisava preencher: experiência de ensino. Se eu queria ser professora, tinha de ir para a sala de aula. Contudo, minha vivência nesse ramo era praticamente zero; só contava com o estágio à docência, o que era muito pouco para concorrer a um concurso para professor em uma instituição pública.

Eu tinha outra opção, fazer pós-doutorado, mas quis mesmo vivenciar essa etapa. Antes disso, atuei alguns anos como professora formadora

e andei muito pelas escolas estaduais de Pernambuco e da Paraíba, o que foi também gratificante e me ajudou a trabalhar algumas habilidades essenciais para minha formação. Foi então que me inscrevi em uma seleção para docente na Faculdade dos Guararapes e passei um bom tempo, quase cinco anos, atuando nos cursos da área de saúde, os quais incluíam a Biologia. Nessa fase, aprendi muito sobre ensino, porém estava me afastando das práticas acadêmicas, sobretudo da pesquisa, aspecto que acabei abandonando por completo na época. Até tentei voltar para o grupo de pesquisa do professor Ulysses, mas não tinha como me dedicar às atividades investigativas, pois as demandas me prendiam e eu só conseguia tempo para preparar e dar aulas – aliás, diga-se de passagem, de todo tipo que se possa imaginar.

Estava preocupada com esse distanciamento e também com as instabilidades do setor. Foi então que decidi fazer, pela primeira vez, um concurso para professor de uma instituição pública. O edital contemplava a minha área, e os dez pontos passíveis de serem abordados na prova eram bem amplos. Resolvi investir todo o pouco tempo que eu tinha na construção desses pontos, que iam desde mitocôndria até educação. Foi um grande desafio, sobretudo pela forte concorrência. E, mais uma vez, ter o apoio de pessoas-chave foi muito importante, pessoas que me ajudaram a acreditar e me deram força para enfrentar as três semanas de seleção. Digo com imensa alegria que passei e que, finalmente, meu sonho foi realizado! Ufa!

Mas, na verdade, a história não termina aí, pois a conquista desse objetivo abriu as portas para novas trajetórias e novas metas. Bom, assim foi a minha caminhada acadêmica até chegar a ser professora da Universidade de Pernambuco (UPE), *campus* Garanhuns, onde continuo construindo minha história e formando pessoas, sem esquecer o quão importante foram as relações humanas construídas na vida pessoal e acadêmica e, principalmente, manter essas pessoas em nossa vida, com gratidão, força, fé e foco!

Eu me chamo Alissandra Trajano, sou de Recife, mas resido em Garanhuns, local onde trabalho como professora adjunta no curso de licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade de Pernambuco. Sou conhecida na família como Sandra ou Sandrinha; já os colegas da academia e do trabalho me

chamam de Ali. Quando estou em lugares naturais (como mata e parques, onde tem vegetação), costumo ficar olhando para troncos de árvores, o que meus amigos acham estranho – acho que peguei esse hábito das coletas da área de mixomicetos. No meu tempo livre, gosto de ler um bom livro ou assistir a um filme, mas também curto uma caminhada no parque. Um dia perfeito para mim é quando concilio compromissos com necessidades pessoais e dou conta de tudo ou, se for considerar o lazer, quando posso curtir uma boa praia com companhias agradáveis. Além disso, amo cuidar dos meus cinco gatos; os animais nos tornam melhores. Um filme que marcou minha vida foi *À Procura da Felicidade* (de 2006), com Will Smith. Pensando na minha escolha profissional, se eu não fosse professora/bióloga, faria algo na área de saúde, da gestão pública ou ainda da assistência social – é muito gratificante ajudar pessoas. Eu amo música e curto vários estilos: Chico César e seu estado de poesia, Maria Bethânia e suas interpretações, Vanessa da Mata, Elba Ramalho, Legião Urbana, Skank, Beatles, Elvis, Frank Sinatra; em resumo, amo a boa música. Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9481915719146847>

Sobre recordações acadêmicas e experiências disruptivas

PATRÍCIA MUNIZ DE MEDEIROS

*O universo se expande
Infinitamente até o verso
Era uma flor enorme, branca e azul
Sobre a cidade
Não era nem uma flor
Era a memória da flor
Não era nem uma flor*

*Move-se ou não se move no céu
A abstração antes de significar
Os meus sentidos imprimem que os seus
Sentidos imaginarão e vice-versa
Eu vi que era suave o mergulho
Do universo em direção a minha oração
Feito o amor que é ilusão e prazer
Na superfície do amanhecer
Não era nem uma flor
Era memória da flor...*

Memória da flor, de Junior Almeida e Zé Paulo

Costumo pensar que, durante a vida, vivenciamos três tipos de experiências. As mais triviais, sozinhas, não impactam significativamente nossa história. Mas, em conjunto, fornecem o cenário que contribui na composição do “eu”. Uma viagem, um desentendimento, comer algo diferente. Todos esses são exemplos pertinentes.

Há também as experiências relevantes – elas acabam por nos fazer aprimorar conhecimentos, mudar comportamentos ou amadurecer a nossa forma de pensar a respeito de algo. São essenciais para a nossa trajetória, mas atuam em esferas mais específicas. Por exemplo, um curso, que pode abrir as portas para um novo caminho profissional. Ou uma semana de férias no exterior, que pode revelar diferenças culturais.

Mas, neste relato, focarei no terceiro tipo de experiências de vida – as que chamo de disruptivas. São aquelas que definem trajetórias inteiras, que as compõem e alteram. Embora essas experiências possam iniciar de maneira específica – no campo profissional, por exemplo – elas chacoalham com os diferentes pilares da nossa vida: o profissional, o afetivo, o simbólico.

E como não pensar no LEA (outrora Laboratório de Etnobotânica Aplicada e atualmente Laboratório de Ecologia e Evolução de Sistemas Socioecológicos) como minha primeira e mais importante experiência disruptiva? Uma que ajudou a me moldar não apenas como profissional, mas como pessoa que sente, que vê, que acredita. E tudo teve início em uma manhã de 2004, quando fui pela primeira vez à Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) para pedir um estágio ao professor Ulysses Albuquerque.

Certo. Digamos que o início da minha relação com o LEA não foi exatamente às mil maravilhas. E, para que tudo fique mais claro, precisarei mencionar alguns “detalhes” da minha ida à UFRPE. Primeiro, e mais importante: não fui sozinha. Minha mãe me convenceu de que, como estudante de biologia em início de carreira, se eu levasse alguém que pudesse fazer as vezes de “carta de referência em tempo real”, seria mais fácil conseguir um estágio. Meu simpático vizinho hondurenho, que é biólogo, prontamente se ofereceu. Fui até a rural com aquele frio na barriga de quem, na época, com 18 anos, era infinitamente mais tímida do que hoje em dia. E seu Armando não foi apenas minha carta de referência. Aparentemente ele também foi meu porta voz, pois quase não consegui falar nada, e, no fim das contas, foi ele quem falou por mim.

É claro que a impressão que eu passei foi – compreensivelmente – ruim. Ruim é pouco. Foi péssima. Fui caçoada durante gerações de “lean@s” e sempre que alguém novo entrava no LEA, surgia mais uma oportunidade para que os colegas contassem sobre como eu fui pedir

estágio com uma bonequinha na mão e um porta voz (que fique claro que a parte da bonequinha é, obviamente, exagero).

De volta ao pedido de estágio, lembro-me bem das palavras de Ulysses. *“Na realidade nós já temos tanta gente no LEA, que estamos fazendo um programa de demissão voluntária”*. É até engraçado pensar que, naquela época, Ulysses considerava cerca de 10 pessoas como “muita gente”. O futuro mostrou que, onde cabem 10, cabem 30 (ou 40).

Mas não saí da “reunião” com as mãos completamente abanando. Ulysses me convidou para participar de um curso de verão em janeiro de 2015. Eu iria participar das atividades de campo do LEA, e, caso eu me adaptasse, poderia entrar para o grupo. Algum tempo depois, eu soube que gerei muitas expectativas em meus colegas veteranos do laboratório. Expectativas que se converteram em apostas – de que eu não duraria sequer um dia inteiro de trabalho de campo.

A essa altura, considerando que hoje escrevo esse relato, já deu para perceber que quem apostou na minha rápida desistência perdeu feio. O estágio de verão, que aconteceu na comunidade de Riachão de Malhada de Pedra (Caruaru-PE), foi, de fato, um divisor de águas na minha vida. Conheci pessoas com histórias de vida completamente diferentes da minha realidade de classe média urbana. Maravilhei-me ao ver tomar forma um corpo de conhecimentos tão elaborado e sofisticado a respeito da natureza: o conhecimento tradicional. Desfrutei de todas as etapas do trabalho de campo: desde as entrevistas com os moradores até os momentos mais duros, como medir a espessura das plantas lenhosas nos quintais e das madeiras nas cercas. Durante a semana, consegui contribuir com os trabalhos de campo dos meus colegas e aprendi muita coisa sobre o fazer etnobiológico. Resultado: consegui o tão almejado estágio no LEA.

Mas o percurso não foi fácil – em vários sentidos. A timidez atrapalhou um pouco. Meu amigo Marcelo Ramos costuma contar que, nos primeiros meses, eu chegava ao laboratório às 8h, saía às 12h, e durante esse tempo, mal proferia meia dúzia de palavras. Com o tempo, me senti segura para conversar e acabei criando fortes laços de amizade no grupo.

Também tinha a questão logística e financeira. Como aluna de graduação de outra universidade (UFPE), era complicado fazer estágio na Rural. Eu não poderia ter bolsa de iniciação científica e, por isso, passei a maior parte da graduação como voluntária. Fui constantemente tentada

com ofertas de estágios remunerados em laboratórios da minha universidade. Não os aceitei porque sabia exatamente o que eu queria fazer – e onde queria estar. Mas, para não cair em um discurso com vieses meritocráticos, é preciso reconhecer meus próprios privilégios. E eu tive o privilégio de poder fazer uma graduação sem precisar trabalhar e podendo me dar ao luxo de recusar estágios remunerados. Tudo isso graças ao suporte de uma mãe que acreditava no que eu estava fazendo e “segurou as pontas” para que eu pudesse seguir no LEA. Como mãe solo de gêmeas e professora de inglês, naturalmente foi muito difícil “segurar as pontas”. Por isso (e por todo o resto), serei eternamente grata a minha mãe, Rosaura.

Outro desafio que enfrentei no início do caminhar etnobiológico foi a descrença na etnobiologia, que era quase generalizada entre colegas e professores da UFPE. Ouvi dezenas de comentários desmotivadores, como: *“Mas etnobiologia nem é ciência”*, ou mesmo: *“Patrícia, a etnobiologia é muito bonitinha, mas não funciona”*. Outras frases comuns que ouvi foram coisas do tipo: *“Nossa, mas você estuda na melhor universidade do nordeste e vai estagiar em outro lugar?”*, ou ainda: *“Que tipo de emprego você vai conseguir como etnobióloga?”*. Minha grande satisfação é saber que, hoje em dia, esses pensamentos não são mais a regra na universidade de onde vim, e sim a exceção.

Apesar do olhar conservador da minha instituição de origem para com a etnobiologia na época, é importante mencionar que a formação que tive no curso de Ciências Biológicas/Ambientais da UFPE foi incrível. Graças ao curso, pude ter uma excelente base ecológica que aportou fortemente à minha carreira como professora e cientista etnobióloga.

A descrença na etnobiologia pelos meus pares da biologia clássica foi algo que perdurou durante quase toda a minha formação acadêmica. E como é gratificante saber que o LEA, do qual fiz parte por tanto tempo, ajudou a mudar a visão distorcida que as pessoas tinham deste campo científico. Foi muito bom poder observar e participar deste processo. Poder sentir a efervescência intelectual que acompanhava os nossos dias no laboratório, especialmente quando discutíamos teorias e hipóteses. Era comum que simples discussões de artigos culminassem em ideias inovadoras de investigação.

Entre todas as recordações desta época, eu poderia mencionar uma série de aprendizados sobre o “ser cientista” e “fazer ciência”. Mas creio

que essa herança é bastante evidente para todos que conhecem o grupo ou já passaram por ele. Então focarei em uma das pessoas que mais marcou minha vida: o líder e mentor do LEA.

Assim como a maioria das pessoas, também achei que Ulysses era um senhor quase aposentado antes de conhecê-lo, pois não era possível haver tantos conhecimentos (e tantos feitos) concentrados em uma pessoa tão jovem (*spoiler*: era sim possível!). A convivência trouxe ainda mais surpresas. Conheci alguém apaixonado pela ciência. Alguém que queria crescer com seus estudantes, e queria formá-los tão bem, a ponto de serem eles seus futuros parceiros profissionais.

Logo me dei conta de que Ulysses não era de se aborrecer com opiniões discordantes. Pelo contrário, ele as estimulava entre os seus alunos. Na minha memória, guardo diversas ocasiões em que um dos seus orientandos discordava de uma posição ou opinião a respeito de um tema e ele, ao parar alguns segundos para refletir, retrucava com um “*É verdade, isso faz sentido mesmo*”. Em um meio no qual os egos dos orientadores muitas vezes definem os destinos dos orientandos, essa postura sempre me causou admiração. E eu me acostumei a divergir, a questionar, a argumentar. Me acostumei tanto que ganhei o apelido de “me convence”, carinhosamente criado pelos meus colegas do LEA.

Mas as vivências acadêmicas ficaram longe de estar restritas às pesquisas e discussões no laboratório. Tive a oportunidade de trabalhar em incontáveis comunidades rurais. Aproveitei todas as oportunidades para estar nas comunidades, por vezes convidando-me para ajudar no campo dos colegas. Pude sair do país para fazer cursos e apresentar minhas pesquisas. Passei pela Argentina, Guatemala, Alemanha e França. No LEA, pude passear por vários ramos da Etnobiologia, desde os usos madeiros até as plantas medicinais. Da percepção ao manejo. Das comunidades indígenas aos povos migrantes em grandes centros urbanos.

Até o momento, tenho enfatizado os aspectos profissionais da minha jornada no LEA. Mas, como falei no início da narrativa, minha vivência foi disruptiva. No campo afetivo, acertei, errei, orgulhei-me, envergonhei-me. Fiz grandes amigos que estão na minha vida até hoje. Marcelo Ramos, Taline Silva e Washington Ferreira-Júnior, conhecidas “referências bibliográficas” no meio, são meus companheiros de vida e de Etnobiologia. Destaco que os três nomes estão em ordem alfabética, com a melhor

intenção de não gerar as paranoias tão comuns entre nós escorpianos (com exceção de Washington, o *outsider* leonino e não paranoico).

Após anos de convivência quase diária, de muitos momentos bons (e alguns ruins), posso dizer que os pilares emocional e simbólico da minha trajetória foram completamente ressignificados. Desde as formas de relacionar-me com as pessoas até os posicionamentos políticos e crenças religiosas. Tudo mudou. Tudo implodiu. Tudo foi reconstruído.

Mas, por melhor que uma experiência seja, sempre chega a hora de virar a página, se não nas lembranças, pelo menos na prática. E, comecei a despedir-me do LEA no primeiro semestre de 2011, quando havia acabado de completar um ano de doutorado e fui nomeada para um concurso de professor assistente em que fora aprovada no ano anterior. Fiz minhas malas e fui morar, completamente sozinha, em uma cidade a 1560 Km de Recife, minha terra natal. A cidade de Barreiras (BA), onde eu não conhecia absolutamente ninguém, entrou na minha vida como um dos vendavais tão típicos dali. Meu período de quase cinco anos na UFBA (depois convertida em UFOB) é, portanto, a segunda experiência disruptiva que eu quero compartilhar nesse texto.

Para minha infinita sorte e alegria, meu caminho cruzou com o da professora Ana Mapeli logo que cheguei em Barreiras. Dividimos apartamento por um ano e meio, sem sequer uma briga ou desentendimento durante o período. É claro que o mérito deste grande feito é todo dela – quem me conhece sabe. Ana foi um dos meus grandes exemplos de cientista e mulher durante minha estadia em Barreiras.

O outro grande exemplo foi a minha companheira Viviany Nascimento, recém egressa do LEA e que, algum tempo após a minha chegada em Barreiras, migrou para lá também. Sua força, otimismo e assertividade sempre me inspiraram e continuam inspirando.

Algum tempo após a sua chegada, criamos juntas o GEEH (Grupo de Etnobiologia e Ecologia Humana), que reunia estudantes da minha instituição e da UNEB, instituição de Viviany. Buscamos ao máximo adotar o LEA como modelo para o nosso próprio grupo de pesquisa. Interessamos por estudar temas como intermedicalidade, escolhas terapêuticas, percepção ambiental, manejo e conservação.

Pouco mais de um ano após minha chegada em Barreiras, defendi minha tese de doutorado. Os meses que precederam a defesa foram, para

dizer o mínimo, insanos. Conciliar as atividades da UFBA/UFOB com uma tese já seria difícil normalmente. Tudo ficou ainda mais desafiador quando decidi terminar o doutorado antes do tempo (após dois anos e meio, para ser exata). Poucas horas de sono passaram a ser o normal. E o trabalho com metanálise me deu a possibilidade de “coletar dados” de madrugada, o que jamais seria possível em um contexto de campo em comunidades. A defesa foi um momento para guardar para sempre. Um misto de alegria, orgulho por haver conseguido, e alívio por poder voltar a dormir bem.

Cresci muito como cientista no período em que estive na UFBA/UFOB e aprendi a ser, de fato, uma pesquisadora independente. Realizei meu sonho de morar na Chapada Diamantina (de quinta à domingo, durante mais de um ano) para coordenar um projeto sobre uso de plantas medicinais e alimentos funcionais em um contexto de pluralidade cultural.

Minha passagem por Barreiras me trouxe muitos ensinamentos, alguns dos quais só me dei conta alguns anos depois. Percebi como era diferente vivenciar de forma esporádica contextos culturais diferentes do meu, comparado com vivenciá-los todos os dias. E como senti falta do meu habitat natural (Recife), com sua dinâmica e cultura tão particulares. Senti falta do LEA. De ser quem aprende e não quem ensina. Depois entendi que seguimos aprendendo (tanto ou mais), mesmo do lado de cá.

Mas, olhando para trás, um dos meus arrependimentos é não haver vivenciado Barreiras como eu poderia. Não ter me aberto para o diferente. Atribuo parcialmente essa falha à imaturidade comum em uma jovem de 24 anos. De vez em quando me pego pensando em como teriam sido meus anos em Barreiras com a cabeça que tenho hoje.

Em 2015 surgiu a oportunidade de ir mais para perto de “casa”. Fiz o concurso para professor do curso de Agroecologia da UFAL com o principal objetivo de ficar mais próxima a Recife. Quem diria que Maceió se tornaria meu lugar no mundo. Onde eu me reafirmaria profissionalmente e me encontraria pessoalmente. Eis a minha terceira experiência disruptiva.

Para ser honesta, minha chegada em Maceió foi muito mais fácil do que em Barreiras. Aqui eu tinha familiares e alguns colegas que, se não eram tão próximos de início, acabaram por tornar-se grandes amigos. Rafael Silva é um deles. Também originário do LEA, ele já era professor na UFAL quando cheguei. Sua existência na instituição facilitou bastante minha vida. Juntos, criamos o Laboratório de Ecologia, Conservação e

Evolução Biocultural, o LECEB. Aos poucos, conseguimos costurar nossos interesses de pesquisa e temos observado com orgulho o crescimento do nosso laboratório. A natureza conciliatória de Rafael e a sua leitura da realidade são elementos que admiro bastante e que trazem um grande benefício ao nosso grupo.

Sem grandes desafios de adaptação na esfera pessoal, os inícios na UFAL foram desafiadores principalmente do ponto de vista acadêmico. Como professora da biologia na UFBA/UFOB, eu já estava habituada a trabalhar com abordagens essencialmente teóricas, testando hipóteses sobre a cognição e comportamento humanos no que diz respeito aos recursos naturais. Mas eu não podia simplesmente copiar e colar meus interesses de pesquisa para o contexto da UFAL. No meu novo ambiente, eu estava lidando com alunos das ciências agrárias, em um centro de ciências agrárias. E, nesse contexto, os estudantes estavam habituados a pensar e trabalhar com coisas mais tangíveis, mais aplicadas.

Encontrei nas plantas alimentícias não convencionais (PANC) uma forma de atrair estudantes das agrárias, ao mesmo tempo em que poderia seguir com meus interesses teóricos. E esta vem sendo a principal linha de pesquisa do LECEB desde então.

Na UFAL eu abracei a agroecologia. Tive a honra de ser colega de trabalho de uma das pessoas mais inspiradoras que conheci. Trata-se do meu grande amigo Rafael Navas, que apesar da sua partida precoce em 2020, estará sempre presente. Como me deixou marcas profundas o seu entusiasmo pela agroecologia. Sua capacidade de mover montanhas para atingir os seus objetivos. E esses objetivos nunca foram individuais ou egoístas. Eram sempre em benefício coletivo.

Os caminhos em Alagoas têm sido de perdas e ganhos. E a vida no Estado me deu um grande presente – minha filha Luna. Nossa trajetória “juntinhas para sempre” (como costumamos brincar) teve início em 19 de julho de 2018 e esta é a quarta – e última – experiência disruptiva do meu relato. Mas, se o relato parte de experiências com interfaces claramente profissionais, o que Luna estaria fazendo aqui?

Luna está nessa lista porque – e posso dizer sem medo de errar – ela teve uma forte influência nos meus interesses de pesquisa. Durante a gestação e nos seus primeiros meses de vida, interessei-me por estudar fatores que interferem nas escolhas alimentares. Esse já era um tema bastante

trabalhado por mim do ponto de vista etnobiológico. No entanto, comecei a me debruçar na literatura da psicologia e neurociência. Inicialmente tudo aconteceu de forma despretensiosa, com o tímido objetivo de ter bases para oferecer uma influência positiva na alimentação da Luna.

Mas a coisa toda tomou uma dimensão mais ampla. Dei-me conta de que poderia casar a literatura da psicologia – e, mais especificamente, do comportamento do consumidor – com as minhas abordagens etnobiológicas e ecológicas para encontrar mecanismos mais eficientes de popularizar as PANC. Dei início a uma linha de pesquisa interdisciplinar, pautada na conservação biocultural, e com forte apelo teórico e aplicado, o que me rendeu a orientação de PIBICs, TCC e teses de doutorado, além do reconhecimento internacional do projeto pela L'Oréal e Unesco (International Rising Talents Awards).

Mas Luna não está nesta lista apenas por ter me ajudado a construir uma linha de pesquisa bacana. A vida acadêmica mudou consideravelmente após a sua chegada. E nem tudo são flores. A principal mudança tem a ver com o fator tempo. Não tenho tido o mesmo tempo para dedicar-me aos artigos, às aulas, às orientações. Nos momentos mais críticos, os prazos chegam, passam, e eu não dou conta de tudo. A situação piora porque aparentemente eu tenho sérios problemas em dizer “*não*”. E, quando os compromissos não são cumpridos dentro dos prazos, o sentimento de culpa explode dentro de mim. Aliás, esse sentimento se intensificou muito após a maternidade, especialmente após a pandemia de Covid-19. Culpa por não dar a atenção que gostaria à minha filha. Culpa por deixar a casa uma bagunça. Culpa por deixar meus alunos “desorientados” nos períodos mais críticos. Culpa por faltar com meus parceiros de pesquisa ou com meus alunos. Tenho tentado lidar com esse sentimento tão ardiloso, que mina a autoconfiança e a autoestima. Mas, como venho dizendo, não é fácil.

E sempre me pego pensando que, se não é fácil para mim, que tenho o apoio do meu companheiro e pai da minha filha, o que dizer das muitas pesquisadoras e mães solo que estão nessa luta diária. Deixo aqui o meu grande abraço e minha extrema admiração por essas mulheres.

Mas eu não vou fechar este relato deixando o sabor agridoce dos desafios da maternidade na vivência acadêmica. Embora seja importante falar sobre os desafios, também é justo e pertinente mencionar os aportes da

minha experiência de maternidade na prática profissional. Hoje, graças a minha convivência com Luna, considero-me mais paciente e menos “arenqueira”. Claro que a vida nos desafia constantemente e, em certos momentos, características que sempre fizeram parte da nossa natureza podem voltar à tona com bastante intensidade. Afinal, somos humanos e falhos. Mas estou certa de que a maternidade me presenteou com mudanças positivas para o meu dia a dia profissional.

E aqui encerro minha narrativa, com esperança de que quem a ler possa, de alguma maneira, se identificar com a minha trajetória acadêmica, tão carinhosamente resumida nestas páginas. Para quem está iniciando seu percurso, deixo meu desejo de que, lá na frente, haja muitas histórias para contar e pessoas a inspirar.

Tenho raízes pernambucanas e ramos que cresceram e foram bater, um na Bahia, e o outro em Alagoas. O ramo baiano agora é memória. O ramo Alagoano deu seu primeiro fruto – Luna Muniz Franco. Sou filha de Rosaura, mãe de Luna, companheira de Paulo, irmã gêmea de Priscila. Sou cientista e professora. Na graduação, leciono várias disciplinas para os cursos de Agroecologia e Engenharia Florestal da Universidade Federal de Alagoas. Na pós-graduação, atuo nos programas de Diversidade Biológica e Conservação nos Trópicos (DIBICT-UFAL) e Etnobiologia e Conservação da Natureza (PPGETNO-UFRPE). Sou uma das coordenadoras do Laboratório de Ecologia, Conservação e Evolução Biocultural (LECEB). Em 2021, fui eleita membro afilada da Academia Brasileira de Ciências. Gosto de viajar, de conhecer pessoas, paisagens, costumes, músicas e artes mundo a fora. Sou apaixonada por trilhas e meu e pela Chapada Diamantina, especialmente o Vale do Capão e Vale do Paty. Amo correr, ainda mais se for na orla de Maceió. Um filme que me impactou foi o coreano “Oldboy”, de Park Chan-wook. Uma série que me encantou foi “Sense8”, de Lilly e Lana Wachowski, e J. Michael Straczynski. Se há uma banda que posso dizer se tratar da “trilha sonora da minha vida”, certamente é a “Gato Negro”, cujo vocalista e guitarrista é o Paulo Franco (meu companheiro e pai da minha filha). É, simplesmente, a melhor banda de Alagoas! Se eu não fosse cientista, certamente seria escritora de ficção. Estou atualmente engajada em escrever meu primeiro livro (na realidade trilogia) de fantasia, na esperança que fique pronto, pelo menos, até 2050. Link para CV lattes: <http://lattes.cnpq.br/3450009941162428>

Do sétimo andar posso te dizer: vá sem medo

JOSÉ RIBAMAR DE SOUSA JÚNIOR

*Eu escrevo, e te conto o que eu vi
E me mostro de lá pra você
Guarde um sonho bom pra mim*

Primeiro Andar, de Rodrigo Amarante – Los Hermanos

Sempre pensei nessa música como uma pessoa no presente esperando que o ela, mesma no futuro, pudesse contar sobre sua trajetória de vida, dando-lhe a esperança de um futuro melhor.

Eu não poderia começar este texto com outra música que não esta, pois ela representa tanto o final da minha graduação em Ciências Biológicas pela UFPI em Teresina, como também vários momentos da minha vida na pós-graduação. A propósito, ela aborda as incertezas a cada decisão que se toma na vida: “*por onde andar, eu começo por onde a estrada vai*” ...

E é sobre as incertezas, mas também das alegrias, que quero falar, caro(a) leitor(a). Em 2009 conclui minha graduação, tendo sido orientado pela profa. Gardene Sousa, que mais tarde descobri ser grande amiga de um importante personagem dessa estória. Mesmo com alguma relutância, decidi fazer mestrado na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob o grande estímulo e incentivo de um grande amigo que a vida acadêmica me deu: Elison Fabrício. Mesmo não me sentindo preparado eu fui e no caminho re(encontrei) amigos como o Fabão (que deu todo apoio ao longo do processo de seleção) e Ivanilda que foi uma grande parceria em toda a trajetória acadêmica. Lembro-me bem dela me perguntando:

- “Veio fazer mestrado pra Etno”?
- Vim fazer pra Botânica – respondi.
- Oxente! Tu não *veio* fazer para Ulysses, não?” Exclamou interrogando.
- Que Ulysses? respondi com outra pergunta.

O fato é que sempre gostei de botânica, tendo sido a minha disciplina preferida, desde os conteúdos do ensino médio até as disciplinas botânicas na graduação. Eu tomei conhecimento da Etnobotânica durante do processo seletivo de mestrado, ocasião na qual conheci o pequeno gigante Laboratório de Etnobotânica Aplicada (LEA), um espaço pequeno no prédio da pós-graduação em Botânica da UFRPE de onde sempre saíram grandes ideias. Na graduação na UFPI tive o primeiro contato com a *Etno*, através de um trabalho do meu amigo Élisson Fabrício (“Etnoentomologia e a educação ambiental em mercados públicos e hortas comunitárias em Teresina – PI”).

Quando saiu o resultado da minha aprovação (e da Ivanilda) no mestrado, lembro-me de termos ido (alguns leanos mais antigos, ela e eu) “bebemorar” a conquista no bar Burburinho, no Recife Antigo. Essa noite foi só alegria – *Estava aprovado no mestrado em Botânica!* E naquele tempo (2010) não era em um *site* que víamos o resultado, mas sim na lista publicada na secretaria do programa de pós-graduação, pequeno detalhe este que pouco depois sucumbiu ao mundo digital, chamado internet. Por outro lado, naquele tempo não tínhamos as principais redes sociais dos dias atuais para postar o êxito.

Passada a emoção da aprovação, e de volta à quente Terrinha (Teresina), logo veio o dilema de ter de ir morar fora da cidade. Apesar de sempre ter amado viajar por diversos lugares, a ideia de *ir embora* mexeu fortemente comigo, ainda mais considerando o grande apego que sempre tive pelos meus familiares. A decisão de ir morar em Recife foi algo como cortar o cordão umbilical, não apenas relacionado aos familiares, mas também a cultura local, sair do seu quadrado e desvendar a caixa preta de se viver outra cultura, outra realidade, ainda que com os mesmos sonhos e a percepção de que *a estrada vai além do que se vê* rumo a um futuro (fecundo?!). Assim, foi sob as chuvas dos primeiros dias de março de 2010 que, em companhia de minha mãe, parti de Teresina a Recife, por um caminho sem volta, pois como cantava Chico Science: “*um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar*”.

Em Recife vivi a experiência de morar em uma pensão, uma quitinete e, finalmente, em família, nessa ordem. A primeira foi uma das experiências mais difíceis, pois, como se sabe, o relacionamento interpessoal nem sempre é afável. Foram os seis primeiros meses na capital do frevo, sob uma angústia inquietante, onde pesava o clima quase sempre “cinzento” da pousada combinado com a enorme saudade de casa. Para sair da situação incômoda resolvi morar em uma quitinete, onde permaneci até o final do mestrado (sempre rezando para que acabasse logo e eu pudesse voltar para casa). Antes de falar um pouco sobre o terceiro lugar onde morei, preciso contar sobre alguns aspectos da trajetória dentro da própria academia.

Na graduação sempre fui o tipo “jogar caô”, que com pouco esforço fazia o mínimo para se dar bem, especialmente em apresentações de seminários. Como eu disse anteriormente, caro(a) leitor(a), falarei tanto das alegrias como também dos momentos não tão felizes, que, contudo, foram determinantes para a minha trajetória até onde cheguei. O primeiro momento marcante que vivi como mestrando foram as apresentações que realizávamos no Laboratório. Eu, ainda no espírito graduação, tive de apresentar um artigo (em inglês) e tentando emplacar um “caô” fui mal-sucedido: fiz uma apresentação medíocre e antes que pudesse terminá-la fui convidado a parar a apresentação, em virtude do tamanho grau de despreparo da minha parte. Hoje enxergo claramente que aquele momento foi crucial para que eu encarasse a realidade da vida na pós-graduação: não se faz um mestrado (doutorado menos ainda) “tocando caô”, mas sim com dedicação, muita leitura e também com a ajuda sempre bem-vinda dos colegas de laboratório. Hoje em dia eu percebo que é natural essa impregnação da carência da graduação nos primeiros meses do mestrado, tanto quanto é necessário a percepção da necessidade de mudança por parte do mestrando. Foi esse sentimento que me levou a buscar melhorias, sempre com a ajuda dos colegas de laboratório. E das melhorias que eu precisava fazer estavam as apresentações em *power point (ppt)*, pois nunca havia me preocupado em fazê-las com primazia. Acho que meu próprio modo de ver o mundo à época tinha uma influência nisso, que ia desde ao modo de fazer slides até a minha forma de vestir-me. Nesse ponto não tenho como não me lembrar da minha amiga Ivanilda, que tanto me ajudou com as melhorias das apresentações em *ppt*, como ainda me dava uns toques

indicando onde eu estava errando com as minhas vestimentas. E aprendi muito com a saudosa Iva e com o LEA, como um todo.

Nesse processo não posso esquecer o professor Nivaldo Peroni que foi meu orientador no mestrado e muito me incentivou a continuar, me fazendo acreditar que eu tinha potencial para chegar lá, mesmo sem eu ter ideia de onde seria esse *lá*. Por falar no Nivaldo, devo contar também sobre as coisas boas que o mestrado me proporcionou, como por exemplo conhecer a Floresta Nacional do Araripe - FLONA (com a turma do “*LEA Araripe – selva!*”), onde realizei o trabalho de pesquisa do meu mestrado, tendo como objeto de estudo o muito amado (porém por outros não muito querido) pequi – *Caryocar coriaceum*. Na FLONA, região do maravilho CARIRI, que compreende as cidades de Barbalha, Crato e Juazeiro do Norte no Ceará, fiz várias outras amizades, algumas das quais se tornaram verdadeiras famílias. Outra felicidade que o mestrado me proporcionou foi conhecer a linda cidade de Florianópolis - SC, lugar no qual em 2012 aconteceu o IX Simpósio Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia. Esse foi meu segundo evento de *Etno*, pois o primeiro foi no ano que comecei a estudar mestrado no LEA, realizado em 2010 em Recife. E pasmem: no evento de 2012, em Floripa, ano que conclui meu mestrado, tive a enorme felicidade de ter minha dissertação premiada com o prêmio Darrell Posey da Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia na categoria mestrado. Foi uma alegria transcendental, com um sabor de superação. Mas como já avisei, essa trajetória tem alegrias e tristezas. Mas antes preciso recordar, caro leitor, daquele sentimento no começo da trajetória de mestrado que me consumia. Lembra que tudo que eu queria era terminar o mestrado e voltar para minha cidade? Pois o LEA, na pessoa de Ulysses e dos colegas contemporâneos, bem como a própria Etnobotânica, me encantaram o pensamento e, antes desprovido do que seria a Etnobotânica, Ulysses (UPA), agora só pensava em continuar com essa família.

Contudo, o segundo grande evento triste (após aquela minha apresentação no início do mestrado) foi em 2012, quando, pela boca do pai UPA, nos degraus entre o térreo e o primeiro andar do prédio do mestrado em botânica, Ivanilda e eu ouvimos dele que nós não tínhamos logrado no processo seletivo para o doutorado em Botânica. Nesse momento os malucos devaneios se impuseram naquelas frações de segundos quando pensamos milhões de coisas: “tudo que eu queria era terminar o mestrado

e ir embora, agora estou extremamente triste por não ter passado no doutorado”.

Apesar disso, Ulysses não nos deixou desanimar e acendeu uma luz ao indicar que o doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza (PPGEtno) já havia sido aprovado e logo teria sua primeira seleção. Era quase final de fevereiro de 2012 e lá estava o resultado (nova alegria): *passsei no doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza e serei orientado (finalmente) pelo professor Dr. Ulysses Paulino de Albuquerque!*

E nesse novo desafio se juntou a nós (Iva e eu) o grande amigo Gilney Charll, e juntamente com outros grandes colegas fizemos parte da primeira turma de doutorado do PPGEtno. Em 2013, Gilney, Ivanilda e eu organizamos o V Encontro Pernambucano de Etnobiologia, pelo PPGEtno. Juntos os três também vivemos boas aventuras ao longo das coletas de campo da nossa pesquisa de doutorado na FLONA Araripe. Graças a minha permanência em Recife, por conta do doutorado, tive a oportunidade de morar com duas pessoas incríveis que marcaram minha vida: Taline e Washington, na nossa inesquecível HarryPública. Esse foi o terceiro lugar e o mais especial onde morei em Recife. O nome HarryPública era uma referência aos filmes do Harry Potter, dos quais sou fã até hoje. Foi com o Washington que vi o último filme da saga no cinema em Recife. Além da HarryPública, em um dos momentos mais difíceis da minha vida (por questões pessoais), surgiu uma terapia que foi avassaladora: a brincadeira de ir para um estúdio brincar de ser músico. Nessa brincadeira nasceu a memorável BANDA LEA (que era composta por membros do laboratório). Como eu costumo contar até hoje: eu não sabia tocar nada, então fui “improvisado” como cantor da banda (que tinha a Andresa, Letícia, Wendy, Maria Clara, Sobral, Daniel, Rafa Prota, Washington). Fizemos até mesmo um show oficial no lançamento de livros da Nupeea (editora de livros em etnobiologia) em 2015. Ah! BANDA LEA: saudades!

Como meus amigos costumavam me chamar eu era o “zoiudo” dos pequis, o Ribinha sangue de Danoninho (porque os danados dos carrapatos da FLONA sempre grudavam em mim aos montes), dentre outros apelidos. Ainda pelo doutorado, não posso esquecer da experiência enriquecedora que foi meu estágio a docência com o professor Ângelo Giuseppe. Foi através do doutorado que tive a oportunidade de conhecer outros lugares no Brasil e até fora dele. No Brasil, conheci Feria de Santana, Brasília e

Goiânia, sendo esta última a cidade onde realizei parte do meu doutorado na Universidade Federal de Goiás (UFG), no Laboratório de Genética e Biodiversidade, sob a orientação da profa. Rosane Collevatti. Fui para Goiânia em junho de 2015 para ficar quanto tempo eu não sabia, pois essa etapa tinha para mim mais incertezas que qualquer outra já experimentada. Assim, ao chegar na capital goiana, sem conhecer nada nem ninguém (pelo menos pessoalmente), logo me vieram os mesmos sentimentos de quando parti de Teresina para fazer o mestrado em Recife. Mas, felizmente, consegui um bom lugar para ficar e logo fiz boas amizades, as quais (como também em Recife) tenho até os dias de hoje.

Dentre os lugares que conheci fora do Brasil, graças ao doutorado, a Argentina foi um deles, onde praticamente o LEA inteiro foi participar em eventos em 2014. Foi minha primeira experiência tão longe de casa e em uma cultura e linguagem diferentes. Outro evento importante foi a minha viagem em 2015 para o curso intensivo de “Domesticación, Manejo y Conservación In situ de Recursos Genéticos”, organizado pelo prof. Alejandro Casas, no Peru. Além de ter tido a oportunidade de conhecer pessoalmente os principais nomes que eu estava citando na minha tese (como o próprio Casas), também foi mágica a experiência de ter ido sozinho (nesse não foi ninguém do LEA além de mim) e interagir com alunos do México, Argentina e do próprio Peru. Foi nessa ocasião que tive a imensa alegria de conhecer um dos lugares mais lindos que meus grandes olhos já viram: Machu Picchu, um lugar transcendental. Conheci também o encantador Vale Sagrado dos Incas, nos Andes peruanos. Eu me senti um *mochileiro* pela América do Sul. Assim, como cada detalhes que trago na lembrança desses lugares, nunca me esquecerei de que na volta ao Brasil (mesmo com aquela sensação de dever cumprido), dentro do avião, olhando a capa de neve sobre os Andes, comecei a chorar. Uma miscelânea de alegria e incerteza do futuro que causava profunda tristeza. Chorei! E com a música *What If* de Coldplay como pano de fundo tocando no fone do avião, chorei copiosamente. Nunca me havia ocorrido sentimentos tão confusos. Foi como se, tal qual a música, os vários “e se?” da vida sobrepujassem qualquer ideia concreta ou mesmo as lindas experiências recentemente vividas. E agora, José? O que será? Como será essa etapa de genética em Goiânia? (a propósito, eu tinha acabado de começar essa etapa, quando fui para o curso no Peru). Quando conseguirei defender a tese (afinal, a

defesa deveria ocorrer em 2016, que estava logo ali)? O que farei depois dela? E se não der certo? *E se...*

De volta ao Brasil, fui concluir as coletas de folhas de pequi na FLONA para a etapa de genética da tese. E de volta à Goiânia, me debrucei sobre o novo desafio no doutorado: trabalhar com extração de DNA, fazer gel de agarose, PCR etc. Fiz boas amizades no LGBio, aprendi muito. E estava tudo indo bem. A essa altura já estava chegando em agosto de 2015, o ano praticamente acabando, e eu pensando na defesa, para a qual eu teria de ter concluído a etapa de genética. Nesse percurso surgiu a oportunidade de fazer um concurso, justamente para a instituição onde toda essa trajetória começou: a UFPI. Em meados de agosto, viajei de Goiânia para Teresina para fazer a seleção que faria toda essa trajetória seguir caminhos ainda mais distantes. Era meado de setembro quando vi meu nome aprovado na publicação do resultado do concurso para docente efetivo do magistério superior da UFPI. Não pude conter a emoção! Passar num concurso em sua terrinha, na instituição onde você aprendeu a amar a vida acadêmica, nem nos meus melhores sonhos eu havia cogitado isso.

Dizem que tudo tem um lado positivo e negativo. Neste caso, o negativo é que logo tive de assumir o concurso (em novembro de 2015) e a etapa de genética acabou ficando comprometida. Não defendi em 2016 como pretendia, mas com idas e vindas, agora de Floriano para Goiânia, em 2017, exatamente no dia do índio, eu consegui defender minha tese de doutorado, outra data inesquecível para mim. Hoje fiz de Floriano, no sudoeste do Piauí, minha morada e dentro a UFPI exerço a atividade docente, mas também a pesquisa e extensão universitária. Já fui coordenador do curso de Ciências Biológicas, no *campus* Amílcar Ferreira Sobral, onde estou lotado. Essa última experiência, porém, foi muito excruciante, mas de aprendizados relevantes que me oportunizaram amadurecimento profissional. Afinal, mesmo com o estágio a docência, nós nunca estaremos suficientemente preparados para os relacionamentos interpessoais, sobretudo no âmbito do trabalho (seja ele qual for). Já orientei trabalho de conclusão de curso (TCC) de alunos de graduação que hoje estão no mestrado, percorrendo cada um deles sua própria trajetória. Tenho ministrado as disciplinas de Educação Ambiental, Etnobotânica (meu xodó), Biologia de Criptógamas e Metodologia Científica, além dos TCCs. Recentemente, me credenciei no Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Conservação (PPGBC)

do próprio *campus* de Florianópolis, onde pretendo contribuir com a formação e trajetória dos discentes que forem orientados por mim. Hoje, e cada vez mais, eu entendo o papel crucial que o meu ex orientador, o professor Ulysses Paulino de Albuquerque (UPA), teve na minha trajetória e pretendo contribuir com a trajetória acadêmica de cada discente com o qual eu tiver contato, a partir dos aprendizados que tive com o UPA e com todos os grandes amigos que conviveram comigo ao longo da minha estadia no LEA e ao longo de toda a trajetória até aqui. Eu teria várias estórias dentro dessa para contar, como o dia que me perdi fazendo trabalho de campo dentro da FLONA, os momentos de lazer que foram desde a hora do cafezinho na cozinha do LEA versão 2 (sim, o LEA 2 era gigante, tinha cozinha) até as festas do pequi no Cariri, e as lindas festas vividas no Recife Antigo. Se aqui do futuro de algum lugar como um sétimo andar eu pudesse falar algo para o meu eu lá do passado (no início do mestrado) eu te diria, irmão: Coragem, tenha fé! Vai dar tudo certo. Vá sem medo.

Sou licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Piauí (*campus* de Teresina). Tenho mestrado em Botânica pela Universidade Federal Rural de Pernambuco e, pela mesma instituição, doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza. Atuo desde 2015 como docente efetivo do curso de Ciências Biológicas da UFPI, *campus* Amílcar Ferreira Sobral. Estou credenciado ao Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Conservação do *campus* de Florianópolis. Tenho uma repulsa e ojeriza a ratos (creio ser algum trauma). No meu tempo livre gosto de ver filmes e séries, com certa predileção por filmes e séries de fantasia, ficção científica e temática apocalíptica (como *The Walking Dead*). Meus filmes preferidos: a saga *Harry Potter*, a trilogia de *O senhor dos Anéis*, a saga *Star Wars* e *O iluminado*, além de alguns clássicos animes que marcaram minha infância e adolescência, como *Os Cavaleiros dos Zodíacos* e *Dragon Ball Z*. Também gosto de ler livros de literatura, sobretudo a brasileira; ouvir músicas e podcast (Foro de Teresina é meu preferido), curto vários estilos musicais, mas minha trilha sonora de vida seria *Rocket Man*, de Elton John. Um dia perfeito para mim seria curtir uma praia com amigos ou familiares, passar horas olhando para o mar, tomando uma cerveja gelada. Link para CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2801111522758340>

Um sonho, uma caminhada, uma conquista: minha trajetória

LETÍCIA ZENÓBIA DE OLIVEIRA CAMPOS

*Minha vida é andar por esse país;
Pra ver se um dia descanso feliz;
Guardando as recordações;
Das terras onde passei;
Andando pelos sertões e dos amigos que lá deixei*
Luiz Gonzaga

A data é 14 de março de 2004, dia que despreziosamente, dei início a minha trajetória acadêmica. Eu estava prestes a completar 18 anos, peguei minhas malas e fui morar longe de casa. Mal sabia que, de lá para cá me tornaria uma pessoa de muitas mudanças e viagens. Fui cursar Ciências Biológicas – Licenciatura, na Universidade Federal de Goiás (UFG), no município de Jataí, há 600 km da casa dos meus pais.

Quando entrei na Universidade, não sabia muito bem a dinâmica de uma Graduação. Mas, de início me interessei pela Botânica, só não sabia exatamente do que gostava. Na verdade, eu gostava de tudo. Realizei Iniciação Científica (IC), com anatomia vegetal de espécie medicinais e com fisiologia (germinação) de algumas espécies de importância econômica. Em 2006 fui ao meu primeiro congresso nacional, o “57º Congresso Nacional de Botânica”, realizado em Gramado – Rio Grande do Sul, para apresentar os resultados das minhas pesquisas. Como uma estudante muito curiosa, peguei o folheto do congresso e destaquei as palestras que eu gostaria de assistir. Foi a 1ª vez que ouvi a palavra “Etnobotânica”. A partir daí comecei a ler e pesquisar sobre a temática e suas interfaces.

Nesse congresso teve uma reunião com os etnobotânicos presentes e eu fui. Fiquei lá no fundo ouvindo tudo. Terminou a reunião, peguei meu economizado dinheiro e comprei o livro de Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica⁷. Quando voltei de viagem, fui ao gabinete da minha orientadora Professora Alessandra Marcondes, que prontamente me ouviu com muita empolgação. A partir daí, fiz um trabalho “inicial”, bem simples, sobre plantas medicinais com a população de Jataí. Me lembro que fizemos uma amostragem por conglomerados e a amostra era bem extensa... Mas foi muito gratificante, conseguir finalizar a coleta de dados, analisá-los e observar a riqueza de conhecimento que aquelas pessoas que eu conversei, durante horas, possuíam sobre as plantas medicinais. Esse foi meu último trabalho de Iniciação Científica na UFG e fiquei muito feliz em conseguir finalizá-lo. Em 2007 chegou a tão temida, mas também sonhada formatura. Eu só tinha certeza de duas coisas: 1) queria seguir carreira acadêmica e; 2) gostaria de realizar meu mestrado e, posteriormente, o doutorado em alguma linha de pesquisa que englobasse a etnobotânica.

O caminho....

Não entrei no mestrado assim que finalizei a graduação. Participei de dois processos seletivos e não obtive êxito. Depois de um tempo, entendi que aqueles lugares para os quais eu havia realizado as seleções, não eram ideais para o desenvolvimento da temática que eu gostaria de trabalhar. Então, sem a perspectiva do mestrado, voltei para Itapuranga, cidade que cresci no interior de Goiás. Fui exercer a docência. Lecionava na educação básica e na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Quase desisti de participar de outros processos seletivos para entrar no mestrado, pois de fato, eu estava muito feliz em poder lecionar. Primeiro emprego, primeiro salário... para mim era muita coisa. Mas, minha mãe e meu esposo (na época namorado) sempre foram grandes incentivadores e ficavam, literalmente, no “meu pé”. Então, após cinco meses que tinha voltado para casa, abriu a seleção do mestrado em Botânica da Universidade de Brasília (UnB) e uma

7 Albuquerque UP, Lucena RFP. (Org). 2004. Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica. 1ª edição. Recife: LivroRápido/NUPEEA. 189p.

grande amiga, que dividiu República comigo na época da graduação me informou e incentivou muito. E lá fui eu... sozinha, para a Capital Federal.

Mestrado

Consegui uma vaga na seleção do Mestrado (o que me surpreendeu bastante), e meu projeto foi orientado pela querida taxonomista de Mirtáceas Professora Carolyn Proença. A Profa. Carol me ensinou muitas coisas durante o mestrado, principalmente a identificar as principais diferenças entre os gêneros mais comuns de Mirtáceas, o que é algo que exige bastante atenção e sensibilidade. O meu projeto era sobre história natural e conhecimento popular do gênero *Psidium*. Era um projeto grandioso, mas que enfrentei muitas dificuldades para colocá-lo em prática, principalmente porque queria fazer algo embasado nas teorias e metodologias empregadas na etnobotânica. No final do 1º ano do mestrado, tive o grande presente de conhecer o Professor Ulysses Albuquerque, que participou da banca do meu projeto. Eu queria muito a contribuição dele, mas fiquei com muito medo do que poderia acontecer naquele momento. Ele foi tão assertivo nos comentários e na forma como os externalizou que me lembro das palavras e da forma como elas foram ditas, até hoje...

Projeto defendido, sugestões acatadas, fui buscar as comunidades e espécies que precisava trabalhar. Viajei bastante... coletei dados junto a comunidades tradicionais quilombolas. Das comunidades que visitei, selecionei duas: uma localizada em Mineiros – Goiás e outra em Campo Grande – Mato Grosso do Sul. Foi muito desafiador! Eu viajava, entrava em contato com as comunidades e coletava os dados sozinha. Quando as coisas não saíam como esperado, tinha que “dar um jeito” e resolver.

Com os dados coletados, novamente o Prof. Ulysses se disponibilizou a me auxiliar nas análises dos dados. Então, juntamente com uma querida amiga que fez parte dessa caminhada, Renata Martins, fomos a Recife para receber toda a atenção que precisávamos para as análises. Me lembro também com muito carinho de quando Ulysses me chamou na sua sala, que era num prédio bem alto na Universidade Rural de Pernambuco (UFRPE), para ele entregar o meu trabalho corrigido (ele pediu para levar impresso para corrigir). Ele me entregou e me perguntou

se não tinha interesse em participar do processo seletivo do doutorado, que iria abrir na UFRPE. Meus olhos brilharam... eu achava que estudar na UFRPE e fazer parte do grupo de pesquisa, seria algo muito difícil. Como tinha o hábito de ler os artigos que os “alunos do Ulysses” publicavam, eu achava que a seleção seria algo muito complexo e que, talvez, não conseguiria ser aprovada. Mas, mesmo com alguns medos e incertezas, resolvi tentar.

Nesse tempo, defendi o Mestrado e voltei novamente para a casa dos meus pais, pois a seleção do Doutorado só ocorreria no final do ano. Foi, novamente, um período de muito trabalho e aprendizado. Mas, dessa vez mais madura, eu já tinha certeza de que seria apenas um tempo ali. Voltei para os dois empregos que tive antes de entrar no mestrado. Nesse tempo, também passei num concurso para professor da educação básica no Mato Grosso, mas perdi a data da posse (coisas de uma pisciana com todas as dores e sabores).

Doutorado

No final de 2010 participei da seleção do Doutorado e fui embora para Recife. Foi um tempo muito rico em todas as áreas da minha vida. Fui orientada pela Professora Elcida Araújo e coorientada pelo Prof. Ulysses. Eu, particularmente, sempre que lembro da Profa. Elcida, fico com meu “coração quentinho”. Ela foi uma “mãezona”. Ulysses, é minha referência de acolhimento e devo a ele muito do que me tornei. Aprendi muito sobre convivência, trabalho em grupo, ciência, redação, burocracias... Fiz um campo extenso; trabalhei com plantas alimentícias nativas e as diferentes interfaces ligadas ao conhecimento, usos, ecologia... eu costumo dizer (brincando) que só consegui fazer esse trabalho porque era jovem.

Para o doutorado, coletei dados em três comunidades localizadas em municípios distintos no entorno da Chapada Nacional do Araripe (FLONA) na região Sul do Ceará, e realizei análise fenológica das espécies alimentícias mais usadas por essas comunidades. Foram dois anos e meio intensos de coleta de dados, o que me rendeu um trabalho lindo e que me ensinou muito. Além disso, fiz grandes amizades nas comunidades que passei, pessoas que fazem parte da minha vida. Os meus colegas, que

também foram realizar seus trabalhos na FLONA, se tornaram amigos, parceiros, confidentes...

Considerando que “nem só de estudo vive uma pessoa”, no final do doutorado, fui morar no oeste da Bahia com meu companheiro. Sim... eu me casei no último ano do doutorado e, nesse período, passei a ir de dois em dois meses a Recife, para orientação.

A mudança

Quando defendi minha tese, tinha o intuito de investir um pouco na minha vida pessoal e estudar para um concurso público. Fiz três provas e fiquei em 2º lugar em duas delas, com uma esperança enorme de ser chamada, o que não aconteceu.

Participar de todo o processo de um concurso público é uma experiência muito rica, mas também muito cansativa e, às vezes, traz alguns sentimentos não muito legais. Sobretudo quando a gente fica no “quase fui chamada” a vaga “quase foi minha”.

No fim de 2015 eu resolvi fazer uma pausa... parei de olhar editais e, resolvi ter meu primeiro filho. Engraçado que, quando fazia doutorado, muitos amigos almejavam o pós-doutorado e eu sempre dizia brincando: “vou fazer dois pós-doutorados seguidos. Dizia que meus filhos seriam meus “pós-docs”.

Em agosto de 2016, meu “primeiro pós-doutorado” (Pedro) nasceu. Certa vez ouvi um ditado que dizia o seguinte: “filhos trazem prosperidade, eles sempre trazem um saco de pão junto com eles”. Eu sorria quando ouvia. Mas, com certeza, experimentei desse ditado.

Em setembro de 2016, com meu filho recém-nascido, saiu o edital para professor efetivo para área de Etnobiologia na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). De fato, eu não poderia perder essa oportunidade, porque a UFOB é exatamente há 80 km da minha casa.

Foi puxado... às vezes me sentava para estudar e cochilava em cima do computador pois, a maioria das noites eram mal dormidas. Mas, com muita determinação, estudei cinco dos seis pontos do concurso. O último, tinha conseguido estudar 70%. E, adivinhem qual foi o ponto sorteado? Justamente o que eu havia estudado menos. E o mesmo ponto foi sorteado

duas vezes, na prova teórica e na didática. Eu acredito muito quando dizem que quando chega “nossa hora”, o “nosso concurso”... por mais percalços que existam, as coisas se encaixam para darem certo. Finalmente veio a aprovação, o fim de um ciclo de estudos e início de um sonho realizado.

O ensino, pesquisa e extensão

Em maio de 2017, tomei posse do concurso. Desde então exerço minhas funções, com muita responsabilidade e carinho. No fim de 2018, tive meu segundo filho, o pequeno Davi.

Na pesquisa, tenho orientado trabalhos que objetivam compreender como espécies de plantas importantes para determinadas comunidades locais, podem ser usadas na recuperação de áreas degradadas. Também temos levantado os fatores de maior influência sobre o conhecimento de plantas medicinais e alimentícias. Além disso, no nosso grupo de pesquisa, temos coletado dados de percepção sobre o uso da paisagem junto aos pescadores artesanais do município de Barreiras, Bahia.

Mais recentemente aceitei o desafio de orientar propostas de extensão para o estabelecimento de hortas comunitárias em espaços formais e não formais de ensino. Nesse projeto, realizamos muitas ações de Educação Ambiental, sendo uma ferramenta prática da disciplina do curso de Ciências Biológicas da UFOB.

Entre todas as pesquisas que tenho orientado nesse tempo, ainda temos resultados discretos. No entanto, muitos deles tem um grande potencial para o estabelecimento de políticas públicas voltadas ao uso dos recursos naturais. E é esse um dos objetivos principais dos projetos que temos desenvolvido. Também, já conseguimos publicar alguns dos nossos resultados.

Depois de tantas histórias, gostaria de dizer que, atualmente, mesmo que a pandemia tenha afetado bruscamente as nossas atividades, durante a minha jornada, consegui, apesar dos percalços, desenvolver de forma “equilibrada” as diferentes áreas da minha vida. Nesse processo, se eu fosse dar um conselho para alguém que está iniciando a vida acadêmica (eu me sentindo a velha, experiente)... eu diria o seguinte: “viva de verdade, por inteiro o processo que te levará ao resultado final!” Faça amizades,

participe de tudo que te convidarem. Tudo isso fará diferença e será importante na sua formação profissional e como ser humano.

Eu sou a Letícia. Me chamam de Lê, Lentz, Lezê, Moção e Zenóbia. Tenho a mania de conversar sozinha, principalmente quando estou um pouco estressada. Atualmente meu “tempo livre” é sempre ocupado pela doce (mas as vezes louca) companhia dos meus dois filhos. Quando eles dormem e não estou exausta, gosto de ler livros aleatórios. Atualmente tenho lido muito os livros que lia na minha infância e adolescência, sobretudo os de Roald Dahl. Também amo cozinhar. Então, estou sempre testando novas receitas por aqui. Meu companheiro e filhos são os degustadores principais. Eu adoro dias ensolarados, em que consigo cumprir tudo que planejei na noite anterior para aquele dia. Se eu não fosse pesquisadora/professora, provavelmente seria cozinheira ou administraria algum negócio/empresa. Gosto de todos os estilos musicais. Penso que cada momento “pede” um tipo de música. Mas, o que paro para ouvir e refletir, são músicas melancólicas, com um pouco de poesia e história (sou goiana, né gente?). O estilo de filmes que mais gosto de assistir são biografias. Um que sempre me vem à memória e me marcou bastante foi “A Teoria de Tudo”. Link para CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5980845983624964>

A feminina voz do etnobotânico

GUSTAVO TABOADA SOLDATI

*Minha mãe que falou
Minha voz vem da mulher
Minha voz veio de lá, de quem me gerou
Quem explica o cantor?
Quem entende essa voz?
Sem as vozes que ele traz do interior?
Sem as vozes que ele ouviu
Quando era aprendiz
(...)
Feminino é o dom
Que o leva a entoar
A canção que sua alma sente no ar
Feminina é a paixão
O seu amor musical
Feminino é o som do seu coração
Sua voz de trovador
Com seu povo se casou
E as ruas do país são seu altar
Feminino é a paixão”*

A feminina voz do Cantor, de Milton Nascimento

Nossa casa era rodeada por begónias, gerânios de todas as cores, samambaias, suculentas e antúrios. A comigo-ninguém-pode servia para proteção, foi assim que ela me ensinou. Minha mãe devotava parte do dia cuidando das plantas, pegava uma mudinha daqui e passava para outro lugar. Passava tempo catando as lagartas que comiam as folhas das rendas portuguesas. Gostava de vasos que misturavam muitas espécies, pareciam

pequenas réplicas florestais. Vez em quando, colocava uma pequena imagem para “morar” embaixo dos pequenos dosséis que plantava. Penso que ela os construía microuniversos fantasiosos para fugir da realidade. Parecia um cuidado meditativo que silenciosamente me chamava a atenção. O amor contagia. Foi assim que, ainda pequeno, pedia para, às quintas feiras de manhã, antes da escola, aguar o nosso jardim. O cheiro do solo molhado, as gotas de água saindo da mangueira brilhavam conta a luz. Eu me sentia em um santuário, me esquecia do mundo e sentia, como sentia, uma festa no bosque. Na nossa despedida material, coloquei em suas mãos um buquê de hortênsias do nosso quintal, cultivado por ela mesma, pois era a planta mais apreciada, pois representava a sua cidade de origem. Hoje eu cuido de um antúrio que, segundo ela, está na nossa família desde sua avó. Ancestralidade.

No primeiro ano de faculdade tive a honra de ver um cloroplasto. Ele brilhava, excitado pela luz do microscópio, assim como o sorriso da professora que nos ensinava. Em uma aula seguinte, ela perguntou “porque o mundo é verde?”. Pensei em responder sobre nossas mães, mas guardei esse conhecimento para mim. Pedi e ela um estágio, o meu primeiro, e passei um bom tempo me perdendo nas cores e formas dos cloroplastos. A Professora Rosane Aguiar, suspeito que tinha raízes indígenas pela sua beleza, junto às suas constantes e grandes argolas de prata me apresentou a ciência feita com ética e devoção. Nos horários vagos, a turma toda se reunia no café do *campus* para prostrar. Dali nasceram algumas paixões e sonhos coletivos. Certo dia cheguei mais cedo e encontrei três veteranas minhas, Carol, Paula e Dalana, que me convidaram para entrar na chapa do Centro Acadêmico de Biologia. Explicaram que precisávamos nos unir para melhorar o curso e a universidade. Junto delas, durante os quatro anos de movimento estudantil, aprendi o poder da organização popular.

Outras mulheres me ensinaram um pouco sobre feminismo. Usavam camisas roxas, tão claras como os tons das violetas que, de tempos em tempos, explodem em sua completa exuberância. Não se calavam frente a sociedade patriarcal, como um grito de esperança e liberdade. Nesse mesmo tempo, tive a felicidade de vivenciar quinze dias em um acampamento da reforma agrária. As moradas ainda eram provisórias, afinal o sonho de conquistar a terra é um caminhar de luta, assim como o rio Paraopeba que embebia a região, rumando para o mar e “enfrentando as suas margens

que o cerceiam”. Era carnaval e conheci a luta de classes, o motor da nossa sociedade. Quando voltei à universidade, a chuva que interrompia o meu sono embaixo das lonas pretas mais furadas que o próprio céu, despertou em mim uma semente angustiada, que queria e precisava unir plantas e sociedade em uma dança progressiva. Estudava, à época, ecologia vegetal, mas apenas andar pelos bosques não me fazia tanto sentido se não conseguisse construir pontes com os homens e mulheres, especialmente em uma sociedade classista. Caminho se conhece andando e a vida nos dá muitos frutos. No final de meu curso, assistia a uma palestra. Conheci a etnobotânica, sim, ela, justamente ela, a etnobotânica. Mais do que isso, uma etnobotânica que eu achei bastante bonita e foi nessa onda que eu decidi navegar.

Navegar é preciso, mas viver não é preciso. Isso ficou muito evidente quando fiz a minha primeira experiência com entrevistas, já no final do curso. Depois de bater a campanha, ela, que não tenho condições de recordar o nome em meus registros, pediu-me para entrar e conhecer o seu quintal. Estava sozinha. Suspeitei disso pelas coisas que comentava comigo. Ainda que eu buscasse compreender o que ela conhecia sobre plantas medicinais, as respostas eram sempre as angústias que a vida havia lhe posto, especialmente as tristezas do seu relacionamento que parecia desabar. Voltei para a minha casa, tempos depois entendi que não era “preciso”, naquela tarde, conversar sobre plantas, mas acolher as angústias de quem não teve a precisão esperada da vida.

No final do curso, pelos mesmos caminhos tortos, tão belos como as pernas do Garrincha e as árvores do Cerrado, conheci a Professora France Coelho, quem ainda ilumina os meus caminhos científicos. Fazia uma ciência do povo e para o povo, especialmente para o povo assentado pela Reforma Agrária. No seu gabinete que cheirava lavandas e alecrins, quando do nosso primeiro encontro para planejarmos o meu trabalho final, ela me perguntou “mas, para você, o que é vida?”. Minhas certezas inventadas e juvenis de um quase graduado não conseguiram segurar o abismo que pesou e rompeu o meu peito. Minha cabeça ficou até tranquila, sua pergunta bateu no peito mesmo, ao lado do coração. As categorias analíticas que eu apresentei, tão sólidas para a biologia, não faziam tanto sentido para uma Extensionista Rural que adorava tomar café fraco e doce pelas roças do país. Precisei, pelo menos tentei construir pontes, não apenas entre

plantas e seres humanos, mas entre distintos campos do conhecimento acadêmico. Foram tantos outros aprendizados. Estávamos nos preparando para um grande encontro estudantil, aprendendo sobre metodologias participativas e agroecologia. Metade dos estudantes deveria defender os sistemas agrícolas tradicionais, a outra argumentar a favor da agricultura empresarial. France mediava o espaço com o seu olhar atento. Ela tinha um semblante único quando alguém dizia algo próximo ao inconveniente, algo do tipo “*como assim? O que você está falando?*”. Nunca a vi repetir tantas vezes essa expressão como naquele dia. Impressionantemente, os argumentos pró agronegócio venceram a dinâmica. Ao final, France disse “*gente, é preciso estudar. Não basta acreditar na agroecologia se não conseguimos defendê-la. É preciso estudar mais*”. Percebi que nas mesas de negociação as grandes empresas e a bancada do boi com seus exércitos de advogados e técnicos não admitem amadorismo. Atropelam qualquer argumento baseado unicamente nos sentimentos altruístas das coloridas camisas de tie-dye. E, assim, a boiada passa.

Troquei as minas pelo trópico, quando e onde me fiz mulher. No Laboratório de Etnobotânica Aplicada, ao lado muitas mulheres maravilhosas, segui meus estudos. Foi um dos momentos mais felizes de minha vida. Caminhávamos pelas caatingas do interior de Pernambuco, permeando os quintais agroflorestais, quando encontrei um cajueiro. Nele havia apenas um único caju, perfeitamente vermelho. Também brilhava ao sol. Parece que me esperava. Aproximei-me, observei com o frenesi de um debutante que ainda não havia experimentado aquele orgasmo. Senti o seu cheiro único, destaquei do galho e o comi à medida que cerrava meus olhos e o leite escorria pelo pescoço. Nos tempos do mestrado, acompanhei uma linda mulher, que me apresentou o cinema, o rock, o candomblé e a antropologia. Cris tinha apenas um defeito, não gostava de comidas regadas em alho. Certa vez, nos produtivos embates entre escolas acadêmicas, me disse que não havia sentido em uma entrevista se não soubéssemos “*perceber o brilho no olhar dos nossos interlocutores e interlocutoras*”. Era necessário amor, além do formulário de perguntas.

Comecei meus caminhos aprendendo sobre as matas de minas, quando ganhei de presente um chapéu de palha feito e abençoado pela Dona Theresinha. Depois, tive a felicidade de conhecer muitos povos e seus territórios. Na beira do São Francisco, bem perto de onde Riobaldo

aprendeu o que a vida espera da gente, tomei cachaça com as vazanteiras. Nos gerais, aprendi o valor do sorriso sobre as chagas da vida com Dona Evangelina. As catingueiras me ensinaram como extrair do leite o requeijão e fui benzido. Pilei arroz crioulo em pilão quilombola, o umbigo de toda a nossa história. Chorei ao me despedir de Dona Maria. Tomei café em quintais povoados de plantas que curam o corpo e a alma. Vi uma muda de erva cidreira selar a paz entre duas companheiras de luta pela terra. Comi fubá suado nas lapas das serras diamantinenses, onde nascem as sempre vivas. Ouvi histórias dos ancestrais que habitam e protegem as matas. Conheci mulheres mundurucus, Fulni-ôs, Pankararus, Krenaks, Maxacalis, conhecedoras de um tempo que não entendemos mais. Nas articulações nacionais, escutei e aprendi com as pantaneiras, raizeiras, seringueiras que elas não eram detentoras, mas guardiãs de um conhecimento. Uma mãe de santo, com Iansã na cabeça, me disse, “tenha paciência, meu filho, já aguardamos tanto tempo pelos nossos direitos”. Sob o olhar de Santa Bárbara, senti o amor da mãe pelo seu filho. Vi Dona Jovita ser reconhecida pelo mundo pelos serviços que prestava à humanidade na conservação da agrobiodiversidade. Ao largo das minhas andanças eu via a fé e a paixão materializada no corpo das mulheres. Mais do que isso, percebi que em todos esses lugares, quem define a organização popular e as estratégias de luta, afinal, não há um palmo de terra no nosso país que não foi ou é alvo de disputa, são as mulheres, o maior tesouro que descobri. Nesses caminhos, meu coração foi semeado por muitos ensinamentos que definem que eu sou hoje, o que eu penso e os meus desafios. Sou aquilo que elas me fizeram ser. Portanto, não “sou”, mas “somos”. Mais sonhos. Como diria o poeta, “o melhor de mim são os outros...”, especialmente quando são mulheres. E, assim, me fiz e me faço, como um laço ou um abraço com as lentes de mim.

Conhecido como “Tigu”, metade mineiro e metade pernambucano, com uma dose argentina. Depois de muito sofrimento, vi meu time ser campeão. Estou com dificuldades de saber o que gosto de fazer nos tempos livres, talvez esse seja o meu maior desafio. Mas gosto de ficar quieto e em silêncio. Adoro cinema brasileiro, pernambucano, argentino e ocidental. Fica a dica de “Pixote” de Hector Babenco. Amo abraçar e beijar o meu filho. Adoro beber cerveja com os amigos e de férias. Cozinhar me deixa feliz. Se não fosse pesquisador

gostaria de ser pedreiro ou trabalhar de ternos e gravatas italianos. Gostava mais de Chico Buarque, amo Caetano Veloso, piro com Gonzaguinha, mas só o Milton me faz chorar. O sol é meu guia. Sou professor e Diretor do Jardim Botânico da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Professor do Programa de Pós-graduação em Etnobiologia e Conservação da Natureza com interesse em Etnobiologia Evolutiva, Agroecologia e Ecologia Política. Link para CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6333887117085413>

Foi caminhando que eu fiz o caminho da minha trajetória

GILNEY CHARLL SANTOS

*Quando não houver saída
Quando não houver mais solução
Ainda há de haver saída
Nenhuma ideia vale uma vida*

*Quando não houver esperança
Quando não restar nem ilusão
Ainda há de haver esperança
Em cada um de nós, algo de uma criança*

*Enquanto houver Sol, enquanto houver Sol
Ainda haverá
Enquanto houver Sol, enquanto houver sol*

*Quando não houver caminho
Mesmo sem amor, sem direção
A sós ninguém está sozinho
É caminhando que se faz o caminho*

*Quando não houver desejo
Quando não restar nem mesmo dor
Ainda há de haver desejo
Em cada um de nós, aonde Deus colocou*

*Enquanto houver Sol, enquanto houver Sol
Ainda haverá
Enquanto houver Sol, enquanto houver Sol
Enquanto houver sol, de Sérgio Brito – Titãs*

Sabe aquela canção que parece que foi feita para a gente? Pois é, a letra da canção que você deve ter acabado de ler e que, talvez, até tenha cantado enquanto lia, parece que foi feita para mim. “Enquanto houver sol”, tem um significado especial porque representa bem boa parte da minha vida, especialmente, a da minha trajetória acadêmica, que desde o início da graduação confunde-se com a minha trajetória profissional como professor. Vou contar para você toda essa história. Para isso, com a finalidade de facilitar a sua compreensão, de modo que não se perca nos episódios que vivi e que ainda vivo, vou separar tudo em três partes, sendo a primeira parte abordando a minha graduação associada à docência e a minha primeira pós-graduação; na segunda parte, tratarei do que me levou a fazer mestrado e doutorado, bem como das experiências vividas; na terceira e última parte, você vai ficar sabendo um pouco sobre mim. Então, convido você a viajar comigo nesta história, que foi cheia de altos e baixos, mas que valeu a pena. Vamos!?

Graduação, docência e a primeira pós-graduação

Para mim, um jovem de origem humilde e vindo de escola pública, o primeiro grande desafio foi entrar na graduação de licenciatura em Biologia. Sim, eu queria ser professor de Biologia! Foi em meio a muitas dificuldades que consegui ingressar na Fundação de Ensino Superior de Olinda (FUNESO), para cursar a tão sonhada licenciatura, em 1995, que seguiu, do início ao fim, em associação com atividades docentes. No último período da graduação, eu já dava aula em várias escolas e cursinhos. Foi exatamente em um desses cursinhos, no final da década de 1990, na cidade de Paulista-PE, que conheci um jovem professor, que além de dividir a matéria de Biologia comigo, falava-me sobre as suas pesquisas científicas na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Aquilo me deixava encantado! Em adição, ao tempo em que me falava das suas experiências, aquele professor me incentivava a me especializar. Passado esse episódio, entre 1999 e 2000, aquele cursinho encerrou as suas atividades e eu perdi o contato daquele amigo professor. Continua a leitura dessa história que mais à frente, na segunda parte, vou revelar de quem eu estou falando e o quanto aquele professor foi importante na minha vida, ou melhor, ainda é.

Concluí a minha licenciatura em 1999 e segui com a minha carreira de professor, mas, bem antes disso, assim que ingressei na faculdade já apareceu a primeira oportunidade para dar aula em uma escola. Era para substituir uma professora que tinha acabado de ter o seu bebê. As aulas eram de ciências e matemática para estudantes do ensino fundamental I. Isso mesmo, ensino fundamental I, com crianças entre seis e dez anos de idade. Eu era chamado de tio pelas crianças. Foi uma experiência incrível, adorei! Já no segundo período da graduação, apareceu uma nova oportunidade, só que agora para lecionar Biologia em uma turma de cursinho, no centro do Recife. Morrendo de nervoso, eu fui! Lembro até hoje do assunto que abordei na aula daquele dia para alunos que tinham quase a mesma idade que a minha. O assunto foi organelas citoplasmáticas, e foi um sucesso. Foi a partir daí que várias outras portas se abriram e eu não parei mais.

Houve momentos da minha vida em que eu dava aula em nove locais (escolas e cursinhos) ao mesmo tempo, no Recife, região metropolitana e até no interior do estado de Pernambuco. Trabalhava como um louco todos os dias da semana, na maioria deles nos três turnos. Precisava dar muitas aulas para ter uma renda minimamente confortável. Uma triste realidade dos professores da educação básica, infelizmente. Não tinha muito tempo para a família, amigos e nem para mim mesmo. Foi quando eu decidi estudar para concurso público, pois assim eu poderia ter uma carga horária reduzida, receber um salário melhor e ainda ter mais tempo para mim e para os meus. Meu foco era a carreira de docente da esfera federal.

Sendo assim, em 2004, prestei concurso para o cargo de docente do antigo CEFET-PE, atual IFPE. Havia conseguido ser aprovado em primeiro lugar na prova escrita e tinha ido bem na prova didática, mas no final do certame, após a prova de títulos, por possuir apenas a graduação, acabei não ficando com a vaga. Isso foi um baque enorme para mim, porque passar naquele concurso seria a realização de um sonho. Depois disso, eu falei para mim mesmo que não iria desistir e que iria correr atrás de uma especialização, seguindo os conselhos do amigo professor que comentei acima.

Assim, estava disposto a fazer uma especialização, mas que ocorresse aos sábados, já que durante a semana não tinha condições de fazê-la, pois trabalhava em cinco locais naquele momento, sendo uma escola pública

estadual (aqui, havia passado em concurso público), três escolas privadas e um cursinho, também, privado. Essas aulas ocupavam todos os meus dias da semana (segunda a sexta), nos três turnos. Eventualmente, ainda dava aula aos sábados e domingos, nos famosos “aulões” de cursinho. Em média, puxando para baixo, eram 15 aulas por dia, 75 por semana. Imagina aí, tantas aulas e ainda arrumar um tempo para estudar e fazer pós-graduação. Fui fazer, era preciso! O ano era 2005, um ano após aquela decepção do concurso do antigo CEFET-PE e seis anos após concluir a graduação. Pois bem, aos trancos e barrancos, fiz especialização *lato sensu* em Ciências Ambientais na FUNESO, mesma instituição em que havia concluído a graduação. A escolha pela FUNESO não foi à toa, foi porque, como ex-aluno da instituição, tinha um bom desconto nas mensalidades. Sem parar de dar aulas em nenhum instante, terminei a especialização em meados de 2006 e já comecei a pensar em fazer o mestrado, mas não tinha nem ideia de como era, nem do que era preciso para chegar lá.

Mestrado, doutorado e o LEA

É aqui que aquele amigo professor, comentado na primeira parte do texto, aparece mais uma vez na minha vida, só que agora de forma decisiva. Estou falando do Dr. Ulysses Paulino Albuquerque, atualmente, professor da UFPE e Coordenador do Laboratório de Ecologia e Evolução de Sistemas Socioecológicos (LEA). Lembra que após aquele período que nos conhecemos, entre 1999 e 2000, perdemos o contato e cada um seguiu o seu rumo? Pois bem, encontrei-o novamente no início dos anos 2000 (entre 2002 e 2005, não recordo o ano com exatidão) na frente de uma escola em que eu trabalhava, no bairro do Arruda, Recife-PE. Não sei se foi o destino que me fez encontrá-lo novamente, mas foi o que aconteceu. Na ocasião, conversamos rapidamente e ele falou-me que era professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), e que poderia procurá-lo por lá.

Foi só em 2008, dois anos após a especialização, que fui atrás do Ulysses para conversar sobre o que eu precisava fazer para entrar em um mestrado. Encontrei o seu e-mail na página da UFRPE, na web, e escrevi solicitando o agendamento de um encontro. Rapidamente, o Dr. Ulysses respondeu ao meu e-mail e marcamos um encontro no antigo

LEA (Laboratório de Etnobotânica Aplicada), na UFRPE, no prédio da Área de Botânica, lá no “Céu”, como era conhecido o setor. O amigo e professor Ulysses falou tudo o que eu precisava saber e me convidou para participar de suas aulas na pós-graduação em Botânica como ouvinte, para que eu fosse me inteirando do que é um mestrado acadêmico. Além disso, sugeri que eu assistisse a algumas defesas para que eu fosse sentindo o clima da pós-graduação *stricto sensu*. Agradei por tudo e saí de lá convicto de que estava tendo uma grande oportunidade e de que não poderia deixar escapar. Mas tinha um problema, eu tinha muitas aulas em diferentes escolas e cursinhos. Já tinha dois contratos no governo do estado de Pernambuco (aprovação em dois concursos), além de três escolas particulares e um cursinho. Para não perder a oportunidade ofertada pelo amigo Ulysses de frequentar o LEA e, também, a pós-graduação, a solução foi pedir demissão do cursinho e de uma das escolas particulares. Mesmo sabendo que essa decisão iria afetar o meu orçamento familiar, foi exatamente o que fiz.

Naquele mesmo ano, 2008, comecei a frequentar esporadicamente o LEA e as aulas do professor Ulysses. Senti-me extremamente acolhido. Todo mundo disposto a ajudar. Eu pensava comigo mesmo: vou ter que entrar no mestrado para fazer parte desse grupo. Naquele ano, não tentei a seleção pois não me sentia preparado ainda. No ano seguinte, continuei frequentando o LEA e as aulas de Ulysses, quando era possível, pois ainda dava aula em muitas escolas. Eu ia feliz e entusiasmado ao LEA, pois sabia que além de encontrar pessoas maravilhosas e conversar sobre diferentes assuntos (relacionados à ciência ou não), também iria estar dando um importante passo rumo ao mestrado, aprendendo cada vez mais coisas novas. Sinceramente, tudo aquilo para mim era novo e instigante.

Naquele mesmo ano, em 2009, o professor Ulysses chamou-me no canto e falou que iria abrir uma turma de mestrado em Ecologia na UFRPE, e perguntou se eu já sentia que estava preparado para a seleção. Sem titubear, respondi que sim. Mas, na verdade, ainda não me sentia tão preparado assim. Uma vez que eu havia respondido que me sentia preparado para a seleção, Ulysses perguntou-me se caso passasse na seleção se eu aceitaria trabalhar no sul do Ceará, mais exatamente na Floresta Nacional do Araripe Apodi (FLONA-Araripe), com o pequi (*Caryocar coriaceum* Wittm.). Mais uma vez, rapidamente, respondi que sim. O professor então

me disse que eu já fosse pensando em um projeto na FLONA-Araripe com o pequi, que a seleção seria no fim do ano e que se eu fosse aprovado ele iria ser o meu orientador. Leitor, sabe aquela sensação de felicidade e, ao mesmo tempo, de nervosismo com um frio na barriga? Foi o que eu senti naquele momento.

No final daquele ano, participei da seleção e consegui ser aprovado no mestrado em Ecologia. Quando o resultado saiu, a felicidade tomava conta de mim. Junto com os amigos do LEA, que me deram tanto apoio e que foram essenciais no processo, fui comemorar bastante em um bar próximo da UFRPE. Que alegria, leitor, que alegria!

Passado aquele momento de êxtase, veio uma grande preocupação: Como fazer o meu trabalho de mestrado no Ceará, trabalhando ainda em muitas escolas? A solução foi pedir demissão de umas e solicitar afastamento de outras (aqui, o afastamento foi das escolas estaduais). Mais uma vez, houve uma queda na minha renda familiar, só que agora de forma mais agressiva, pois comecei o mestrado sem bolsa. Não tinha outra saída, aquilo era o que eu tinha que fazer para poder cursar o tão desejado mestrado. Conversei com a minha esposa, que também foi essencial na minha trajetória, em todos os sentidos, e decidimos reduzir ao máximo as despesas de casa, dando prioridade apenas às coisas que eram realmente necessárias, nada de supérfluos.

Então, em 2010, agora fazendo parte oficialmente do LEA, o mestrado veio. O primeiro ano, o ano das disciplinas, foi bem complicado para mim porque eu ainda mantinha aulas em algumas escolas. Portanto, eu precisava conciliar as atividades das disciplinas do mestrado com as atividades docentes. Chegou então o segundo ano, 2011, ano do campo lá na FLONA-Araripe. O trabalho de campo foi mais puxado ainda, especialmente, nos cinco primeiros meses do ano, período em que viajava toda semana do Recife ao Ceará. Um adendo: Naquele momento, estava trabalhando em uma escola privada, dando aulas da quarta a sexta-feira. Geralmente, viajava de ônibus na sexta-feira à noite, quando largava da escola. Chegava em Barbalha-CE no sábado bem cedo e já seguia para a floresta. Entre o sábado e a terça-feira, eram atividades de campo todos os dias. Na terça-feira à noite pegava o ônibus de volta ao Recife, chegando na quarta-feira bem cedo. Ao chegar em casa, só dava tempo de trocar de roupas e tomar um café, para dar aula na escola, no turno da manhã e da tarde. Tudo isso

se repetia toda semana. Não foi fácil, mas não foi mesmo! Chegava a ser bastante angustiante e desestimulante.

No segundo semestre de 2011, com todos os dados já coletados, era hora de começar a escrever de fato a dissertação. Tive muitas dificuldades, porém, mais uma vez, contei com a ajuda dos amigos do laboratório, sem falar do meu orientador, Dr. Ulysses, que sempre estava disposto para tirar todas as minhas dúvidas e me mostrar o melhor caminho a seguir com os dados. Atividades no LEA (e fora do LEA), como seminários, rodas de conversas e oficinas, foram essenciais para o meu amadurecimento como pesquisador. Tudo isso foi muito importante para os desdobramentos da dissertação, que culminou com a defesa, em fevereiro de 2012, e a aprovação por unanimidade. Mais um passo concluído na minha trajetória acadêmica, que gerou uma grande comemoração com os familiares e amigos do LEA. Detalhe: aqui a comemoração foi dobrada porque pouco antes de defender o mestrado recebi a excelente notícia de que havia sido aprovado no doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza, na mesma instituição, UFRPE. Na ocasião, só em pensar em me tornar Doutor me deixava fascinado.

Em 2012, no mesmo ano da defesa do mestrado, iniciei o doutorado, que visava continuar os estudos com o pequi na FLONA-Araripe. Decidi sair da única escola privada que ainda mantinha vínculo empregatício, continuando apenas nas duas escolas estaduais em que era concursado. A situação financeira ficou ainda mais difícil pois, também, iniciei o doutorado sem bolsa. Dessa forma, o primeiro ano de doutorado, ano de disciplinas para pagar, ocorreu em concomitância com as aulas das escolas estaduais. Foi complicado, mas julgo que foi mais leve do que o ano de disciplinas do mestrado.

A partir do segundo ano do doutorado, em 2013, consegui um novo afastamento das escolas estaduais e, agora sim, pude me dedicar exclusivamente à pós-graduação. Para mim, isso foi um alívio! Entretanto, o alívio promovido pelo afastamento das escolas estaduais se transformou, naturalmente, em um maior esforço no doutorado, pois o trabalho era pesado. Sem falar que as cobranças também aumentaram, o que era compreensível. Nesse ano, fui designado pelo Dr. Ulysses para presidir o V Encontro Pernambucano de Etnobiologia e Etnoecologia, realizado na UFRPE. Foi um enorme desafio, mas que estava disposto a desempenhar. Como

sempre, contei com a valiosa ajuda dos amigos do LEA para executar a tarefa tão importante e significativa para mim. Assim como deixei claro na época, eu tenho certeza de que não conseguiria realizar aquele evento se não fosse a ajuda dos “Lean@s”.


Ainda em 2013, comecei meus trabalhos de campo na FLONA-Araripe, que se estenderam até 2015. O ritmo foi bem mais puxado do que no mestrado, porque eu passava mais tempo (dias) na floresta, uma vez que o estudo era bem mais complexo. Na verdade, tudo do doutorado em si foi bem mais complexo e trabalhoso. Já esperava isso, é claro! Para poder cumprir tudo o que tinha que ser cumprido, foram muitas noites em claro. O que, também, era esperado. Para minimizar toda essa carga, além do suporte dos que faziam o LEA, vez ou outra sempre havia uma festinha onde tudo era extravasado. Ainda bem!

Continuando em 2013, tive a oportunidade, ofertada pelo LEA, de fazer um curso na Universidade Estadual Paulista (UNESP-Rio Claro) com os professores Mauro Galetti e Pedro Jordano, referências na área em que eu estava trabalhando (frugivoria e dispersão de sementes). Sem sombra de dúvidas, isso foi muito enriquecedor para a minha formação acadêmica. No ano seguinte, em 2014, dois episódios marcantes aconteceram, sendo um muito triste e outro muito feliz. Episódios estes que enxergo como divisores de água em minha vida. O triste foi que eu fui reprovado na qualificação do doutorado. Fiquei sem chão! Nesse momento, me vi em um beco sem saída. Deu vontade de jogar tudo para o alto, mas não o fiz. Precisava seguir firme, acreditando que o que estava acontecendo comigo era para o enriquecimento do meu trabalho de pesquisa, e que eu iria conseguir superar aquele revés e concluir o meu doutorado. Mais uma vez, não foi fácil! Muitas foram as pessoas que me encorajaram a seguir em frente, especialmente, os meus amigos “Lean@s”, inclusive, o professor Ulysses. O episódio feliz foi que consegui ser aprovado em um concurso para docente da esfera federal, o que eu tanto almejava. Foi no Instituto Federal do Piauí (IFPI) que consegui a tão sonhada aprovação. Agora, só faltava terminar o doutorado para fechar com chave de ouro. Só que não foi tão simples assim.

Ainda faltava muita coisa para concluir o doutorado: rerepresentar a qualificação, terminar a coleta dos dados e ter um artigo aceito ou publicado e um submetido para revista com Qualis no mínimo B1, na área de

biodiversidade da CAPES (exigência do programa), para poder defender a tese. Associado a tudo isso, havia tomado posse no concurso do IFPI, sendo lotado na cidade de São Raimundo Nonato. Logo, tinha as coisas do doutorado para concluir e as aulas do IFPI para dar conta. Com muita determinação e perseverança, segui e consegui defender a tese, em fevereiro de 2016. E continuo seguindo, enquanto houver sol.

Sou Gilney Charll Santos, Doutor em Etnobiologia e Conservação da Natureza pela UFRPE. Atualmente, sou Professor do IFPE – *Campus Belo Jardim*, onde atuo na área de Biologia geral e, também, como coordenador, orientador e colaborador de projetos de pesquisa e extensão. Sou pernambucano arretado, um recifense que adora sorrir, viajar, conhecer novas paisagens, culturas, povos e conversar com as pessoas. Gosto de praia, mas prefiro um sítio. Gosto de sol, mas prefiro os dias nublados e chuvosos (sem ser um toró). Sou tricolor, torcedor do Santa Cruz Futebol Clube (uma paixão). Adoro estar perto da família e dos amigos, seja falando de ciência ou qualquer outro assunto; jogando conversa fora, refletindo sobre as coisas da vida ou contando piadas. Acho maravilhoso quando esses momentos são acompanhados de uma boa música (prefiro rock, mas sou bem eclético) e de uma cervejinha bem gelada. Se não fosse professor/pesquisador, acho que eu seria um comediante, locutor ou apresentador. É o que dizem. Link do CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0103551920034775>



Aquelas pessoas que frequentam os laboratórios e escritórios acadêmicos, tendo a ciência (ou melhor as ciências, no plural) como profissão, são *as mesmas* que descansam em casa, tomam cerveja, ouvem música, vão a cultos religiosos, aos cinemas e às praias. Esses outros prazeres não surgem **depois** daquele prazer envolvido na busca (profissional) pelo saber científico, e sim o contrário. Até porque **nós não nascemos cientistas**; nós nos tornamos cientistas algum tempo depois de nascer. Este livro nos proporciona, com sucesso, o acesso a essa multidimensionalidade da vida das pessoas, sejam elas consideradas (pelos outros) como cientistas ou não.